

NOTÍCIAS DE
VICENTE SÓ
BRUSQUE E REGIÃO



UNIFEBE

Brusque

2018

Sociedade Amigos de Brusque e de Apoio ao Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim SAB/Casa de Brusque

Fundada em 4 de agosto de 1953

Reconhecida de Utilidade Pública: Lei Municipal nº 73 de 9 de março de 1954 - Lei Estadual nº 1162
de 12 de novembro de 1954 - Cadastrada no Ministério da Cultura sob nº 52.001.659/87-17
CNPJ: 83.721.639/001-93

Sede própria: Av. Otto Renaux, 285 - 88351-301 – Brusque – Santa Catarina
Fone: (47) 3351 2132 - E-mail: casadebrusque@gmail.com - Home Page: www.casadebrusque.com

DIRETORIA EXECUTIVA:

Presidente: Ricardo Vianna Hoffmann
Vice-presidente: Roland Imhof
Primeiro Secretário: Rosemari Glatz
Segundo Secretário: Ricardo J. Scharf
Primeiro tesoureiro: Gilmar Heil
Segundo tesoureiro: Gaspar Eli Severino
Diretora de Patrimônio: Maria Léa Gevaerd Backes

Conselho Fiscal:

Titulares: Gilson Ávila Hulbert, Marcus
Schlösser, Roque Luiz Dirschnabel
Suplentes: Sérgio Sebold, Antonio Cervi,
Francisco Daniel Imhof

CONSELHO EDITORIAL:

Roque Luiz Dirschnabel – Presidente
Celso Deucher
Edinéia Pereira da Silva Beta
Francisco Daniel Imhof
Francisco Daniel Imhof
Luciana Paza Tomasi
Pe. Eder Claudio Celva
Ricardo José Engel
Ricardo Vianna Hoffmann

Fundador: AYRES GEVAERD

Elaboração: Conselho Editorial

Edição e arte final: Celso Deucher

Coordenação editorial: Luciana Pasa Tomasi

Revisão: Francisco Daniel Imhof

Impressão: Gráfica Pallotti - Santa Maria - RS

Edição anual: 2018, Nº 66, Ano XVII - Tiragem: 500 exemplares

Capa: Primeiro quadro do Clube Esportivo Paysandú. Acervo: Casa de Brusque

Notícias de Vicente Só / Sociedade Amigos de
Brusque. – Ano 1, n. 1 (1977). – Brusque : Ed.
UNIFEBE, n. 66, 2018.
23 cm.

Anual
ISSN 2238-7064

1. Brusque - História. 2. Santa Catarina – História.
I. Sociedade Amigos de Brusque. II. Título.

CDD: 981.64

Sumário

Apresentação

Roque Luiz Dirschnabel.....05

“O mais querido”: Alguns apontamentos históricos dos primeiros 40 anos do Clube Esportivo Paysandú

Larissa Medeiros - Professor Orientador: Ricardo José Engel.....09

Pelznickel: uma cultura centenária trazida pelos imigrantes alemães que sobrevive ao tempo em Guabiruba

Rosemari Glatz.....47

A roca do idioma alemão nos teares do Berço da Fiação Catarinense: Considerações acerca do ensino da língua alemã em Brusque/SC

Emilia Rosenbrock.....79

Tempo para tudo: Ursula Paula Elysabeth Rombach fala sobre família, trabalho e histórias que o tempo não apaga

Por Thayse Helena Machado.....107

O dia em que Ayres Gevaerd disse “não” para a Academia Catarinense de Letra

Saulo Adami.....117

As comemorações dos 150 anos de imigração polonesa no Brasil

Celso Deucher.....121

Documentos oficiais 1871

Organização Luciana Pasa Tomasi.....153

Relatório de Atividades durante o ano de 2017.....158

Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim - SAB/Casa de Brusque..163

Instituto Aldo Krieger (IAK).....165

Museu Arquidiocesano Dom Joaquin.....167

Apresentação

A Sociedade Amigos de Brusque e de Apoio ao Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim é a guardiã do mais importante acervo cultural da região desde a fundação da colônia de Itajahy liderada pelo Barão de Schneeberg em 1860. Uma guardiã que protege e preserva a identidade cultural ao mesmo tempo em que auxilia nas pesquisas históricas e na disseminação desse conhecimento com a publicação do Anuário Notícias de Vicente Só.

Entregamos a você, leitor, mais uma edição deste anuário produzido pela SAB/Casa de Brusque. Artigos e memórias marcantes da nossa história eternizam-se ao longo das próximas páginas.

Estampa a nossa capa a história do Clube Esportivo Paysandú, de autoria do mestre em Ciências Jurídicas e escritor Ricardo José Engel, que nos dá o prazer de conhecer a trajetória secular do Paysandú, a qual continua nas mais nobres lembranças de muitos simpatizantes, inclusive sendo conhecido como “o mais querido” clube de futebol de Brusque e região.

O professor Ricardo em parceria com a acadêmica Larissa Medeiros, faz sua narrativa com maestria imbuído de muito entusiasmo e com o devido senso de responsabilidade que lhe é peculiar. Pesquisou a história dos 100 anos da entidade, descobriu imagens e fontes fidedignas dos feitos e conquistas que marcaram época, revelando a origem do nome Paysandú, cidade do Uruguai palco em 1865 de uma revolução entre os partidos políticos Blancos e Colorados.

Intitulado de “O mais Querido”, o artigo levará o leitor a conhecer o envolvimento dos grandes colaboradores, que não mediram esforços na construção desse legado histórico. Também a descobrir os aspectos esportivos, socioculturais e as curiosas modalidades de esporte e lazer que proporcionaram a toda comunidade momentos de muita alegria e júbilo.

Além disso, o professor Ricardo coloca à disposição dos interessados sua valorosa contribuição para novas pesquisas, visando buscar outras facetas dessa emblemática agremiação alviverde.

Nesta edição, o leitor conhecerá a história do Pelznickel sob a ótica da dedicada professora e escritora Rosemari Glatz. Tradição que se mantém viva na memória dos guabirubenses desde a colonização dos primeiros imigrantes alemães. O artigo destaca a identidade cultural dos colonizadores, em sua maioria de origem badense, que mesmo diante das adversidades, conseguiram preservar seus valores, tradições e folclore.

Por meio de entrevistas e pesquisa documental, a autora registra os principais fatos históricos e sentimentos guardados pela comunidade do Pelznickel, que se tornou um personagem emblemático em toda região e com grande potencial turístico.

Em bem elaborado artigo, com a indicação de fontes documentais, a professora Emilia Rosenbrock, mestre em Educação, licenciada em Letras com Habilitação para o Alemão, relata a trajetória do ensino da língua alemã no Brasil, principalmente no sul do país, decorrente do processo de imigração dos povos germânicos. Trata-se de um estudo técnico-científico envolvendo a legislação pertinente à educação formal e seus desdobramentos e implicações na introdução do ensino e aprendizado da língua alemã na educação escolar.

A professora Emilia retrata a preocupação dos imigrantes com a alfabetização das crianças e a ordem cronológica do funcionamento das escolas públicas e particulares no interior da Colônia. Informa que inicialmente as aulas eram ministradas na língua alemã, mas a língua nacional, no caso o português, sempre foi levado em conta para atender às necessidades públicas.

Revela ainda as facetas da campanha de nacionalização, bem como a instituição da língua alemã na grade curricular nas escolas públicas e particulares da região. Por fim, deixa claro que para atender as exigências do mercado global é preciso ir além de saber ler, escrever, falar ou compreender uma língua estrangeira. É preciso estar preparado para a formação de uma competência intercultural e plurilíngua.

Já a jornalista Thayse Helena Machado nos brinda com a história da professora Ursula Paula Elysabeth Rombach, de 84 anos. A entrevista redesenha o cotidiano da vida dedicada ao trabalho e mostra como a trajetória da família Rombach mistura-se com a própria história de Brusque, município que a acolheu.

Outrossim, temos em foco artigo do conhecido escritor Saulo Adami intitulado “O dia em que Ayres Gevaerd disse ‘não’ para a Academia Catarinense de Letras”, escrito com base em correspondências que detalham a recusa e o convite dirigido ao saudoso historiador para ocupar uma cadeira na Academia Catarinense de Letras (ACL), considerando seu trabalho na preservação do patrimônio histórico de Brusque.

O leitor encontrará no artigo seguinte, a história da imigração polonesa no Brasil, de autoria do jornalista e escritor Celso Deucher, contendo dados e informações inéditas sobre a vinda dos poloneses a Brusque e região, bem como, a sua contribuição para o desenvolvimento da indústria têxtil. Destaca-se “As comemorações dos 150 anos de imigração polonesa no Brasil”, como marco histórico dessa luta repleta de conquistas e sonhos realizados.

O leitor poderá ainda inteirar-se de documentos manuscritos do período colonial encontrados no arquivo do Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim, transcrito pela historiadora Luciana Pasa Tomasi, secretária administrativa da SAB/Casa de Brusque. A historiadora é fundamental para que esse guardião da identidade cultural de Brusque e da região mantenha-se em constante atividade.

As atividades realizadas durante o ano de 2017 também estão neste anuário, como forma de divulgar e prestar contas das ações da entidade. Por fim, apresentamos as instituições museológicas de Brusque, como forma de divulgação do importante trabalho que elas realizam em prol da preservação da nossa cultura e história.

Esperamos que essa revista leve até você um pouco da identidade cultural de Brusque e região. Desejamos uma boa leitura e até a próxima edição.

Roque Luiz Dirschnabel
Presidente do Conselho Editorial



Primeiro time do Paysandú, ano 1919. Da esquerda para a direita: Paulo Renaux – presidente, Victor Aldemar Gevaerd, Antero da Silva, Adolfo Bauer, Germano Jacobs, Luiz Zanon e João Belli. Na mesma ordem, de joelhos: Osvaldo Gleich, Adolfo Walendowsky e Fritz Ammann; sentados: Francisco Grotti, Augusto Moritz e Luiz Gevaerd. Acervo: Casa de Brusque

“O mais querido”: Apontamentos históricos dos primeiros 40 anos do Clube Esportivo Paysandú

**Ricardo José Engel¹
Larissa Medeiros²**

PALAVRAS CHAVE: Clube Esportivo Paysandú; centenário; história; esporte; futebol; corrida do facho; bolão; bailes; carnaval; patrimônio; títulos

¹ Professor do Curso de Direito da Unifebe. Coautor do livro “Para sempre o Mais Querido – história e memória do Clube Esportivo Paysandú”, publicado em 2018. Mestre em Ciência Jurídica pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI (2001).

² Aluna do Curso de Educação Física da Unifebe.

Introdução

Neste estudo, pela necessidade de um recorte cronológico, o enfoque temático se restringe ao período que se estende da fundação do clube até o ano de 1958, no ano de seu 40º aniversário e um ano após a conquista do título estadual da Divisão Especial de Profissionais. Noutra oportunidade, pretende-se focar aspectos relevantes do período seguinte até a atualidade.

O escopo genérico deste estudo é o de promover um resgate histórico parcial da centenária trajetória esportiva do Clube Esportivo Paysandú, o “Mais Querido” da rua Pedro Werner, em Brusque, com ênfase nos aspectos esportivos (futebol) e socioculturais (carnavais, bailes de gala, festas juninas, corridas do facho) dessa entidade, buscando desvelar, resgatar, e ao fim condensar e consolidar as informações num único texto que constitua registro relevante e sirva de consulta as gerações presentes e futuras, como relevante contribuição para historiografia do futebol catarinense e da comunidade regional.

A fundação do Clube

Em Brusque, a exemplo do que ocorreu em outras cidades do Estado de Santa Catarina e do país, na década entre 1910 a 1920, começavam a nascer entidades recreativas que buscavam oferecer práticas desportivas diversas daquelas trazidas pelos imigrantes ou antepassados, no nosso caso, alemães e italianos, e consistentes em esportes como o tiro ao alvo, a ginástica, o bolão e a bocha. O *Skat* era muito difundido e praticado, inicialmente na Casa dos Atiradores e depois no famoso Salão Wilhelm, bem como em casas de negócios e bares.³

Buscando viabilizar meios para diversão e entretenimento, pequenos grupos de jovens começaram a fundar seus clubes, porém de efêmera duração. De registrar-se que a prática do teatro era a mais difundida, merecendo destaque o “Grupo Dramático Horácio Nunes”. O predomínio, todavia, pertencia ao veterano e tradicional *Schützen-Verein* (atual Clube de Caça e Tiro Araújo Brusque), seguido da Sociedade Ginástica

³ GEVAERD, Ayres. Clube Esportivo Paysandú. In: Álbum do Centenário de Brusque. Edição da Sociedade Amigos de Brusque, 1959. P. 183.

(Bandeirante), Grupos de Cantores e grupos de *Skat*.

Neste contexto, o futebol começa a aparecer como novidade, ensaiando seus primeiros passos em variados clubes. O primeiro clube fundado na cidade – e para muitos, no estado - foi o hoje centenário S. C. Brusquense (depois Clube Atlético Carlos Renaux), fundado em 14.09.1913 e que dois anos depois da sua fundação experimentou uma fase de declínio, ressurgindo em 1919, para rivalizar com o nascente Paysandú.

Era verão de 1918 e o mundo recentemente havia voltado a respirar a paz. Na pacata vila Brusque, que há três anos havia conquistado a condição de “cidade”, o ano parecia apagar suas luzes sem maiores novidades. Mas aquele dezembro, que também já ia para seu final, estava destinado para algo histórico: um grupo de amigos desportistas, onze jovens entusiastas e idealistas, se reúne com o propósito deliberado de fundar uma nova agremiação esportiva e recreativa na cidade. Assim, naquela manhã de 30.12.1918, nascia um novo clube, sob o nome de *Sport Club Paysandú*, que mais tarde mudaria para Clube Esportivo Paysandú, predestinado a grandes feitos e para se tornar um dos clubes mais queridos e de maior tradição de Brusque!

Transcrevemos, a seguir, a histórica ata de fundação, em seu inteiro teor:

Pelo Sr. Victor Gevaerd foi convocada para hoje, às 11 horas, uma reunião a fim de tratarmos da fundação do Sport Club Paysandú, reunião esta que esteve bastante concorrida. Depois de lido um pequeno discurso pelo Snr. Victor, deu-se por aberta a sessão onde foram por mim, secretário provisório, lidos os estatutos, os quais foram aceitos por unanimidade de votos. A pedido do Sr. Victor assinarão ao fechar a presente, os sócios fundadores. Sem mais, dou por finda a presente. Aos 30 de dezembro de 1918. O secretário provisório Adolpho Bauer. Ass. Rodolpho Moritz, Augusto Moritz, Arnoldo Moritz, Rudolpho Deichmann, Luiz Alves Gevaerd, Otto Demarchi, Victor A. Gevaerd Sobr., Pedro Gevaerd Sobrinho, Adolpho Walendowsky e Fritz Ammann.

Estava então, efetivamente fundado o Clube Esportivo Paysandú, hoje motivo de orgulho e júbilo para todos os brusquenses e catarienses.

Por que o nome “Paysandú”?

Por ocasião da reunião de fundação, aqueles jovens já haviam definido o nome do Clube: Paysandú. Diferentemente de outros clubes, que alteraram sua denominação ao longo da história, este clube até hoje ostenta seu nome central: Paysandú, conforme se escreve em castelhano, com “y”, seguido de apenas um “s” e acento no final. E qual seria a razão da escolha deste nome, qual seu significado?

Paysandú, cidade do Uruguai, foi palco, dia 2 de janeiro de 1865, do episódio histórico denominado “A Tomada de Paysandú”, do qual, participaram, tropas e esquadras brasileiras comandadas, respectivamente, pelo General Mena Barreto e pelo Almirante Tamandaré. Esse episódio não tem qualquer ligação com a guerra do Paraguai, mas sim com as sangrentas lutas que, no Uruguai, envolviam sempre os partidos políticos “Blancos” e “Colorados”.

O nome representa muito para a história brasileira, traduzindo uma homenagem feita pelos fundadores, aos defensores da fortaleza “Leandro Gomes”, à bravura de soldados brasileiros e o grande feito de armas, numa operação na cidade uruguaia de Paysandú⁴ no ano de 1864 e início de 1865, quando o Brasil sentiu a necessidade de intervir militarmente no Uruguai, em razão da revolução entre Blancos e Colorados, que colocava em risco a paz na América do Sul. Os nossos soldados, numa página de bravura e patriotismo, mantiverem-se na luta até final derrota do revolucionário Leandro Gomes. Em homenagem à heroica cidade de Paysandú e seus bravos, os fundadores da agremiação brusquense deram à sociedade o nome de Sport Club Paysandú.

Os primeiros passos no esporte: futebol

Fundado o clube, era preciso providenciar um “ground”, ou seja, um campo de futebol. Sem terreno próprio, os jovens esportistas realizavam jogos e treinos na “Rua Itajaí” (atual Barão do Rio Branco), porém o

⁴ Paysandú é uma cidade uruguaia, sendo a capital de um Departamento do mesmo nome. Trata-se da segunda maior cidade do país, uma das mais importantes, com 90.251 habitantes (2009). Situada na margem leste do Rio Uruguai, dista 368 km da capital do país, Montevidéu. noturna.

terreno era de péssimas condições, deixando descontentes os jogadores. A solução veio através do aluguel/arrendamento de amplo terreno na mesma rua, no qual já existia um “campo de futebol” e pertencente à empresa E.v. Buettner & Cia Ltda. Os preparativos do gramado ficaram ao encargo do Sr. João Belli e em 1920 era inaugurada a nova cancha esportiva, com a realização de seu primeiro jogo amistoso. O valor mensal do aluguel desse campo era de 4\$000 (quatro mil réis), embora o pagamento fosse feito trimestralmente, locação que durou até o ano de 1922. Atualmente, no mesmo terreno, encontram-se as ruas Afonso Pena, Riachuelo e Henrique Bosco.

Na época, em uma das margens do mencionado campo, existia expressiva quantidade de árvores, grandes e frondosas, remanescentes da mata seminativa, local ideal para piqueniques realizados com certa frequência. Nessas ocasiões as moças trajavam belos vestidos, espécie de uniforme com distintivo do clube, presentes outrossim pequenos grupos artísticos com violino, bandôneo, cavaquinho, violão, entre outros. No campo também costumavam acontecer jogos de basquete ou algo parecido, esporte muito difundido entre os jovens da época. Tinham lugar, ainda, partidas de “tamborim”, modalidade parecida com o jogo do tênis, além de outras diversões como “cabra-cega”.

A diretoria começou também, desde logo, a trabalhar no sentido de organizar uma equipe de futebol, bem como a promover reuniões sociais. Assim foi que a primeira equipe de futebol foi organizada, sendo relevante citarmos a composição desse primeiro time de “sportmans” do Paysandú. Eis o quadro do nascente alvi-verde, organizado em 13 de fevereiro de 1919, por deliberação do Capitão Geral Fritz Ammann: Augusto Moritz, Luiz Gevaerd e Francisco Grotti; Fritz Ammann, Adolpho Walendowsky e Osvaldo Gleich; Luiz Zanon, Germano Jacobs, Adolpho Bauer, Antero da Silva e Victor Gevaerd.

Foi com este time que o Paysandú realizou seu primeiro jogo, contra aquele que seria o grande rival, o Sport Club Brusquense (Clube Atlético Carlos Renaux), em 08.06.19, vencido pelo Paysandú por 3 a 1. O time do S. C. Brusquense foi derrotado com: Bernardo Kirchner; Arthur Gevaerd e Rodolfo Schlösser; Adolfo Silveira, Alexandre A. Gevaerd e E. Petruwsky; Gustavo Dietrich, Arthur Olinger, Guilherme Diegoli, Arnaldo Graupner e José Gartner.



Campo de futebol ainda no terreno da firma Buettner, entre 1919 e 1920. Evento festivo do Paysandú, tendo como visitante o Brasil Sport Club de Tijucas. Acervo: Casa de Brusque



Paysandú apresenta sua bandeira oficial em 04.09.1927. Jogo oficial contra o Blumenauense. Acervo: Casa de Brusque

O feito trouxe ânimo à equipe alviverde, que intensificou treinamentos e no dia 20 de julho de 1919, contra o 20 de Julho F. B. Club, de Itajaí, partida vencida pelo Paysandú por 3 a 2.

A primeira “excursão” do time principal (“1º team”) aconteceu em 18 de janeiro de 1920 e o destino foi a cidade de Tijucas, visando confronto (“match”) com o poderoso quadro do Brasil Futebol Clube, daquela cidade. Tratava-se de um dos melhores times do Estado. Ainda em 1920, vale consignar que o Paysandú já possuía seus dois times, sendo capitão (“captain”) do primeiro o Sr. Victor A. Gevaerd e do segundo o Sr. Antônio Maluche.

Como é notório, para apresentar um bom futebol era preciso esmerar-se nos treinos. No mesmo ano o Clube já demonstrava sua seriedade para com o esporte, no sentido de exigir assiduidade e bom preparo de seus atletas. Para isso, era fundamental comparecer aos “trainings”, ou seja, aos treinamentos, que ocorriam nos três primeiros domingos de cada mês. Neste sentido, por decisão da diretoria tomada em outubro de 1920, todo sócio-atleta que, designado para fazer parte dos treinamentos, nele não comparecesse, estava sujeito a uma multa estipulada em \$500 (quinhentos réis), recolhidos ao caixa do clube. Folga? Somente no último domingo do mês! No entanto, a referida folga poderia ser antecipada para qualquer outro domingo do mês em caso de mau tempo ou força maior que impedissem o treinamento no domingo previsto.

No dia 14 de agosto de 1921, o Clube Esportivo Paysandú teve a honra de ser convidado a participar dos festejos do primeiro aniversário do Fott-ball Club Blumenauense (mais tarde Grêmio Esportivo Olímpico). Mais que isto, foi-lhe reservado realizar o jogo principal do dia contra o Blumenauense, conforme narrado no jornal “Brazil” de Blumenau, edição de 21.08.1921⁵

A Corrida do facho

Modalidade esportiva muito curiosa e interessante é a denominada Corrida do Facho que faz parte da história do Clube Esportivo Paysandú. A Corrida do Facho começou ser realizada nas Festas de São

⁵ DAY, Adalberto. O Foot-Ball Club Blumenauense. Disponível em <http://adalbertoday.blogspot.com>.

João a partir de 1939, no contexto das diversas atividades das festas juninas. Idealizada pelo Sr. José Boiteux Piazza, esta corrida era uma prova pedestre e noturna, pelas ruas da cidade, na qual atletas amadores, empunhando archotes – fachos – em todo o percurso, disputavam a conquista do melhor desempenho em um trajeto previamente definido pela comissão organizadora do Paysandú, evento que se tornaria, depois, verdadeira tradição local. Como tradicionalmente a corrida era noturna, os competidores corriam com o um facho na mão, que, no caso da corrida por equipes, passava de um para outro, iluminando o caminho. O facho foi substituído por um bastão e depois abandonado como instrumento a ser portado pelos atletas, mas o nome acabou mantido.

O vencedor, além do troféu, tinha o direito de acender a fogueira instalada no campo do Paysandú.

Oswaldo Petermann é o nome do vencedor da primeira corrida, realizada com excepcional brilhantismo, sagrando-se campeã a equipe da Liga São Luiz, que levou para casa, em definitivo, a “Taça Cidade de Brusque”, troféu que a prefeitura de Brusque oferecia anualmente ao vencedor. A partir de junho de 1953, o segundo colocado levava a “Taça Henrique Bosco”.

Dos documentos históricos da agremiação pode-se ver que em 24 de junho de 1939 o Clube Paysandú expediu ofícios a diversas entidades associativas de Brusque e cidades vizinhas, bem como a diversas autoridades, convidando-os a participarem deste novo evento esportivo. De 1939 em diante a Corrida do Facho passou a ser realizada anualmente, com extremo êxito. Já em 1940, a competição começa a ter a participação de associações de outras cidades, o que veio destacar ainda mais a competição.

A competição, dirigida exclusivamente a atletas amadores, permitia a inscrição individual, para maiores de 21 anos ou por equipes (coletiva) para maiores de 18 anos. As equipes compunham-se de cinco atletas, e deveriam representar clubes, agremiações esportivas, estabelecimentos ou órgãos de ensino, sendo que cada entidade poderia inscrever até três equipes. A premiação por equipe ia até o 3º lugar e a premiação individual até o 10º e, mais tarde, até o 15º melhor classificado.

O percurso da prova consistia em quatro voltas completas em um percurso previamente indicado e que no ano de 1971 foi o seguinte:

saída na rua Prefeito Germano Schaefer, em frente ao atual terminal urbano, seguindo pela rua Adriano Schaefer, av. Cônsul Carlos Renaux, rua Alexandre Athanásio Gevaerd, e retorno para a rua Pref. Germano Schaefer. A prova, que iniciava às 19 horas, exigia que os atletas estivessem no local da larga, devidamente uniformizados, pelo menos 15 minutos antes do horário marcado.

Completado o percurso definido pela organização, o último atleta classificado recebia um ponto, o penúltimo dois, o antepenúltimo três pontos e assim sucessivamente, até alcançar o primeiro classificado que obteria a quantidade de pontos igual ao número de atletas que completaram o percurso.

No festival junino de 1953 foram introduzidas na corrida do Facho benéficas alterações, possibilitando maior afluência de pessoas e maior arrecadação oriunda de rifas, barraquinhas, etc. Confira abaixo, os vencedores (Equipe e Individual) da Corrida do Facho, desde sua primeira à décima nova edição

- 1939 – Liga São Luiz – Osvaldo Petermann
- 1940 – CIP FBC – Itajaí – Túlio Tenerscheidt
- 1941 – 32º. BC – Blumenau – Ataliba Sadomenico
- 1942 – Tiro de Guerra 317 – Vicente Debrassi
- 1943 – Clube E. Paysandú – Osvaldo Petermann
- 1944 – Caxias Voleibol – Osvaldo Petermann
- 1945 – Tiro de Guerra 317 – Osvaldo Petermann
- 1946 – S. E. Bandeirante – Dionísio Debrassi
- 1947 – Tiro de Guerra 170 – Dionísio Debrassi
- 1948 – C. E. Paysandú – Dionísio Debrassi
- 1949 – Tiro de Guerra 170 – Dionísio Debrassi
- 1950 – Tiro de Guerra 170 – Dionísio Debrassi
- 1951 – Tiro de Guerra 170 – Guilherme Burigo Jr.
- 1952 – Tiro de Guerra 170 e C.E. Paysandú - Guilherme Burigo Jr.
- 1953 – Tiro de Guerra 170 – Guilherme Burigo Jr.
- 1954 – Tiro de Guerra 170 – José Schlindwein
- 1955 – C.E. Paysandú – Guilherme Burigo Jr.
- 1956 – G.E. Olímpico (Blumenau)
- 1957 – G.E. Olímpico (Blumenau) – Waldemar T. Souza

A Corrida do Facho deixou de ser realizada há vários anos por razões várias, sendo a última edição de 2009.

Outras modalidades de esporte e lazer

Final da década de 1940. Enquanto outras entidades associativas já dispunham de uma cancha de bolão, os associados do Club Sportivo Paysandú ressentiam-se dessa modalidade desportiva. Essa situação, todavia, teve fim em 21.08.1948, quando foi inaugurada a Cancha de Bolão do Paysandú, com a presença de grande número de associados, bem como autoridades municipais como Guilherme Renaux, presidente da Câmara Municipal, Jorge Edgar Ritzmann, Promotor Público, representantes da Sociedade Beneficente, e várias outras pessoas da comunidade. Os festejos de inauguração prolongaram-se até altas horas da noite, num ambiente de franca harmonia e satisfação, pois com a inauguração desta seção do clube, mais uma diversão está à disposição de todos os associados.

Não raro, um espaço debaixo da arquibancada. As equipes eram modestas e não era nelas que se pensava quando se pronunciava o nome Paysandú. Mas o clube reconhece a importância desses jogadores que mantiveram viva a prática de um dos primeiros esportes disputados na comunidade brusquense: o bolão.

As equipes do Paysandú garantiram a prática desse esporte durante toda a história do clube desde a sua fundação e bem representaram as cores verde e branca em campeonatos locais, regionais e até mesmo em outros estados, sempre alcançando bons resultados.

Em 1957, sob a presidência de Oscar Maluche, foi ampliada e reformada a pista de bolão, introduzindo-se todos os requisitos modernos, melhoramentos que proporcionaram resultados mais positivos, especialmente na organização de grupos que passaram a ocupar o espaço, em quase todos os dias da semana da semana, realizando partidas simples e torneios.

Em 30 de dezembro de 1957 chegava à Presidência do Clube um de seus sócios beneméritos, o Sr. Arthur Appel. Há muito tempo um dos lutadores da causa alviverde e tendo dedicado grande parte de sua existência em favor do Paysandú, iria se tornar um presidente

dinâmico, não medindo sacrifícios para o engrandecimento de seu clube. Afinal, era talvez um dos mais apaixonados torcedores do “mais querido”. Procurou atender às necessidades mais urgentes da Praça de Desportos. Neste contexto é que as pistas de bolão iniciadas pelo seu antecessor, mereceram toda atenção do novo presidente e já no dia 08 de fevereiro de 1958 eram inauguradas as duas canchas de bolão, tendo lugar a realização de um torneio, do qual participaram equipes de vários municípios, tais como Joinville, Gaspar, Itajaí, Blumenau, Jaraguá do Sul, além de várias equipes locais. No decurso de 1958, o Departamento de Bolão promoveu um campeonato da cidade e do qual participaram seis clubes, sagrando-se campeã a equipe do Sesi e vice a Sociedade Beneficente de Brusque.

A partir daí, foram muitos os torneios de bolão levados a efeito e nos quais participavam, entre outros, clubes de Curitiba, Joinville, Itajaí e Blumenau. Ao longo dos anos, várias equipes foram criadas. As de maior relevância foram a Marabá e 21 de Junho, que venceram inúmeros campeonatos.

O basquete em Brusque era praticado, inicialmente, apenas por moças (“senhorinhas”) e somente mais tarde por rapazes. Em 07 de agosto de 1925, sob proposta do sócio Henrique Bosco, foi levantada a ideia de criação de um time de basquete (basquet-ball), ficando deliberado em reunião de diretores e sócios, a criação de um grupo para estudar a forma de implementação deste esporte.

Quanto à prática do Voleibol, no ano de 1944 foi fundada uma seção de Voleibol feminino e masculino, denominada Paysandú Voley Club, dirigido por diretoria própria e cujo campo foi inaugurado em agosto do citado ano.

Em 1950 o Paysandú buscava implementar a construção de um campo de Voleibol, iniciativa e concretização do Sr. Erico Appel, que fez a doação. A inauguração desses melhoramentos, como não poderia deixar de ser, foi entusiástica e realizada nos dias 30 e 31 de dezembro, data do 32º. Aniversário de fundação do clube.

A praça esportiva própria

Em 1922 a diretoria do clube, sob a presidência de Carlos Luiz

Gevaerd, começaria a concentrar esforços no sentido de conseguir seu próprio campo de futebol, além de uma sede social. Em reunião, os dirigentes decidiram comprar um terreno de propriedade do Sr. Antônio Maluche, sócio do clube, o que permitiria ao clube instalar-se em sua própria praça de esportes. A decisão foi recebida entusiasticamente pelos associados. Mas, e o dinheiro, de onde viria? O clube vivia o problema dos poucos recursos financeiros, pois tímidas eram as arrecadações sociais, fonte de renda para as despesas e investimentos do clube. Por decisão da diretoria, foi aprovada a coleta de fundos entre associados e simpatizantes, bem como organizada uma tómbola com variados prêmios. Do projeto à prática havia, contudo alguma distância, surgindo os primeiros tropeços e desilusões. As arrecadações eram fracas e não estavam permitindo o resgate de dívidas de vulto, limitando-se, basicamente, ao pagamento das obrigações correntes e aos trabalhadores que prestavam serviços na remoção de barro, nivelamento do solo e outras despesas pequenas.

Impunha-se, agora, preparar o terreno para a prática do futebol. O espírito de sacrifício seria exigido, mais do que nunca, dos diretores, associados e simpatizantes. As horas disponíveis eram todas aproveitadas nos serviços de terraplanagem, não sendo incomum que em alguns dias se trabalhasse inclusive à noite. Assim, com auxílio da comunidade simpatizante do Paysandú, bem como dos seus próprios atletas e sócios, num sistema de revezamento de labor comunitário, procedeu-se a retirada do aterro, limpeza do terreno, arborização das imediações e construção do tão sonhado campo de futebol.

Por fim, em 19 de abril de 1923, sendo presidente o Sr. Antônio Maluche, foi definitivamente concretizada a compra do terreno, que tinha aproximadamente dez mil metros quadrados. Com a atitude benevolente do proprietário do terreno, que facilitou as condições de pagamento por meio de módicas prestações, mais que isto, doou grande parte do terreno, foi possível dar mais um significativo passo para a história do clube. Ao preço de \$500 (quinhentos réis) o metro quadrado, o Paysandú assumiu o compromisso de pagar 1:000\$000 (um conto de réis) anual, vencível em todo mês de janeiro, a contar de 1925.

A inauguração do Estádio próprio e do Pavilhão ocorreu em 15.06.1924, batizado de “Praça de Desportos Coronel Carlos Renaux”,

mais tarde denominado de Estádio Cônsul Carlos Renaux. Presentes à solenidade achavam-se as autoridades locais, tendo o Superintendente João Schaefer representado o Governador do Estado, Dr. Hercílio Luz, as sociedades brusquenses com os seus respectivos estandartes, representação do Brasil F. B.C. de Tijucas e União F.B.C. de Nova Trento, imprensa, além de grande número de sócios, simpatizantes e populares. Vários oradores se fizeram ouvir, tendo o discurso oficial sido proferido pelo Sr. Adolpho Silveira. A festividade teve sequência à tarde, com o jogo entre o segundo time do Paysandú e o União F.B.C. e em seguida a partida principal, entre os primeiros quadros do Brasil F.B.C e o Paysandú.

No quadro de Tijucas, naquele tempo um dos melhores do Estado de Santa Catarina, jogava na posição de centroavante, Josef Schneider, alemão, que residia no Núcleo Esteves Júnior, e que, apesar dos anos, aproximadamente 40, era um verdadeiro mestre da bola. Muito inteligente e técnico, realizava jogadas magistrais, sendo hoje, por esses dotes, lembrado por quantos o conheceram ou se dedicam à história e memória do futebol catarinense. Em novembro de 1923, o Paysandú já havia enfrentado o Brasil, na cidade de Tijucas, cujo triunfo do alviverde motivou entusiasmado telegrama, datado de 25.11.1923: *“Manifestação colossal! P.t. Vencemos 1 x 0!”*

Um campeonato municipal de futebol e o primeiro jogo interestadual

Iniciava-se a década de 1930. Com a orientação dos Srs. Henrique Bosco e Víctor A. Gevaerd, esportistas de reconhecidos méritos, foi levado a efeito pelo Paysandú, um campeonato municipal de futebol, reunindo dez (10) clubes, cada um com dois quadros. Apesar do regulamento elaborado para a competição, ressalta Ayres Gevaerd⁶ que não se obteve êxito completo, em virtude de os clubes ainda carecerem da necessária concepção cultural para se congregarem em Liga, pois todos entendiam ser mais interessante continuar usufruindo da relativa liberdade.

⁶ GEVAERD, Ayres. Clube Esportivo Paysandú. In: Álbum do Centenário de Brusque. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1960. p. 185



Time do Paysandú: Waldemar Petermann, Alfredo Deichmann, José Bolognini, Raul Krieger, Ernesto Appel, Antonio Haendchen, Soni Kühn, Pedro Morelli, Geroldo Appel, Janga Rosin e Erico Appel - Foto arquivo de Gilson Roberto Deichmann. Acervo: Casa de Brusque

O evento, no entanto, teve o mérito de difundir bastante a prática esportiva no interior, mormente o futebol. Depois que apareceram jogadores semiprofissionais e também com a necessidade de oficializar-se as disputas, é que passou a haver maior compreensão dos clubes.

Em 03 de dezembro de 1932, realizou o Paysandú a sua primeira partida interestadual, jogando contra o C. A. Ferroviário, de Curitiba, cuja partida terminou com empate de três gols.

O futebol, porém, continuava amador, com maior ou menor intensidade, geralmente praticado com os clubes de Blumenau, Itajaí, Tijucas e Nova Trento, com visitas recíprocas. Nos primeiros anos da década de 30, os torneios de futebol, dos quais participavam em geral 4 a 6 grandes clubes, eram até então, as grandes festas sociais e esportivas do Vale do Itajaí.

O fim do amadorismo: filiação às Ligas Desportivas

Era pensamento há muito vigente, o de criar uma liga desportiva que

pudesse associar diversos clubes da região. Neste contexto, a primeira tentativa de criar-se uma Liga de Desportos regional partiu de Itajaí, no ano de 1922, por iniciativa do Sr. Mascarenhas Passos, primeiro presidente do Clube Náutico Marcílio Dias, clube daquela cidade fundado em 1919. A reunião ocorreu em Itajaí, no dia 28.04.1922, e o Paysandú fez-se representar pelos Srs. Victor A. Gevaerd e Reynoldo Gleich. Em junho daquele ano, nova reunião da então denominada Liga Catarinense de Desportos, em Itajaí, na qual compareceram os representantes alviverdes Olívio A. Leite e Manoel P. da Costa. Dois meses depois, decidiu o Paysandú, “por motivos imperiosos” não mais fazer parte da referida Liga desportiva, oficiando aquela entidade a respeito da decisão. Com efeito, teve vida efêmera a Liga sediada em Itajaí.

A imprensa local anuncia, em janeiro de 1930, o desejo do Paysandú de filiar-se a Federação Catarinense de Desportos, para disputar o campeonato de 1930.⁷

Tem-se uma segunda tentativa em nossa região: em maio de 1931, fundou-se em Blumenau, com o escopo de congregar os clubes de Blumenau e Brusque, a denominada *Liga Desportiva Catarinense*. Relata Ayres Gevaerd⁸ que “em 7 de setembro, numa estreia das mais auspiciosas, jogavam em Blumenau dois combinados formados por atletas dos Clubes filiados, vencendo brilhantemente por 3 a 2 o Combinado Brusquense (Paysandú e S. C. Brusquense). Mas, na sequência, nenhum campeonato foi organizado, sendo que apenas partidas amistosas foram realizadas. Portanto, constata-se que, lamentavelmente, referida Liga não alcançou seus objetivos. Sentindo a ineficácia da filiação à referida liga, em reunião de 09 de novembro de 1931, decidiu a Diretoria do Paysandú retirar-se definitivamente da Liga Desportiva Catharinense, fundada com os mais úteis e nobres propósitos.

Isso não significa, todavia, que o futebol amador reinante entre os clubes estivesse em má fase ou que faltassem atletas para compor equipes. Ao contrário, como bem observa Ayres Gevaerd⁹, não era por falta de quadros que as Ligas não vingavam. “Assinado pelo sr.

⁷ Jornal “O Progresso”, janeiro de 1930.

⁸ GEVAERD, Ayres. Clube Esportivo Paysandú. In: Álbum do Centenário de Brusque. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1960. p. 185

⁹ GEVAERD, Ayres. Clube Esportivo Paysandú. In: Álbum do Centenário de Brusque. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1960. p. 186

Mário Razzini, foi enviado ofício pelo Brasil F.B.C. de Blumenau, ao Paysandú, propondo 3 jogos amistosos assim condicionados: com o primeiro quadro uma ajuda de custo de 70\$000, com o 1º e 2º, 100\$000 e, finalmente, com o 1º, 2º e 3º quadros, 12\$000!”

Por muitos anos, ao convidar-se outro clube para uma partida amistosa, cabia ao clube anfitrião oferecer as condições de custeio do transporte e estadia da embaixada visitante, cujo número normalmente alcançava em torno de vinte pessoas.

Fundação da ASVI: finalmente temos uma Liga

A luta por uma liga regional precisava continuar. Não faltavam clubes. Lembra Gevaerd¹⁰ que, em fins de 1937, “participou o Clube da Assembléia realizada em Itajaí, e na qual se fundou a Associação Sportiva do Vale do Itajaí – ASVI, que reuniu então os clubes de Itajaí, Blumenau e Brusque”, e que objetivava ser uma instituição sólida que pudesse promover o desenvolvimento do esporte em toda a zona do Vale do Itajaí. A iniciativa da reunião foi do jornalista itajaiense José Cláudio de Souza, tendo como colaborador o prestigiado esportista Inácio Mascarenhas Passos. São os seguintes os clubes que concorreram para a fundação da ASVI: Lauro Muller, Marcílio Dias e CIP, da cidade de Itajaí; Brusquense e Paysandú, de Brusque; Recreativo Brasil, Amazonas e Blumenauense, de Blumenau. Seu primeiro presidente foi Sadi Magalhães, sucedido ainda antes do final de seu mandato, por Abdon Fôes¹¹. No comando administrativo das equipes filiadas de Brusque, à época, encontravam-se Ayres Gevaerd, pelo Paysandú, e Arnaldo Schaefer, pelo Brusquense.

Assim, desde 10 de setembro de 1937, estava fundada uma Liga de futebol que efetivamente funcionou. Superava-se, aos poucos a fase dos jogos (maatches) amistosos e iniciavam-se os campeonatos. Em caráter provisório, a ASVI instalou sua sede à Rua 15 de novembro, 44 na cidade de Itajaí. Era necessário elaborar seu regulamento geral

¹⁰ GEVAERD, Ayres. Clube Esportivo Paysandú. In: Álbum do Centenário de Brusque. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1960. p. 187

¹¹ Jornal “O Esporte”. Florianópolis, 08.08.1939. Ano I, n. 03, p. 01.

e buscar sua filiação à Federação Catarinense de Futebol. O Torneio Início da nova Liga, visando incrementar todos os aspectos do futebol e laços esportivos entre os clubes, foi realizado a 08 de maio de 1938, na cidade de Itajaí, sagrando-se campeão o Lauro Muller F. B. C. Sete dias após, ou seja, em 15.05.1938 iniciava-se o campeonato, organizado em turno e retorno, encerrando-se em 25.09.1938.

A ASVI necessitava, outrossim, formar seu quadro de juízes. Para isto, recomendou aos clubes associados que indicassem duas pessoas para tal desiderato. O Paysandú, atendendo à solicitação, apresentou à Liga os nomes dos Srs. Arthur Appel e Pedro Morelli, os quais se empenharam em estudar o último livro de “Regras de Foot-ball” então vigorantes.

A esta altura de sua história, ao Paysandú já não era mais possível manter seu departamento de futebol apenas com a renda dos sócios. Na medida em que se firmava o futebol profissional, mais se impunha a necessidade de contribuições extras de associados e simpatizantes do Verde e Branco. Também a contabilidade do clube passou a ser melhor organizada, instituindo-se a Pasta Esportiva, e que, com o advento do futebol profissional, tornou-se absolutamente indispensável para o adequado controle das finanças.

Em dezembro de 1939, o aniversário do clube recebeu registro no jornal “A Notícia”¹², de Joinville, destacava: “A data de hoje é festiva para o esporte brusquense. Nela comemora mais um aniversário de sua produtiva existência pelo incremento do esporte pátrio, o Clube Esportivo Paysandú. Completando hoje o seu 21º aniversário de fundação, o simpático e querido clube Paysandú, que vem se batendo valorosamente em prol do sempre crescente desenvolvimento físico da mocidade brasileira, tem sido um celeiro patriótico do progresso do esporte barriga-verde. Possui o Clube Esportivo Paysandú um dos melhores conjuntos do Estado, o que lhe tem dado vitórias seguidas. A perfeita organização desta modelar agremiação esportiva deve-se, em grande parte, as suas diretorias, que tem sabido administrar e orientar os negócios do clube. Os seus jogadores e associados são também portadores de uma boa parte da eficiência e distinguido conceito, pelo qual é tido este valoroso clube. Apresentando os nossos melhores votos

¹² Jornal A Notícia. *Clube Esportivo Paysandú*. Edição de 31.12.1939.



Time do Paysandú em 1942, sob o comando do técnico Tito Rodrigues, em jogo contra o Canto do Rio - RJ. Agachados. Ivo Queluz, Nelson Olinger, Orion Neves, Willimar Ristow, Manoel Rodrigues. De pé: Aristides Salces, Irineu Bolognini, José Custódio, Antônio Olinger, Herbert Appel, Waldemar Klann, Alfredo Deichmann, Constantini I e Constantini II. Acervo: Casa de Brusque

de felicidades futuras aos incansáveis batalhadores do Clube Esportivo Paysandú pela data de hoje, concitamos aos abnegados moços de Brusque a um esforço conjunto para que possamos colocar Santa Catarina em posição de destaque”.

Já em 1940, na gestão do presidente Sr. Norival Paes Loureiro, viria para o Clube a marcante conquista do primeiro título oficial, quando o Paysandú sagrou-se campeão da ASVI, “em brilhante campanha que deveria continuar mais tarde em partidas amistosas jogadas em Joinville, Florianópolis, São Francisco e Lajes.” Já no campeonato estadual do mesmo ano, na partida pela conquista do título, “somente na prorrogação foi o Paysandú desclassificado por 2 a 0 contra o Avaí, em Florianópolis.”¹³ Em 1944 a ASVI alterou sua denominação para LEVI – Liga Desportiva do Vale do Itajaí.

A partir de 1945 as atenções e esforços do Clube estavam voltados

¹³ GEVAERD, Ayres. Clube Esportivo Paysandú. In: Álbum do Centenário de Brusque. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1960.

para a construção da nova sede social, o que fez decair, em certa medida, as atividades desportivas. O Paysandú passaria a ser, na prática, apenas mais um filiado da ASVI do que propriamente um praticante ou participante ativo. Talvez um prenúncio de que a experiência como filiado da ASVI estaria com os dias contados.

Criação de Ligas próprias: Blumenau e Brusque

Conforme já dito anteriormente, a participação do Paysandú na ASVI vinha perdendo expressão desde 1945. No ano de 1946 o Paysandú promoveu seu desligamento da ASVI, passando a vincular-se à Liga Blumenauense de Desportos – LBD, que mais tarde (1957) passou a denominar-se Liga Blumenauense de Futebol – LBF.

Com o início da construção da nova sede social, em 1943, as atenções e esforços maiores voltaram-se invariavelmente, para a construção do prédio, em detrimento da parte social e esportiva, que sofreram um relativo declínio. A participação do Paysandú na ASVI, de 1944 a 1946 passou a ser mais formal do que real. Não houve, por esta razão, uma atuação de maior destaque, resumindo-se a uma ou outra partida amistosa.

Era hora de criar uma liga em nossos domínios. Por isto, a 13 de março de 1958 fundou-se em Brusque, a Liga Desportiva Brusquense, com jurisdição que alcançava os municípios de Nova Trento, Tijucas e Vidal Ramos e de cuja criação participaram entidades como o C. A. Carlos Renaux, Tiradentes E. C., S. R. Humaitá, C. E. Paysandú, Federação Catarinense de Futebol e Sociedade Amigos de Brusque.

Por conseguinte, já em 18 de abril de **1959**, ouvido o Conselho Deliberativo, promovia o Paysandú a sua desfiliação da Liga Blumenauense de Futebol, para ingressar na Liga Desportiva Brusquense – LDB.

A primeira conquista oficial

Corria o ano de 1940. Em fevereiro daquele ano, depois de dirigir o clube por quatro anos e apresentar o devido Relatório de Gestão, en-

tregava o Sr. Ayres Gevaerd à nova diretoria presidida pelo Sr. Norival Paes Loureiro, os destinos do clube.

Neste ano social e esportivo, conquistou o clube, pela primeira vez, um título oficial de futebol, ao sagrar-se campeão da ASVI em uma brilhante campanha. Também no Campeonato Estadual fez o Paysandú boa campanha. Na partida que disputava a final em Florianópolis, contra o tradicional Avaí, o jogo terminou empatado no tempo normal. Apenas na prorrogação foi o Paysandú derrotado por 2 x 0.

Na assembleia geral ordinária de 20 de fevereiro de 1941, foi eleito presidente o Sr. Erich W. Bückmann, que em face da recente conquista do título de campeão da ASVI, deu novo alento ao futebol e várias partidas foram realizadas, em êxito, em São Francisco, Joinville, Florianópolis e Lages, além dos clubes das cidades vizinhas. Em Joinville, por exemplo, conquistou a Taça Chapéu Cury, vencendo o América F. B. C.

Em maio do mesmo ano, foi instalado na sede do Clube, um quadro com a fotografia dos campeões: Waldemar Koehler, Alfredo Deichmann, José Custódio, Oswaldo Zinck, Waldemar Klann, Max Ristow, Erico Appel, Nelson Olinger, Waldemar Appel, João Rosin, Wilimar Ristow e Arthur Appel.

Muito contribuiu para a conquista dos lauréis citados, a orientação do desportista João A. Rebello, que ainda em dezembro, em virtude da renúncia do titular, assumiu a presidência do Clube.

Conquistas e títulos no futebol: de 1941 a 1960

1941 – Campeão do torneio início da ASVI – 2ª divisão.

1943 – Nas atividades desportivas de 1943, o primeiro time do Paysandú sagrou-se campeão do Torneio Início, disputado na cidade de Itajaí, no campo do Lauro Muller. Integram a esquadra alviverde os seguintes jogadores: Koehler, Aristides Salces, Otávio, Waldemar, Klan, Max, Arnaldo, Pieper, Orion, Nelson e Krieger.

No mesmo ano de 1943, o Paysandú foi o vice-campeão da ASVI e o segundo time, campeão de sua especialidade, compartilhando o laurel com o segundo quadro do S. C. Brusquense.



A foto acima mostra a equipe do Paysandú em 25 de abril de 1948, quando empatou em 2 a 2 com o Palmeiras de Blumenau. Mais da metade dos jogadores da equipe verde e branca usavam a gorrinha. Na foto, o dirigente Polaco, China, Custódio, Irineu, Klann e Aristides. Agachados: Branco, Willimar, Chico, Zico e Heinz. Sentado, o goleiro Schmidt. Acervo: Casa de Brusque

1948 – Em geral, as atividades esportivas foram quase idênticas as dos últimos anos, com altos e baixos. Vale destacar, no entanto, que o futebol do Paysandú teve novo alento, com a conquista do título de campeão do Torneio Início da 1ª. Divisão da L.B.D e o Vice Campeonato da 2ª. Divisão.

1949 – Neste ano o Paysandú sagrou-se campeão do Torneio Início da Primeira divisão da L. B. D, tricampeão da modalidade e Vice-Campeão da mesma divisão, título decidido com o G. E. Olímpico, em melhor de duas partidas.

Em 30 de dezembro de 1950, por ocasião do 32º aniversário do clube, o Paysandú enfrentou, em partida amistosa, o América F. C. de Joinville, vencido por 4 x 2. Em 1951 – No ano de 1951 foi conquistado o título de campeão de Aspirantes da L. B. D

Por dois anos consecutivos, 1951 e 1952 foi levado à presidência o Sr. Ingo A. Renaux, cujas atividades se caracterizaram em dar maior incentivo às práticas esportivas, especialmente ao futebol e bolão. Em sessão extraordinária o Conselho Deliberativo renovou o Departamento

esportivo, organizando ainda um Regulamento Especial. Foi criado um novo sistema de contribuições espontâneas dos sócios e simpatizantes, destinadas exclusivamente ao departamento esportivo, sem prejuízo normal das contribuições ao departamento social.

Novo Conselho Deliberativo é empossado em 1952 e reconduzido à presidência o Sr. Erich W. Bueckmann. Uma de suas preocupações era resolver, junto à Diretoria, os problemas esportivos. Eram, desta forma, constantes e movimentadas as reuniões extraordinárias do Conselho Deliberativo e da Diretoria, devidamente anotadas nos livros de atas, focalizando, outrossim, as dificuldades do departamento esportivo, em face da necessidade de manutenção de um quadro qualificado de jogadores da equipe principal. Aliás, o problema não era novo, permanecendo até os anos 80, com maior ou menor intensidade. O fato é que, sem as contribuições de um grupo de aficionados do futebol, sócios ou não, a manutenção de um bom plantel de atletas se mostrava impossível. Às vezes o problema era resolvido temporariamente, com a apresentação, nas reuniões, das tradicionais “listas”, obtendo-se dessa forma, uma apreciável importância para cobertura dos débitos.

Não obstante isto, em 1952 o Paysandú conquistou o título de campeão invicto do Campeonato Extra da Liga Blumenauense de Desportos. Aos seus atletas, em reunião especial de 14 de julho de 1952 foi prestada significativa homenagem e festa.

Em 1953, na parte esportiva, além das competições oficiais dos quadros de futebol, muitos amistosos foram realizados, sobressaindo-se a conquista da Taça “Usina de Açúcar Tijucas S.A.” em nova Trento, frente ao Avaí F. C. de Florianópolis, no dia 27 de dezembro, por ocasião da *inauguração* do Estádio Dr. Aderbal Ramos da Silva. No mesmo torneio, o Avaí empatou com o Humaitá de Nova Trento, pelo placar de 3 x 3. O Avaí, neste ano havia se consagrado Campeão da Cidade (Florianópolis).

Várias conquistas esportivas se registraram em 1954, destacando-se as seguintes: Campeão do Torneio Início da L.B.D, Vice-Campeão da 1ª. Divisão da mesma Liga, e Vice-Campeão da Categoria de Juvenis.

Em princípios de 1955 é empossado o novo presidente Sr. Erico Appel, que conseguiu com êxito, contornar e resolver séria crise no Departamento Esportivo, logo no início de seu mandato. Neste ano



Em fins de 1949 o Paysandú inaugura sua suntuosa sede social, mantida até os dias atuais. Acervo: Casa de Brusque

o Paysandú obteve o maior número de lauréis esportivos até então conquistados: Campeão da Divisão de Aspirantes, Vice-Campeão do Torneio Extra Luiz Galotti, Vice-Campeão da Categoria de Juvenis, e Campeão de Juvenis da Zona Brusque, todas competições oficiais da L. B. D. Com referência ao título máximo de futebol da referida Liga, correspondente aos titulares no ano de 1955 e correspondente à 1ª Divisão, foi conquistado também definitivamente pelo Paysandú, depois de uma série de jogos com o Palmeiras F. C. de Blumenau, que estava em igualdade de condições na tabela de classificação. A partida finalíssima e decisiva, vencida pelo Paysandú por 3x2, realizou-se somente em 1958, em Blumenau, depois de uma série de interrupções e decisões da Justiça Desportiva da própria Liga, da Federação e, finalmente, do C.N.D. A razão da polêmica instalada se deve ao fato de, num jogo entre o C. E. Paysandú e o G. E. Olímpico, realizado em Blumenau e válido pelo campeonato de 1955, o clube blumenauense ter incluído um atleta cuja situação era irregular, perdendo assim os pontos, apesar de vitorioso. Depois da manifestação dos órgãos de julgamento competentes, razão foi dada ao Paysandú.



O Estádio Cônsul Carlos Renaux e aos fundos, a exuberante sede social do Paysandú, na década de 1950. Acervo: Casa de Brusque

Nas competições amistosas de 1955, são dignas de registro a conquista do título de Campeão do Torneio patrocinado pelo C. A. Cônsul Carlos Renaux, nos dias 10 e 11 de setembro daquele ano, e no qual participaram, ainda, o Palmeiras e Olímpico, de Blumenau. Vale registrar ainda, amistosos interestaduais, com um empate em 3 gols com o Olaria E. C. do Rio de Janeiro e uma vitória por 4 x 3 sobre o Aymoré E. C., de São Leopoldo – RS.

O título de 1956

Em 1956 a Federação Catarinense de Futebol patrocinou ou ao menos avalizou a *primeira edição* do Campeonato da Divisão Especial de Futebol Profissional, criada em 02 de junho de 1956, pelos dez grandes clubes do Estado.

O Paysandú, que a partir de fevereiro do referido ano passaria a

ter na sua presidência o Sr. Arthur Jachowicz, decidiu participar, não obstante as dificuldades de ordem econômica que enfrentava seu Departamento de Esportes, em consequência da fraca renda dos jogos, dos custos da manutenção de um bom plantel de atletas e da suspensão de partidas oficiais, o que sempre acarretava prejuízos. E sua participação permitiria ao time do Paysandú colher apreciáveis louros. Aliás, entre os melhores de sua história.

O campeonato foi disputado entre dez melhores clubes, considerados “grandes”, verdadeira elite do futebol catarinense à época, conforme se pode ver a seguir: 1) Figueirense Futebol Clube (Florianópolis) 2) Avaí Futebol Clube (Florianópolis); 3) América Futebol Clube (Joinville); 4) Caxias Futebol Clube (Joinville); 5) Clube Esportivo Paysandú (Brusque); 6) Clube Atlético Carlos Renaux (Brusque); 7) Grêmio Esportivo Olímpico (Blumenau); 8) Palmeiras Esporte Clube (Blumenau); 9) Clube Náutico Marcílio Dias (Itajaí); 10) Sociedade dos Estivadores Esporte Clube (Itajaí)

No campeonato de 1956, o Paysandú realizou uma extraordinária campanha, conforme se pode observar da tabela abaixo:

DATA						LOCAL
08/07/1956	Paysandú	9	x	1	Marcílio Dias	Brusque
15/07/1956	Paysandú	3	x	2	Caxias	Joinville
29/07/1956	Paysandú	1	x	0	Carlos Renaux	Brusque
05/08/1956	Paysandú	4	x	1	Avaí	Brusque
15/08/1956	Paysandú	1	x	1	Olímpico	Blumenau
26/08/1956	Paysandú	6	x	1	Palmeiras	Brusque
02/09/1956	Paysandú	1	x	1	Figueirense	Florianópolis
07/09/1956	Paysandú	1	x	4	América	Brusque
14/09/1956	Paysandú	2	x	2	Estiva (*)	Itajaí
30/09/1956	Paysandú	3	x	2	Marcílio Dias	Itajaí
21/10/1956	Paysandú	2	x	1	Caxias	Brusque
28/10/1956	Paysandú	1	x	1	Carlos Renaux	Brusque
23/12/1956	Paysandú	2	x	3	Avaí	Florianópolis
30/12/1956	Paysandú	3	x	2	Olímpico	Brusque
06/01/1956	Paysandú	1	x	4	Palmeiras	Blumenau
13/01/1957	Paysandú	4	x	3	Figueirense	Brusque
20/01/1957	Paysandú	2	x	1	América	Joinville
27/01/1957	Paysandú	5	x	1	Estiva	Brusque

(*) O Paysandú ganhou os pontos pois o Estiva atuou com atletas irregulares.

Paralelamente à divisão extra de profissionais, foi levada a efeito, pela Federação Catarinense, uma competição entre treze equipes amadoras: 1) Clube Atlético Baependi (Jaraguá do Sul); 2) Cruzeiro Atlético Clube (Joaçaba); 3) Henrique Lage Futebol Clube (Lauro Muller); 4) Imbituba Atlético Clube (Imbituba); 5) Itaúna Atlético Clube (Siderópolis); 6) Lauro Muller Futebol Clube (Itajaí); 7) Clube Atlético Operário (Joinville); 8) Clube Atlético Operário (Mafra); 9) Paula Ramos Esporte Clube (Florianópolis); 10) Sociedade Esportiva e Recreativa Sadia (Concórdia); 11) Clube Atlético São Francisco (São Francisco do Sul); 12) Clube Atlético Tupy (Gaspar); 13) Gremio Esportivo Vasco da Gama (Lages).

O Paysandú estava na final. O Presidente Jachowicz, homem de fé, não esqueceria pedir ajuda à Nossa Senhora do Caravágio: antes de embarcar para Joinville, diretoria, comissão técnica, jogadores, todos foram até o santuário de Azambuja pedir as bênçãos da Mãe de Deus para essa importante partida. Portanto, além da preparação física, não se descurava da preparação espiritual dos atletas.

De registrar-se que nesta época, era comum o calendário esportivo catarinense, em competições oficiais, encerrar-se apenas no princípio do ano seguinte. Foi o que aconteceu com o campeonato de 1956. Assim, na tarde de 20.01.1957, o Paysandú e América entravam em campo para disputar o cobiçado título máximo do campeonato especial de profissionais da Federação Catarinense de Futebol. Os jogadores do “Mais Querido”, com o pensamento voltado exclusivamente na vitória, lançaram-se à luta com desmedida coragem, dispostos a dar “seu sangue” pelo título e demonstrando, desde logo, uma fibra fora do comum. Pelo regulamento vigente à época, se o Paysandú vencesse, o título seria conquistado por antecedência pelo time brusquense.

Logo aos 3 minutos, numa sensacional escapada de Heinz, após superar seus marcadores Mazico e Beco, serviu inteligentemente o ponteiro Nilo, que fulminou, impiedosamente, para o fundo das redes de Bósse. Depois, houve um segundo gol assinalado por Heinz, porém anulado, acertadamente, pelo árbitro, acusando impedimento.

Na etapa derradeira, logo aos seis minutos, depois de uma grande pressão na área alviverde, um forte chute de Cocada da entrada da grande área foi parar nas redes do goleiro Zezé, que foi enganado pelo

ricochete da bola no seu zagueiro Vilaci. Aumenta a tensão do jogo. Tudo igual no marcador. Era preciso manter a luta... e a calma! Ambas as equipes buscavam, com todas as suas forças, a vitória.

E a vitória começaria a sorrir para o “Mais Querido”. Atuando numa tarde de rara inspiração, Heinz, num contra-ataque fulminante aos 17 minutos da etapa complementar, serviu de novo e de forma magistral o comando de ataque, agora o companheiro Julinho. Este, com extrema habilidade, ultrapassou os zagueiros do América e arrematou de curta distância para a meta americana, sacramentando, espetacularmente, o gol da vitória. Um belíssimo gol! O gol do título!

Começaria então a pressão adversária. Mas Paysandú é símbolo de bravura! Mesmo tendo contra si o fator campo e torcida, o alviverde jamais se intimidou. O América partiu para o ataque, impondo momentos de intenso “bombardeio” para buscar o gol de empate, não o conseguindo, todavia, pela bem postada retaguarda paysanduense, “uma autêntica muralha”, por saber defender, com rara maestria, seu último reduto. Se a partida, do ponto de vista técnico, não foi o que poderíamos chamar de brilhante, não faltaram emoções pelo entusiasmo e pela fibra com que se portaram as duas equipes, que lutaram com todas as suas forças na busca da vitória, num jogo em que, apesar do título em disputa, os jogadores souberam portar-se com lealdade, sem nenhum contratempo disciplinar, para isto contribuindo, também, a excelente arbitragem de Wilson Silva¹⁴.

Do lado do Paysandú, foi apontado como destaque o zagueiro Vilaci, com sua atuação excepcional, tornando-se o melhor em campo, seguido pelo goleiro Zezé, Wallace, Pecinha, Bolognini, Nilo, Julinho e Heinz. Os demais demonstraram grande empenho, colaborando eficazmente para a sensacional vitória obtida pelo Paysandú.

Com o “espetacular triunfo assinalado após os dramáticos 90 minutos, o alviverde conseguiu levar para a sua sede o pomposo e cobiçado título de Campeão da Divisão Especial de Profissionais da Federação Catarinense de Futebol”.¹⁵

Foi “uma vitória com ‘V’ maiúsculo” e que teve duplo aspecto: o do

¹⁴ Jornal “A Nação”. Blumenau. Edição de 22.01.1957, p. 02. “Um grande triunfo deu ao Paysandú um grande título”.

¹⁵ Jornal “A Nação”. Blumenau. Edição de 22.01.1957, p. 02. “Um grande triunfo deu ao Paysandú um grande título”.

jogo em si e o da justa e merecida conquista do ambicionado título. Com efeito, o Paysandú, não obstante alguns tropeços sofridos num longo e extenuante campeonato, comprovou ser a equipe mais capacitada e mais regular. Com “sangue, suor e lágrimas”, escreveram os heroicos jogadores da camisa verde-e-branca, uma das páginas mais brilhantes na história do Clube Esportivo Paysandú. Há muito que o clube, então presidido pelo dinâmico esportista Arthur Jachovicz estava a merecer um título dessa magnitude. E para a felicidade de toda a família paysanduense, obteve-o de modo “magistral e insofismável”, depois de uma campanha árdua e que lhe custou muitos sacrifícios¹⁶. Encerrava o Paysandú uma jornada memorável!

FICHA TÉCNICA DO JOGO

20.01.1957

PAYSANDÚ 2x1 AMÉRICA (Joinville)

Local: Estádio Edgard Schneider, do América (“cancha vermelhinha”).

Time do Paysandú: Zezé, Wallace, Vilaci e Pecinha; Bolognini e Nego Khün; Nilo, Telê, Julinho, Heinz e Godeberto.

Técnico do Paysandú: Newton Monguilhot

Time do América: Bosse, Mazico, Antoninho e Ibrahim; Beco e Ceceu; Gaivota, Cocada, Bastinhos, Euclides e Izidoro.

Árbitro: Wilson Silva

Renda: Cr\$ 30.275,00

Gols: Paysandú: Nilo e Julinho; América: Cocada

No entanto, uma disputa final contra o Operário de Joinville foi estabelecida pela Federação, para definição do “Campeão do Estado”, cuja realização veio a ocorrer depois de muita demora, prejudicando gravemente a eficiência e homogeneidade do time do Paysandú. Venceu o Operário, que em excelente fase, havia conquistado o campeonato de sua Liga, da Região e da Divisão de Amadores, sem perder um único jogo.

O Paysandú apresentou perante a Federação Catarinense os mais veementes protestos, pois fora claramente prejudicado, uma vez que

¹⁶ Jornal “A Nação”. Blumenau. Edição de 22.01.1957, p. 02. “Um grande triunfo deu ao Paysandú um grande título”.



Plantel campeão. Em pé: Teixeira (roupeiro), Sabino (massagista), Vilaci, Irineu, Bragança, Zanon, Orival Bolognini, Wallace, Pecinha, Guido, Manguilhott (técnico), Arthur Jachowicz - Polaco (Presidente) e João Alfredo Rebello. Agachados: Nilo, Telê, Godeberto, Nego Kühn, Julinho, Heinz e Chico. O garotinho é Sérgio Jachowicz, filho do Polaco. Acervo: Casa de Brusque

havia dispensado seus principais jogadores depois da conquista do campeonato da Divisão Especial, sob o entendimento de que a temporada de 1956 houvesse encerrado com aquele título. Além da questão física (treinamentos), para esta partida o Paysandú já não contara mais com o excelente goleiro Zezé.

Na parte esportiva correspondente ao ano de 1957, sem ter tido maior projeção, colheu-se o título de Campeão Invicto da Categoria de Juvenis da L.B.F.

Em 1958 o Paysandú, no setor de futebol, conquistou o bicampeonato da Zona Brusque-Gaspar de Juvenis e de Campeão Juvenil Invicto da L. B. F. Nesta competição, mereceu destaque a atuação do treinador Pedro Werner, que já vinha dirigindo espontaneamente, há vários anos, as equipes de infantis e aspirantes, bem como a assistência médica graciosamente oferecida a todos os atletas pelo médico Dr.

Francisco R. Dall’Igna, e finalmente, a ação do Sr. João A. Rebello, como representante do clube junto a L. B. F. A equipe campeã, dirigida pelo técnico Pedro Werner foi a seguinte: Rogério Machado, Waldir Montibeller, Livino Moresco, Osmar Rocha, Waldir Bork, Luiz Carlos Damiani, Nelson Imhof, Almir Morelli, Nilton Schaadt, Pedro Dionísio e Carlos Moritz Filho. No banco de reservas estavam Amilton Tomazi e Osmar Azevedo.

Salões do Paysandú: Palco dos grandes eventos na história de Brusque

Desde o início, os bailes constituíam-se em evento social dos mais relevantes. Quantos enlances afetivos ou amizades tiveram nestas ocasiões o seu princípio! Assim foi na tarde de domingo de 20 de abril de 1919, no Salão do Hotel (João) Schaefer, quando os jovens se divertiram em animadíssimo baile. Para este evento, a Diretoria, em uma das primeiras reuniões sob a presidência Paulo Renaux, autorizou o dispêndio de 50\$000 (cinquenta mil réis), comunicando aos membros da diretoria que poderiam ser convidadas para o baile, “senhoritas” cujas famílias não tenham mancebos que possam ser sócios¹⁷. Nada mais justo: era preciso garantir a presença feminina no baile.

Na Brusque dos piqueniques ao redor das praias do cristalino Itajaí-Mirim, qualquer ajuntamento de jovens em torno de uma causa já gerava inúmeros pretextos para planejar a diversão. Durante muito tempo, as poucas opções giravam em torno dos churrascos, tardes dançantes e bailes no *Turnverein*.

A turma do verde e branco, que não era boba nem nada, tinha foco no futebol, claro, mas nem por isso deixava de pensar em outros pontos igualmente importantes. Em 1920, dois anos depois da fundação do Paysandú, o clube já mostrava por que seria merecedor, mais tarde, do título de “mais querido”.

Antes mesmo de ter uma sede própria, a trupe esmeraldina já tratava de organizar domingueiras e bailes em salões emprestados. Os locais alternavam-se entre as sedes das Sociedades Ginástica e Atiradores,

¹⁷ Livro de atas n. 01.



Baile de escolha da Rainha do Cinquentenário do Paysandú, em 1968, quando foi eleita Sandra Helena Jachowicz Tiezerini. Na foto, a segunda candidata da direita para a esquerda. Acervo: Casa de Brusque

com despesas as mais reduzidas e os enfeites de salão custeados pelo caixa das “Sócias do Basquet”.

Na década de 30, com a inauguração da sede própria, os eventos tomaram vulto e gradativamente foram se tornando cada vez mais imponentes.

Em 1949, uma nova sede foi construída e a grande festa de inauguração foi uma das primeiras noitadas memoráveis do Paysandú. De casa nova e arrumada, as condições para a organização de grandes eventos se mostravam cada vez melhores. Além dos bailes de carnaval e das festividades de São João, em 1953 o clube inaugurava uma nova era: a dos bailes de debutantes.

Naquele ano aconteceu a primeira apresentação de jovens garotas brusquenses à sociedade e as edições seguiram por décadas a fio, a cada ano mais bem organizadas e cheias de glamour. Orquestras nacionais e internacionais eram contratadas para animar a festa. A Cassino de Sevilha, de origem espanhola, e a Orquestra Dom Mickey, de Buenos Aires, foram alguns exemplos, além de inúmeros cantores, músicos e artistas de Florianópolis, Rio de Janeiro, São Paulo e também de outros países.

Durante algum tempo, o baile com as debutantes integrava uma programação alusiva à inauguração da sede social, comemorada em novembro, geralmente no feriado do dia 15 com um baile social e outros eventos mais simples em dias anteriores ou posteriores à data. Em 1956, o clube inovou completamente, conseguindo um patrocínio da Casa Peiter, famosa loja de Blumenau na época, que ofereceu um desfile de moda verão infantil com os filhos dos associados.

Naquele ano, outras tradições também já estavam consolidadas pelo Paysandú, como o jantar de Natal para associados e o Baile de São Silvestre, realizado na noite do dia 31 de dezembro como forma de oferecer aos brusquenses a oportunidade de comemorar a chegada do ano novo ao lado dos amigos e da família em clima de festa.

O carnaval do Paysandú

Bons tempos aqueles, em que as noites carnavalescas se vestiam de verde e branco nos salões e na avenida. Em Brusque, o confete e a serpentina eram verdes e brancos. Desde 1920, com a chegada do mês de fevereiro, eram essas as cores de grande parte dos foliões da cidade. No início, os primeiros bailes do recém-nascido Paysandú eram em salões emprestados.

O clube foi criado para ser um time de futebol, conforme apresenta seu próprio nome completo. Mas, em uma pequena cidade do interior com poucas opções de lazer, qualquer meia dúzia de jovens reunidos era um pretexto para surgir algum tipo de diversão. Assim, os festejos carnavalescos, que ao lado do futebol, marcariam tão profundamente a história do Paysandú, também não tardaram a entrar na pauta do Clube.

As atividades sociais do Paysandú sempre movimentaram a cidade e, se o time verde e branco era o mais querido em campo, na avenida é que não seria diferente. A programação de carnaval do Paysandú estava entre as mais aguardadas do ano para os brusquenses. E é claro que o elemento rivalidade não ficava de fora também na hora da folia.

Paysanduanos e atleticanos se esforçavam para ver quem produziria o melhor desfile, quem colocaria os melhores blocos na rua e quais seriam as melhores noitadas. Assim, durante aproximadamente cinco décadas, o Rei Momo encontrava em Brusque súditos dedicados que



Juventude se divertia nos carnavais do Paysandú. Na foto, Tonho Maluche, Sérgio Gevaerd, Luiz Carlos Moritz, Sérgio Debrassi e Fausto Simão Salces em momentos de alegria e descontração no melhor carnaval da cidade. Acervo: Fausto Simão Salces.

organizavam eventos inesquecíveis.

O lucro não era condição para realizar o evento. A bem da verdade, foram poucas as vezes em que os bailes de carnaval do Paysandú ofereceram lucros reais ao clube. Ao contrário, já no início, exigiam um esforço especial na obtenção de fontes de custeio. Mas a população não queria perder tão rica oportunidade para brincar. Não havia imprevisto que impedisse os foliões esmeraldinos de botar seus blocos na rua. Fosse assim, não teriam nem começado a escrever tão memorável história.

Assim, em março de 1920, o Paysandu, sob a presidência de Edmundo Moritz, abriu uma subscrição de capital para o evento carnavalesco, com eventual colaboração do caixa do clube para a total liquidação das despesas.

Em fevereiro de 1921, aproximando-se o carnaval, o clube resolveu realizar o Baile à Fantasia, evento que se tornaria uma tradição para os anos seguintes. Mas, conforme já dito, as dificuldades financeiras eram imensas. Veja-se o que dizia a ata lavrada em reunião de 14.02.1921, pelo Secretário Francisco Olegário Muller: “Na residência do Sr. Presidente, reuniram-se diversos associados e gentis torcedoras

para tratar da organização do baile à fantasia, a realizar-se na noite de 27 do corrente. Ficou acertado que se deveria realizá-lo no salão dos Gynásticos; foi orçado em 25\$000 as despesas para a orquestra; para a ornamentação do salão ficou combinado que as despesas seriam feitas da caixa do Basquet-Ball. Não serão espalhados convites especiais, porém serão convidados oficialmente os sócios ausentes e pessoas dedicadas ao Clube”.

Mas a decisão sobre a criação do Baile de Carnaval do Paysandú, como uma agenda social mais definida estaria por vir. Na assembleia geral de 25.01.1925, um dos assuntos da ordem do dia mereceu atenção especial e foi a realização do baile carnavalesco a se realizar nas segundas-feiras de carnaval, anualmente, no Salão dos Atiradores, que oferecia, na época, as melhores vantagens. Antes, os festejos eram realizados no prédio do Sr. Rudolpho Krieger, conhecido também como sede oficial do Clube. Estabelecido o dia e local, iniciava-se a preparação para uma das mais tradicionais festas carnavalescas locais.

Em 1927, a Gazeta Brusquense trazia uma nota sob o título “Carnaval” e anunciando a aproximação dos “dias de loucura para a mocidade”. A rapaziada se preparava para auxiliar o Sr. Pedro Gaio Gevaerd, que buscava trazer alegria ao provo de Brusque, “apresentando coisas nunca vistas ou imaginadas. Quem nunca viu coisas do arco da velha, terá a ocasião de vê-las neste ano, nos três dias de carnaval.”

Neste mesmo ano, o galpão dedicado à construção dos carros alegóricos e fabricação de fantasias desabou, destruindo quase todo o trabalho para aquele evento. Foi um grande susto, mas nem por isso o carnaval deixou de acontecer, nem naquele e nem nos anos seguintes.

O carnaval de 1933 foi bastante animado, apesar do tempo incerto e chuvoso. A notícia estampada no jornal “O Progresso”, bem retrata o que foi o Baile de Carnaval do Paysandú, naquele ano: “Segunda-feira de carnaval. O salão da Sociedade Atiradores caprichosamente ornamentado em combinação com a montagem cenográfica do palco. Em conjunto a ornamentação patenteava o gosto artístico que a executaram. Descerrada a cortina de boca, o Jazz Band-Ideal uniformizado em uma elegante fantasia, rompia o baile às 8:30 da noite. Seriam 10 horas da noite quando, no amplo salão, entre ruidosas aclamações, se achavam reunidos todos os blocos dos associados e torcedores do verde-branco.

Nota-se, então, deslumbrante efeito que faziam, no torvelinho do salão, a variedade de fantasias. Os blocos pequenos, porém, em grande número, com fantasias variadas, formavam a policromia estonteante da grande noite. O Ideal apresentou um programa escolhido das últimas produções carnavalescas e mereceu entusiásticos aplausos que o obrigava a um constante bisar de peças. A assistência foi além da nossa expectativa. As alas que circundam o amplo salão estavam repletas de famílias que assistiam ao ruidoso espetáculo da noite carnavalesca. Até as 5 horas da manhã de terça-feira, duraram os folguedos com desusada animação, terminando naquela hora o baile que tão agradável impressão causou aos que dele tomaram parte”.

Problemas econômicos, uma vez mais, impuseram mudanças para o Carnaval de 1934. Diversamente de seu antigo costume, o Paysandú realizou seu desfile a pé, com fantasias individuais e blocos. A diretoria deixou-se de lado o uso dos automóveis particulares ou táxis (carros de praça), por uma razão muito objetiva: o elevado preço solicitado pelos seus proprietários. Esse desfile a pé constituiu “fato que deu nota realmente destacada” ao evento”.

O baile de Carnaval de 1936 caracterizou-se por fantasias à japonesa, modalidade que despertou interesse, correspondendo, com sucesso a todas as expectativas.

Seguiram-se os anos e o carnaval do Paysandú sempre foi marcado pela alegria. A programação durava em média quatro dias. Além dos desfiles dos carros alegóricos pelas avenidas centrais da cidade, o clube também organizava tardes dançantes, tarde infantis e os bailes sociais que geralmente iam até o amanhecer. Os bailes e tardes infantis promoviam um concurso de fantasia com entrega de prêmios. Mais tarde, os blocos de rua também começaram a fazer concursos.

Bandas e orquestras de várias partes da região e também dos grandes centros do Brasil eram contratadas para os bailes sociais, quando também acontecia a eleição da Rainha do Carnaval e do Rei Momo. No Carnaval de 1939, foi eleita como Rainha, pela primeira vez, a Sra. Laura Maluche, com 713 votos, num concurso organizado e patrocinado pelo jornal “Correio Brusquense”.

O Baile de Carnaval do Clube Esportivo Paysandú mereceu, de fato, ao longo de muitas décadas, um destaque especial na crônica social de

Brusque, pela animação, frequência, blocos e fantasias, nunca faltando a disposição e a criatividade.

Conclusão

A pesquisa buscou evidenciar aspectos relevantes da história do Clube Esportivo Paysandú até o seu 40º aniversário, notadamente do aspecto esportivo, qual seja, o futebol, modalidade na qual conquistou ao longo de sua trajetória vários títulos, dentre os quais, como destaque, aquele da Divisão Especial de Profissionais do Estado de Santa Catarina, no ano de 1956.

O clube encontra-se às vésperas de seu centenário – a ser comemorado em 30.12.2018 – e nesta ocasião, por certo, terão lugar grandes festividades e uma extensa programação comemorativa. Por isto, a pesquisa histórica de sua trajetória se mostra importante para oferecer à comunidade regional o precioso registro de seu legado.

É possível verificar que o Clube Esportivo Paysandú, fundado no distante ano de 1918 por 11 jovens atletas brusquenses, tem proporcionado, ao longo da história, relevante contribuição ao desporto da cidade e para a educação física de toda a comunidade brusquense e regional, por meio do incentivo ao desporto.

Trazer à tona e condensar, de modo sistematizado, histórias registradas, ainda que parcialmente, em fotografias, documentos, textos, jornais, livros ou que ainda estão na memória dos jogadores, dirigentes e torcedores do Paysandú foi o que se propôs fazer neste trabalho.

Deparou-se com a história de incansáveis administradores, atletas, de suas famílias, de sua peleja nos gramados e fora deles, com as sadias tradições tais como as festas juninas e os carnavais, a popular corrida do facho, os maravilhosos bailes e festividades sociais, enfim, toda a trama de relações que compõe nosso tecido social do clube alviverde. Entender essas características que emergem neste contexto esportivo e sociocultural de tanta riqueza, é requisito determinantes para compreensão da identidade da gente brusquense. Donde de dessume o caráter valioso desta pesquisa. Todavia, fica a provocação e o desafio para novos estudos e pesquisas, para avançar para além do ano 1958,

pois muitas novas contribuições trouxe o Paysandú para a história de Brusque.

Referências

GEVAERD, Ayres. Clube Esportivo Paysandú. In: Álbum do Centenário de Brusque.

Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1960.

GEVAERD, Ayres. Caderno de anotações pessoais e arquivo de documentos.

Jornal “A Nação”. Blumenau. Edição de 22.01.1957, p. 02. “Um grande triunfo deu ao Paysandú um grande título”.

Jornal A Notícia. Joinville. Clube Esportivo Paysandú. Edição de 31.12.1939.

Jornal O Município. Brusque. Edições de 1954 a 1960.

Jornal Gazeta Brusquense. Brusque. Edições de 1919 a 1927.

Jornal Correio Brusquense. Brusque. Edições de 1938 a 1948.

Jornal O Rebate. Brusque. Edições de 1919 a 1960.

Jornal O Progresso. Brusque. Edições de 1919 a 1937.

Livros de Atas do Clube Esportivo Paysandú. Brusque. Números 1 e 2.

Acervo de fotografias da Casa de Brusque e do Clube Esportivo Paysandu.

Pasta de arquivos diversos do Clube Esportivo Paysandú, 1918 a 1958.



Pelznickel em Guabiruba no ano de 2017. Acervo: Sociedade do Pelznickel

Pelznickel: uma cultura centenária trazida pelos imigrantes alemães que sobrevive ao tempo em Guabiruba

Rosemari Glatz¹

O Pelznickel é, antes de tudo, uma identidade do povo guabirubense. Algo que só quem cresceu em Guabiruba consegue compreender sem maiores explicações. É fruto de uma longa história, uma cultura centenária que foi trazida pelos imigrantes alemães de Baden que colonizaram a cidade a partir da segunda metade de 1860. Esses imigrantes eram, em sua maioria, católicos, e trouxeram consigo seus valores,

¹ Rosemari Glatz. Natural de Taió, SC. Graduada em Administração e Pós-Graduada em Auditoria Contábil pela UNIVALI. Mestre em Administração pela FURB. Servidora Pública Federal aposentada. Professora universitária do Curso de Administração; Coordenadora do Núcleo de Estudos de Imigração Alemã, e Coordenadora do Conselho Editorial da Editora do Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. Pesquisadora da imigração alemã e polonesa para o Vale do Itajaí. Co-autora do livro: Famílias de Origem Alemã no Estado de Santa Catarina. Colunista do Jornal O Município.

tradições, expressão étnica, religiosidade e cultura. Com eles, veio a tradição do Pelznickel, que sobrevive ao tempo e continua viva no inconsciente coletivo, garantindo a manutenção dos laços de identidade do cidadão com a cidade. Mas, para entender a importância do personagem Pelznickel para o povo guabirubense, é preciso conhecer um pouco a respeito da sua história, uma história que se mescla com a de Brusque, visto que os dois territórios foram ocupados simultaneamente.

A origem dos primeiros imigrantes de Guabiruba

A maioria dos imigrantes que colonizou Guabiruba é originária de Baden, que, até a unificação da Alemanha, em 1871, era um Estado independente na Confederação Alemã. Lothar Wieser (2014), pesquisador da imigração badense no século XIX, informa que o povo emigrava para fugir da fome decorrente do empobrecimento massivo em Baden. Segundo o autor, a emigração em massa do século XIX pode ser explicada preponderantemente por condições econômicas e, em muitos casos, o Estado apoiou-a financeiramente para se livrar de aldeões empobrecidos.

Apesar de desprovidos de recursos financeiros, alguns emigrantes possuíam um pequeno pedaço de terra e um pouco de patrimônio, que era vendido para juntar algum dinheiro para fins de emigração, que era do interesse do Estado pois os pobres eram uma carga para o poder público. Mas, ainda assim, o processo não era muito simples. Para que a emigração fosse autorizada, o candidato precisava comprovar que não tinha nenhuma dívida, seja com o poder público, seja com a iniciativa privada. Uma vez certificada a inexistência de dívidas, era emitida a autorização de emigração e, em seguida, o passaporte. E algum tempo após a concessão da autorização de emigração, a pessoa perdia o direito de cidadania na localidade.

O princípio

Segundo os relatórios do Barão de Schneeberg, primeiro diretor

da Colônia Itajahy (atual Brusque), a primeira leva de colonizadores chegou à Colônia no dia 4 de agosto de 1860 e foi instalada na sede de Brusque. A partir da segunda leva, em 19 de agosto daquele mesmo ano, os imigrantes já passaram a ser instalados em direção ao Rio Guabiruba, e foi ali que iniciou a história de Guabiruba.

A viagem da Alemanha para o Brasil levava em torno de três meses. Da barra do Porto de Itajaí, onde os imigrantes aportavam, até o Barracão dos Imigrantes na Colônia Itajahy-Brusque, o transporte dos colonizadores e seus pertences era feito por embarcações a remo que, rio acima, durava entre 3 e 5 dias. Assim também foi com os colonizadores de Guabiruba que, quando chegaram à colônia, foram instalados no Barracão dos Imigrantes (que ficava nas proximidades do atual Clube de Caça e Tiro de Brusque).

Quando eles chegavam, tudo estava por fazer. O trabalho de ocupação das terras era feito em mutirão, também chamada de “pixurum”, com grupos de homens abrindo as picadas, os claros na floresta nativa, derrubando as árvores, delimitando os lotes e neles construindo as primeiras casas provisórias. Eram barracos de chão batido que serviriam como moradia nos primórdios da colônia, feitos de troncos de palmito. Em alguns casos, as frestas das paredes eram *fechadas* com *barro*. As folhas de palmeiras eram trançadas para cobertura do barraco e o miolo do palmito servia para o preparo de alimentos com carnes de caça.

E assim, de forma comunitária, os espaços eram preparados para que as famílias dos imigrantes se instalassem provisoriamente. Durante o tempo de preparação do espaço que receberia a família, mulheres e crianças ficavam instaladas no Barracão dos Imigrantes. Na mata virgem, os colonizadores alemães, com suas famílias, plantaram e viveram em plena natureza, isolados de tudo e de todos.

A religiosidade foi fundamental para manter a união e a força do povo em inúmeros momentos de provação e, com o passar do tempo, a situação econômica dos imigrantes foi melhorando. Os barracos provisórios foram sendo substituídos por casas de madeira e, em alguns casos, por casas feitas com tijolos. Foram tempos difíceis, e só com muita fé em Deus e união é que as famílias conseguiram suportar aqueles primeiros tempos e prosperar em terras brasileiras.

A origem do nome Guabiruba

O nome Guabiruba foi utilizado, pela primeira vez, pelo Barão Maxmilian von Schneebug, Diretor da Colônia à época da sua fundação. Outras referências ao nome Guabiruba, também escrito como “Gabiroba” ou “Guabiroba”, são encontradas já nos primeiros mapas da Colônia Itajahy-Brusque.

Apesar de existirem mais versões para a origem do nome, neste artigo – que não tem caráter científico - assumimos a versão de que a origem do nome Guabiruba é uma corruptela do nome da árvore frutífera guabiroba, palavra de origem Guarani que significa árvore de casca amarga. Planta nativa, a guabiroba cresce naturalmente tanto em áreas planas como em encostas de morros, aprecia as proximidades de cursos de água e cresce em abundância na região.

O seu tronco pode chegar a 15 metros de altura, e suas frutas são consumíveis. A cidade de Guabiruba é repleta de nascentes e cursos de água, e os pés de guabiroba são facilmente encontrados, tanto nos vales como nas encostas dos morros e montanhas da cidade.

A sua floração acontece entre agosto e novembro, por um curto período de tempo, e a maturação dos frutos também é rápida, ocorre entre 15 e 20 dias após a florada. Os frutos - doces, amarelos e em forma de baga - amadureceram logo após a chegada dos primeiros imigrantes alemães e, assim como o miolo do palmito, é possível que também tenham servido de alimento para as famílias dos colonizadores logo após a sua chegada. E assim a árvore emprestou seu nome à cidade, que, entre a população local, é chamada carinhosamente de “Guaba”.

A vida de igreja em Guabiruba

A religiosidade, a educação e a disciplina sempre foram consideradas fundamentais para o povo guabirubense, tanto que a primeira igreja e uma das primeiras escolas da então Colônia Itajahy-Brusque (à qual pertencia até o ano de 1962, quando foi emancipada), foram instaladas em Guabiruba, numa iniciativa dos próprios imigrantes.

No início, a vida de igreja acontecia no círculo familiar. Segundo o Padre Eder Celva (2013), a referência religiosa material era fundamental para a vida dos imigrantes inseridos num contexto exclusivamente agrário, com uma visão sacral de ver as coisas e o mundo. Embora a construção de igrejas fosse de responsabilidade do Governo Imperial, em Guabiruba não se cogitou esperar por auxílio público e, poucos meses após a chegada dos imigrantes, a primeira capela foi edificada.

Ao se referir ao assunto, Oswaldo Cabral (1958) informa que o primeiro templo católico da Colônia Itajahy-Brusque foi o da então Guabiruba do Norte, edificada em junho de 1861, no centro de Guabiruba. Ainda em meio à mata, os colonizadores fixaram um toco cruzeiro, que logo se transformou em ermida (pequena igreja em lugar ermo), encosta acima, próximo à confluência do rio Pomerânia com o rio Guabiruba.

De acordo com as pesquisas de Roque Luis Dirschnabel (2018)², a primeira capela foi construída no centro, nas terras de Franz Jakob Klein onde, posteriormente, Johann (João) Kormann tinha um pequeno comércio de escambo, mais tarde herdado por Theodoro Belli (casado com Paulina Kormann).

Denominada *Mariahilfskapelle* (Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro), foi construída de espiques (caules) de palmito. O piso da capela era de chão batido e a cobertura de palha. Também existem registros da construção de uma pequena capela na localidade de Guabiruba do Norte Alta³ no ano de 1862, denominada Capela de Santo Afonso, onde atualmente existe um cemitério.

Na *Stadtplatz* (sede da colônia, atual centro de Brusque), a primeira capela só foi erigida no ano de 1866, cinco anos depois da primeira capela ter sido erguida em Guabiruba, e tão somente porque houve investimentos privados.

² DIRSCHNABEL, Roque Luiz. Entrevista concedida a Rosemari Glatz, por e-mail, em 9 de julho de 2018. Advogado e escritor, reside em Guabiruba, Santa Catarina. É pesquisador da história de Guabiruba.

³ DIRSCHNABEL, Roque Luiz. Entrevista concedida a Rosemari Glatz, por e-mail, em 9 de julho de 2018. O lugar inicialmente era conhecido como *Weiher*, de onde veio a maioria dos imigrantes do atual bairro Aymoré, e depois passou a ser chamado de *Weimerstrasse*, tendo em vista a Constituição da República de Weimar (entre os anos de 1933 e 1939).

A importância da disciplina e da educação para o guabirubense

A família, a escola e a igreja se complementam e constituem os principais pilares da sociedade. No entanto, nos primórdios da colonização no Sul do Brasil, raramente o Governo se preocupava com a questão da educação – tão importante para os imigrantes germânicos, que já tinham aprendido em sua terra de origem sobre a força da educação e da disciplina para o desenvolvimento de uma sociedade.

Ainda segundo as pesquisas de Dirschnabel (2018), no tempo em que os imigrantes chegaram, o Padre Alberto Francisco Maximiliano Gattone apostolava em Blumenau e Gaspar quando foi chamado pelo Barão von Schneeberg, Diretor da Colônia, para atender ao crescente número de famílias católicas da Colônia Itajahy-Brusque. Face a ausência de professores qualificados⁴, o Pe. Gattone estimulou alguns colonos para que ensinassem as primeiras letras em suas comunidades. Frederico Nützel, Carlos Scharf, Francisco Weitgenant, Beniamino Suem, João Jensen, Karl Boos e, logo depois, João Boos, sendo colonizadores mais esclarecidos, assumiram a nobre função de ensinar.

A primeira escola paroquial de Guabiruba começou a funcionar ainda em 1862, nas imediações da primeira capela – Mariahilfskapelle, e com isso vem a ser, de fato, a primeira escola da Colônia Itajahy-Brusque. A escola tinha como professor o sacristão Frederico Nützel que, antes de atuar como professor, já ministrava a catequese e escolarizava as crianças e os jovens, sob a coordenação do Pe. Gattone.

No Álbum do Centenário de Brusque (1960) encontramos diversas informações sobre a questão educacional em Brusque, à qual Guabiruba pertencia. Walter F. Piazza comenta, no referido livro, que em 1864 foi autorizada a criação de uma escola de instrução primária para o sexo masculino na Colônia Itajahy-Brusque, com salário do professor pago pelo governo. Mas essa escola, instalada no centro da Colônia, não atendia as comunidades do interior da Colônia. No entanto, como visto acima, Guabiruba já tinha sua própria escola desde 1862, ainda antes que a primeira fosse instalada na Stadtplatz - sede da colônia -,

⁴ DIRSCHNABEL, Roque Luiz. Entrevista concedida a Rosemari Glatz, por e-mail, em 9 de julho de 2018. De acordo com as pesquisas realizadas por Dirschnabel.

numa iniciativa da Igreja Católica, e em 1º de fevereiro de 1868, começou a funcionar uma escola particular na localidade de Guabiruba do Norte Alta (bairro Aymoré). Atualmente a escola é denominada Padre Germano Brandt e, de acordo com Dirschnabel (2018), Karl Boos (o “velho”, não confundir com Carlos Boos) foi o professor na comunidade católica e ensinava as primeiras letras numa casa particular. A comunidade da igreja luterana de *Sternthal*, também vinculada ao bairro Aymoré, teve uma pequena escola, sendo seu primeiro professor o “velho” imigrante Bartz.

Conforme Piazza, em 1880 foi fundada a primeira escola particular alemã em Guabiruba do Norte. Dirschnabel complementa esclarecendo que a referida escola se localizava próximo da atual instalação da Casa das Irmãs, na rua 10 de junho, no Centro, onde lecionou o Sr. Carlos Scharf. Esta escola foi fechada durante a Segunda Guerra Mundial e, mais tarde, foi substituída pela atual escola Prof. João Boos, construída na rua Brusque. Piazza (1960) também escreve que, em 1885, foi fundada no bairro Alsácia a primeira escola particular, em língua alemã, que funcionava duas vezes por semana. No ano seguinte, em 1886, foi criada a escola particular de Guabiruba do Sul. E só muitos anos depois é que essas escolas passaram aos cuidados do Governo, que criou outras escolas.

Já se passaram 158 anos desde que o primeiro grupo de imigrantes originários de Baden chegou. Guabiruba se desenvolveu e, em 2018, tanto escolas como templos religiosos, especialmente os católicos, existem em todos os bairros da cidade. Seu povo pouco se miscigenou e conseguiu preservar seus valores, tradições, expressões étnicas, religiosidade e cultura, sendo bastante perceptível que, no inconsciente coletivo do povo guabirubense, existe um elemento que continua agindo de forma destacada sobre o inconsciente humano evidenciado na manifestação do seu folclore: o Pelznickel.

Os primeiros registros históricos do Pelznickel em Guabiruba

O Pelznickel faz parte de uma tradição natalina. No tempo de Natal,

entre os dias 6 e 24 de dezembro, o Pelznickel sai às ruas de Guabiruba com vestes em trapos, com muita barba-de-velho, folhas, chifres de animais, chicotes, correntes e fazendo muito barulho. O Pelznickel cobra obediência das crianças, e se isso não acontecer, dizem que ele busca elas para levar para o mato. No dizer da população guabirubense, o Pelznickel é uma tradição que foi passada de pai para filho desde a chegada dos imigrantes alemães no ano de 1860. É comum escutar depoimentos do tipo: “temos orgulho de pertencer a esta malha dentro da tradição que até hoje não parou. Sempre teve um Pelznickel nas ruas nos dias 6 e 24 de dezembro”. De acordo com Siegel (2018), existem relatos de pessoas com mais de 90 anos de idade de que, quando elas



Pelznickel em Guabiruba em 1954. Acervo: Sociedade do Pelznickel

eram crianças, já existia a tradição do Pelznickel. A foto anterior é de 1954, a mais antiga localizada até a presente data, e foi gentilmente cedida pela Sociedade do Pelznickel⁵.

No livro Folclore de Brusque, escrito por Walter F. Piazza e editado pela Sociedade Amigos de Brusque em 1960, por ocasião dos festejos do centenário da cidade, vamos encontrar uma literatura interessante sobre São Nicolau, Pelznickel e o Christkindl, outro personagem que vamos achar no Natal de Guabiruba. E essa literatura é amparada por relatos orais, conforme veremos a seguir.

São Nicolau, seu ajudante Ruprecht e o Pelznickel

Walter F. Piazza (1960) escreve que o dia de São Nicolau é comemorado a 6 de dezembro pela Igreja Católica. E por isso as comemorações ligadas ao Pelznickel em Guabiruba também iniciam sempre no dia 6 de dezembro. De acordo com Piazza, São Nicolau nasceu em Petara, cidade de Lícia, na Ásia Menor, filho único de pais piedosos. Seu tio, também chamado Nicolau, era Arcebispo de Mira.

Desde o primeiro instante de sua vida, São Nicolau estava voltado para o céu: ao primeiro banho, pôs-se de pé no recipiente onde o banhavam e levantou os olhos para o céu, e, tendo bom apetite durante os demais dias da semana, nas quartas e sextas-feiras só aceitava as mamadas após o escurecer do dia. E assim, voltado para o céu, cresceu, tornou-se homem piedoso, amigo das crianças, dos estudantes e dos marinheiros, e um dia foi elevado ao Episcopado de Mira. A razão de São Nicolau ser considerado o patrono das crianças se deve a vários fatos da sua vida, guardados na tradição oral.

Ora diz-se que ele ressuscitava pobres crianças trucidadas por um açougueiro, ora que salvava estudantes ameaçados por policiais ou já sacrificados pela fúria real. Ou por seu ato no caso de um pai, que não

⁵ SIEGEL, Fabiano. Foto cedida pela Sociedade do Pelznickel na pessoa de Fabiano Siegel, vice-presidente da Sociedade do Pelznickel a Rosemari Glatz, por e-mail, em 29 de junho de 2018. A foto foi entregue à Sociedade do Pelznickel por Edmundo Schindwein. Aparecem na foto: Inez Schorck e Elfrida Riffel (Christkindl, de branco, ao centro), José Lang, Mário Müller (negro); Miro Bretzke (chifrado).

possuía bens para constituir os dotes de suas filhas, e queria que, para tal fim, elas se prostituíssem e São Nicolau, ainda jovem, que ficou sabendo da situação da família, jogou pela janela da casa das três jovens uma quantia suficiente para os três dotes. Ou, ainda, por ter repartido com os pobres e necessitados a grande fortuna que possuía (Piazza, 1960).

Piazza nos informa que, para aguardar a passagem de São Nicolau no período natalino na região de Brusque e Guabiruba, algumas famílias costumavam colocar pratos na janela, ou nas mesas, para que fossem enchidos com guloseimas. E, esperando a visita de São Nicolau, as crianças cantavam:

“*Nikolaus komm, mach mich fromm, Dass ich in den Himmel komm!*”

Traduzindo, a canção significa: “Vem, São Nicolau, faz-me piedoso, para que eu entre no céu”.

Outras vezes o São Nicolau passava e, do centro da rua, ia atirando, pelas janelas e portas abertas, nozes, amêndoas açucaradas, balas, doces secos, etc. Ainda de acordo com Piazza, a imagem de São Nicolau, comumente venerada na Europa Central e Nórdica, é de um bispo, com mitra na cabeça e báculo na mão. A legenda popular regional, entretanto, o representa acompanhado, no dia da distribuição dos presentes (Dia de São Nicolau), de um criado chamado “*Ruprecht*”, a quem por aqui o povo apelidou de “Pelznickel”.

O alemão Alois Riffel (2018) conta que em Karlsdorf (região de origem de muitos imigrantes alemães que colonizaram Guabiruba) “durante muito tempo era comum o São Nicolau aparecer no dia 6 de dezembro, acompanhado do seu servo ‘*Ruprecht*’. Os dois visitavam e davam presentes para as crianças no dia de São Nicolau”. Segundo Riffel, “o servo *Ruprecht* não era um homem assustador como o Benzenickel (ou Pelznickel, no Brasil), mas apenas o servo do Santo Bispo. Às vezes ele trazia nas mãos uma vara ou ‘molho de galhos secos’, mas ele realmente não machucava ninguém”. A foto é do dia 6 de dezembro de 1939 (Nikolaustag), em Karlsdorf, Baden-Württemberg, Alemanha e foi gentilmente cedida por Alois Riffel.

No entender do povo, ao criado de São Nicolau, “*Ruprecht*”, compete amedrontar as crianças e, às mal comportadas, ameaçar de castigo, caso não se emendem até o Natal. Numa analogia, em Guabiruba também existe o personagem “*Ruprecht*”, conhecido como o “Homem do



*São Nicolau e seu servo Knecht Ruprecht em Karlsdorf em 6/12/1939.
Acervo: Alois Riffel. Karlsdorf-Neuthardt (2018)*

Saco” (Sackmann, do Pelznickelplatz) e, dentre os relatos atribuídos ao *Ruprecht*, consta que foi dele que saiu a imagem do Papai Noel que conhecemos na atualidade, numa adaptação do personagem desenhado por Thomas Nast no final do século XIX.

Belzenickel, Pelznickel, o servo Ruprecht e o Papai Noel

O pesquisador e escritor alemão Lothar Wieser⁶ conta que conhece a expressão “Belzenickel” desde a sua infância no Palatinado. É uma figura conhecida, que hoje em dia aparece como *Knecht Ruprecht* (servo Ruprecht), acompanhando São Nicolau, a quem está fortemente ligado. Segundo Wieser, tanto a palavra quanto o costume existem em toda a região sudoeste da Alemanha e a grafia “Belzenickel” ou Pelznickel são igualmente aceitas e, etimologicamente, derivam do alto-alemão médio “pelzen” que significa bater, dar pancadas.

Wieser informa que, nos costumes vigentes na sua infância, e ainda antes disso, não havia a figura de São Nicolau, apenas o personagem “Belzenickel” com chapéu de ponta e barba branca. Normalmente ele estava coberto por um manto escuro (gepelzt), vestia um gorro escuro, e carregava um saco com presentes e um molho de ramos secos, símbolo do castigo que era usado com as crianças de mau comportamento, pois ele batia com os ramos secos nas costas e/ou bunda dos que não se comportaram. Neste mesmo sentido colabora o badense Alois Riffel⁷. Segundo ele, na região onde ele cresceu não existia o Papai Noel vermelho que conhecemos na atualidade, mas sim o *Ruprecht*, um homem de barba branca comprida, que vestia um sobretudo de cor escura, com

⁶ WIESER, Lothar. Entrevista concedida a Rosemari Glatz, por e-mail, em 6 de julho de 2018. É alemão de nascimento e reside em Mannheim, no estado de Baden-Württemberg, Alemanha. É pesquisador da emigração badense ao Brasil e conta que conhece a expressão “Belzenickel” desde a sua infância no Palatinado.

⁷ Alois Riffel. Entrevista oral concedida a Rosemari Glatz em Karlsdorf-Neuthardt no dia 20/07/2018 e por e-mail no dia 31/07/2018. É alemão de nascimento e reside em Karlsdorf-Neuthardt, no estado de Baden-Württemberg, Alemanha. É membro da BSG – Badisch Südbrasilianische Gesellschaft eV., que apoia pesquisas da história familiar e intercâmbios entre entidades culturais do norte de Baden e descendentes dos imigrantes residentes nos três estados do Sul do Brasil.

cordão amarrado na cintura e com capuz pontudo cobrindo a cabeça. Trazia numa mão um saco com os presentes e na outra uma vara ou ‘molho de galhos secos’.

O escritor Ricardo José Engel⁸ ainda tem memórias do Pelznickel em sua terra natal, Peritiba, Santa Catarina. Segundo ele, o costume do Pelznickel teria origem nos imigrantes saídos da velha pátria germânica, das cidades pertencentes à região da Renânia (pelo menos entre os imigrantes do Estado do Saarland, no sudoeste da Alemanha). De acordo com Engel (2018), “o Pelznickel era um elemento de natureza cultural também vinculado ao folclore, mas, sobretudo, à tradição religiosa, e usado como meio de garantir a boa disciplina entre a garotada ao longo do ano. Afinal, era responsabilidade do Pelznickel recompensar crianças que tinham se comportado bem ou então castigar aquelas que tinham apresentado mau comportamento. Bom e mau ao mesmo tempo. Em Peritiba, fundada em 1919 por colonizadores alemães oriundos do Rio Grande do Sul, as crianças comportadas ganhariam doces e pequenos presentes no Natal, já as indisciplinadas receberiam um corretivo com a varinha do Pelznickel. Portanto, o papel desse personagem cultural era duplo e de grande efeito disciplinador e, desse modo, vinculado à própria educação doméstica em geral. Mas parece fora de dúvida que o seu papel predominante era no sentido de intimidar, assustar e ameaçar aquelas crianças de conduta inadequada, visando a correção do comportamento. Nas semanas que antecediam a Noite de Natal, era ‘grande a expectativa das crianças pela visita do Pelznickel’, num misto de medo e ansiedade”.

O Pelznickel – interpretado por um adulto da cidade ou da vizinhança – “andava por determinadas ruas, vielas, ou visitava algumas casas para grande agitação da meninada. Com uma voz grossa e disfarçada, que se somava a sua temível aparência, o Pelznickel se movia aos solavancos, com passos intencionalmente barulhentos, sustentando, com uma das mãos um saco sobre seu ombro e trazendo, na outra, a ameaçadora varinha – essa não podia faltar -, cuja intimidação, em alguma medida, era compensada pela alegre expectativa dos doces ou

⁸ Ricardo José Engel é escritor e professor, nasceu em Peritiba (SC) e está radicado faz muitos anos em Brusque. Depoimento concedido à Rosemari Glatz, por e-mail, em 24 de julho de 2018.

presentes supostamente contidos no saco. Com a varinha, o Pelznickel batia ao longo do caminho em cercas, chão, postes, vegetação, enfim, em tudo o que encontrava, como forma de sinalizar sua chegada e intimidar a gurizada”. E ele completa: “as crianças mais assustadas fugiam de perto e se escondiam na casa. Eram, logo depois, ‘resgatadas’ pelos pais, que as juntavam às demais para recitar ao Pelznickel breves orações ou pequenos versos, além de responder a uma rápida sabatina sobre ‘bom comportamento’. Finalmente, o Pelznickel abria o saco e brindava as crianças, agora já menos assustadas, com doces entregues em suas mãos ou atiradas pelo chão da casa. A depender da condição da família, também poderiam ser distribuídos pequenos presentes”.

A descrição estética apresentada por Engel (2018) sobre o Pelznickel guarda certa semelhança com o descrito por Baasner, Riffel, Wieser e Piazza. Este último, ao se referir à Festa de Natal dos tempos passados de Brusque e Guabiruba, escreve que: “na noite da véspera de Natal, as casas eram visitadas pela imponente e austera figura do Papai Noel, envergando roupas maltrapilhas, com a sua longa e venerável barba branca, com seu chapéu de abas largas, bem surrado, calçando botas bem gastas, vara e correntes na mão – símbolo do castigo para a criançada alvoroçada – e com um amplo saco nas costas, habitualmente acompanhado pela *Christkind*” (PIAZZA, 1960, p. 164).

O escritor alemão Baasner (1992) em sua obra *Kleine Geschichte des Weihnachtsmanns* (Uma Pequena História sobre o Homem do Natal), informa que, no princípio, o servo *Ruprecht*, também conhecido como *Weihnachtsmann*, aparecia como ajudante do São Nicolau, mas, com a minimização do papel do São Nicolau promovido pela igreja após a Reforma Protestante, ele passa a ser visto acompanhando a *Christkind*. Na maioria das vezes, o servo *Ruprecht* é retratado como um acompanhante de aparência grotesca, vestido em um manto de pele, formando um contraponto com a figura leve de luz da *Christkind* (numa alusão entre o claro e o escuro, o leve e o pesado...). Segundo o autor, com o passar do tempo o servo *Ruprecht* passou a apresentar muitos traços humanos e foi se transformando numa figura simpática, todavia sempre mantida em segundo plano, já que a *Christkind* é o centro das atenções dos rituais natalinos.

Christkind ou Christkindl

Outro personagem mencionado por Piazza (1960) e que vamos encontrar ainda na atualidade no Natal de Guabiruba, é a Christkind (ou Christkindl, no dialeto alemão Badenser) que, na tradução literal, significa Cristo em forma de criança.

Segundo Baasner (1992)⁹, a figura da Christkind começa a parecer na Alemanha no século XVI, após a Reforma Protestante, e libera o São Nicolau de dar presentes. Para o autor, um dos principais motivos do surgimento da personagem Christkind foram as questões religiosas, pois a igreja não queria mais que o culto a São Nicolau fosse superior ao culto ao nascimento do Menino Jesus, e isso precisava ser incutido nas crianças. No princípio, a figura da Christkind normalmente era apresentada por um menino com idade entre 4 e 8 anos de idade, representando o “Senhor do Mundo” e, até o século XIX, no Sul da Alemanha católica, a Christkind era representada por bonecos ricamente ornamentados e segurando na mão o globo. Essas representações entraram no culto natalino, contudo, nas regiões de culto luterano, essas figuras ficaram em segundo plano. A Igreja Luterana deixou São Nicolau de lado, e promoveu o Cristo como o presenteador das crianças. A data de entrega dos presentes também mudou, passando do dia 6 de dezembro para a véspera de Natal.

Segundo Baasner, aos poucos e com o passar dos tempos, a figura da personagem Christkind vai sendo alterada. Com finalidades pedagógicas, a imagem de um jovem rei que comanda é suavizada, e com isso a imagem da Christkind se torna mais infantil. Nas áreas católicas da

⁹ A tradução das páginas 35 a 44 do livro *Kleine Geschichte des Weihnachtsmanns*, de autoria de Rainer Baasner, foi realizada com o auxílio de Emilia Rosenbrock, de Brusque, em 10/08/2018. Emília é Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (2016). Possui graduação em “Deutschals Fremdsprache” pela Universidade de Bielefeld - Alemanha (2008). Diploma reconhecido como Licenciatura em Letras, Habilitação em Alemão pela UFPR - PR. Atualmente desempenha as funções de Coordenadora Pedagógica do Centro de Línguas e Professora de Língua Estrangeira - Alemão no Colégio Cônsul Carlos Renaux/Brusque - SC. Coordena o programa de intercâmbio estudantil Brasil/Alemanha na instituição escolar. Trabalhou em instituições educacionais na Alemanha nas funções de instrutora de língua alemã para crianças migrantes no Jardim de Infância, educadora em atividades no período integral para séries iniciais do ensino fundamental e auxiliar de classe para crianças com deficiência.



Representação da Christkind nos primeiros tempos. Fonte: Internet (2018)

Alemanha, a Christkind continua a ser o principal portador de presentes, numa referência à encarnação de Jesus como uma criança, e as figuras de pequenos anjos como mensageiros da boa nova popularizam a imagem no século XIX. Mais tarde se observa uma nova transformação, e a Christkind começa a ser retratada de forma mais humilde, sentada no lombo de um burrinho, vestindo roupas simples, numa figura mais popular que já não contempla as pessoas “de cima para baixo”, e se mostrando em nível de igualdade para receber o amor e a contemplação do povo (BAASNER, 1992). A figura 1, datada de 1847, representa a Christkind e o servo Ruprecht. A Christkind, personagem etérea e iluminada, nunca sente frio, enquanto o servo *Ruprecht* é apresentado vestindo um grosso manto de peles, o gorro e botas, num contraponto entre o leve e o pesado, o etéreo e o terreno.



Representação da Christkind acompanhada do servo Ruprecht com seu saco e molho de galhos secos. Fonte: wikimedia.org

No entanto, a transformação mais considerável da Christkind foi quando, por volta de 1900, em muitos lugares a figura deixou de ser representada como um menino e passou a ser apresentada como uma menina, com idade entre 4 e 8 anos, trajando uma espécie de vestido branco, de tecido leve e fluído, caminhando pela floresta à luz de Natal (*Weihnachtslicht*). E, nesta nova forma, torna-se indispensável que a Christkind passe a andar sempre acompanhada do servo *Ruprecht*, que tem como função indicar a ela o caminho e carregar os pesos (sacos). Elucidar a mudança do sexo da Christkind não é tarefa fácil.

Uma possível explicação é que a questão religiosa vai sendo minimizada, perdendo força, vão se acentuando as virtudes mundanas e, entre estas virtudes, estão a afabilidade, o perdão e a generosidade. Sob o ponto de vista pedagógico, no final do século XIX e início do século XX essas virtudes não poderiam ser representadas na figura de

um menino, pois naquele tempo o masculino estava muito associado à figura representativa da guerra, sendo impensável imaginar estas virtudes num menino alemão e, por isso, a Christkind ganha a representação de uma menina afável, amigável, que incorpora a paz universal do “tempo de Natal”. Em toda essa história, o servo *Ruprecht* assume o lado mais pragmático, ou seja, cabe a ele o trabalho, o esforço, enquanto que a Christkind incorpora o estado das virtudes idealizadas. A relação entre as figuras do servo *Ruprecht* e a Christkind fascinava tanto os poetas quanto o público, não se consegue separar o mito da Christkind e do *Ruprecht*, e, ao longo do tempo, o elo existente entre os dois vai sendo fortalecido através de poesias, músicas, contos, peças teatrais e tradição oral.

Baasner ainda informa que, se eventualmente a Christkind não estivesse acompanhada do servo *Ruprecht*, ela apareceria acompanhada de um ou mais anjinhos, mas nunca sozinha. Neste caso, ao invés dos presentes saírem do saco que o servo *Ruprecht* carregava, eles sairiam de uma cornucópia (uma espécie de vaso em forma de chifre, um símbolo representativo de riqueza e abundância), ou então os presentes cairiam do céu. E, desta forma se apresenta metaforicamente que ser generoso e presentear é algo leve, num contraponto à imagem do servo *Ruprecht* que tem o andar denso em função dos pesos que carrega. Para receber os presentes da Christkind havia uma condição: que durante o ano a criança tivesse sido obediente. Porém, se não tivesse sido assim, também não se espalharia nenhum medo ou susto entre os desobedientes e o castigo seria eles não receberem presentes.

No século XX, a figura da Christkind vai se transformando mais uma vez e, em alguns lugares, passou a lembrar mais a figura de uma jovem mulher com traços humanos e com idade entre 15 e 20 anos, numa representação estética de uma figura alta, magra, com feições neutras e contemplativa. E, cada vez mais, a figura da Christkind com feições humanas vai se aproximando das feições do anjo que a acompanha, anunciando a “festa do Natal”, de modo que, em algumas representações, não se consegue distinguir se a imagem é do “Anjo do Natal” ou da Christkind. E, vocês sabem, o Anjo de Natal não é, senão, a própria Christkind (BAASNER, 1992).

Voltando a abordar o tema aqui na nossa região, Piazza (1960) es-

creveu que, em dias passados em Brusque e Guabiruba, o “Papai Noel” era comumente acompanhado pela Christkind -, uma criança vestida com ampla camisola branca, representando o Cristo Criança, com um véu no rosto para evitar a identificação e uma sinetinha na mão, para anunciar sua aproximação. A família, ouvindo a sinetinha tocar, acendia as velas da árvore de Natal – o pinheirinho – e apagava as demais luzes da casa e cantava “*Stille Nacht*” (canção “Noite Feliz”). Em seguida, a família recebia a dupla: Papai Noel e Christkind, contando-lhes as virtudes e diabruras de cada um dos petizes da casa e discutindo se mereciam ou não os presentes desejados. Quando o ‘suspense’ estava no auge, havia o gesto de magnanimidade da Christkind, mandando o Papai Noel distribuir os brinquedos e guloseimas. A abertura do saco de presentes era um estouro de alegria. Feita a distribuição, a família homenageava a dupla benfeitora, dando-lhes doces e bebidas” (PIAZZA, 1960). Se compararmos a descrição apresentada por Piazza com a narrada por Baasner (1992), veremos que os personagens se assemelham, mas o que Piazza nomina de Papai Noel, Baasner descreve como o servo *Ruprecht* ou como *Weihnachtsmann*.

De igual modo, encontramos semelhança entre o que Baasner escreveu com o depoimento de Riffel (2018), que conta que no Natal da região de Baden, Alemanha, a personagem Christkindl era representada por moças jovens da vizinhança que, acompanhadas do servo *Ruprecht*, entregavam os presentes no Natal. As moças deveriam ser jovens solteiras, e se apresentavam trajando vestidos brancos com um véu no rosto (para que não fossem facilmente identificadas). Em eventos natalinos da Alemanha, ainda em 2018 encontramos o servo *Ruprecht*, o São Nicolau, e a Christkindl abrindo o Mercado de Natal. Em Nuremberg, inclusive, vamos encontrar um evento chamado *Christkindlesmarkt*.

Como nasceu o Papai Noel que o mundo ocidental conhece hoje

Ao se referir sobre as comemorações natalinas, o pesquisador alemão Lothar Wieser informa que o costume do personagem “Belzenickel” ou Pelzinickel e do servo *Ruprecht* deve ser muito antigo, pois existem

indicações da expressão relacionadas aos “Alemães da Pensilvânia” que emigraram no século XVIII do Palatinado para a América do Norte¹⁰. E o artista Thomas Nast, emigrante alemão de Landau (Renânia-Palatinado, Alemanha), é considerado o criador da figura do Nicolau e responsável pela popularização do personagem (WIESER, 2018).

Hoje, no mundo ocidental as crianças conhecem o Papai Noel gorducho, de barba branca, roupa vermelha e bota preta, mas possivelmente poucos conhecem a sua origem. E tampouco o seu inventor palatino dificilmente teria sonhado com isso. Conta-se que, para criar o personagem, Thomas Nast se inspirou numa foto do “Belzenickel” (na verdade, numa foto do servo *Ruprecht*) tirada em sua antiga casa, em Landau. No final do século XIX foi publicada, no “Novo Mundo”, uma coleção das obras natalinas de Nast, mas o seu desenho mais famoso, “o Papai Noel”, só se tornou conhecido mundialmente em 1931, a partir da adaptação do personagem para anúncios da Coca Cola, numa campanha publicitária que acabou por transformá-lo num símbolo mundial de Natal, e fazendo de Thomas Nast o “Pai do Papai Noel” (SWR, 2018).

Mas, afinal, o que é Pelznickel na cultura popular de Guabiruba?

O Pelznickel¹¹ é, antes de tudo, uma identidade do povo guabirubense. Algo que só quem cresceu em Guabiruba realmente consegue compreender. Os demais, talvez definam o Pelznickel como “Papai Noel do Mato”; “Monstro Assustador”; “Bicho Feio e Chifrudo”, um personagem que aparece anualmente em desfiles pelas principais ruas de Guabiruba durante as festividades de Natal entre os dias 6 e 24 de dezembro.

O autor Piazza, ao escrever sobre as festividades natalinas em 1960, dizia que em Brusque e Guabiruba, além do São Nicolau, era comum

¹⁰ A Renânia-Palatinado é um dos 16 estados da Alemanha, situado no sudoeste do país.

¹¹ Pelznickel também pode ser traduzido como “Nicolau Peludo”, no dialeto badense, falado em Baden – Alemanha - de onde emigraram os colonizadores de Guabiruba.

certos tipos populares trajarem-se com trapos e, conduzindo pesadas correntes, representavam o Pelznickel, para atemorizar a garotada. O que, de certo modo, consistia num preparo psicológico para o Natal, como que avisando: os bons serão premiados e os maus esquecidos, de modo semelhante ao descrito por Engel (2018) sobre o Pelznickel de Peritiba.

José Siegel¹² contou a Fabiano Siegel sobre o Pelznickel: “Quando eu era criança era comum ter medo dos Pelznickel. Eu sempre desconfiava que o pai era um, porque ele sempre ia muito para o mato (*ele ia para caçar*), mas mesmo assim, tempo de Natal, a gente espiava para onde ele ia (*para o mato*). Lá em casa tinha um sótão no rancho onde a gente não podia subir. E só depois de muito tempo foi que descobrimos que era lá que ele guardava as roupas dos Pelz. No tempo de Natal, o que a gente ganhava eram doces, e adorávamos isso, e já começava no dia de São Nicolau, dia 6 de dezembro. Os nossos presentes eram de madeira e feitos por nossos pais mesmo, eu lembro que ganhei uma espingarda que mais parecia ser um galho, e quem trouxe foi o Pelznickel no dia 24 de dezembro, mas antes de ele chegar eu já tinha me escondido porque eu tinha provocado eles (Pelznickel) ali na (*casa da*) Tante Dietrich”. José Siegel finalizou a entrevista dizendo: “mas nunca soube se o meu pai era Pelznickel mesmo, acho que esqueci de perguntar, mas creio que sim, por causa das roupas, que depois eu até usei uma delas”.

Para o empresário Ivan Fischer, presidente da Sociedade do Pelznickel, o personagem é portador de um caráter educacional, e por causa dele muitas crianças obedecem aos pais (FISCHER *apud* CERBARO, 2009). É comum presenciar a promessa de bons modos na ponta da língua, não só em crianças, mas também em adultos ao se defrontarem com o Pelznickel.

Mas uma coisa é fato: cada Pelznickel é único e se renova ano após ano. O traje é preparado pelo próprio Pelznickel. Usam-se trapos e roupas velhas nas quais são costuradas folhas de uma espécie de palmeira comum em Guabiruba, de folha larga, chamada Geonoma Gamiova

¹² José Siegel nasceu em Guabiruba/SC em 3/10/1921 e, em 23 de dezembro de 2000 concedeu entrevista a Fabiano Siegel, que, por sua vez, repassou as informações a Rosemari Glatz, por e-mail, em 1º de março de 2018.

(popular palheira). Nos trajes também se costuma usar barba-de-velho (*Tillandsia usneoides*) - uma bromélia que vive em árvores ou em outros substratos inertes - e que existe em abundância em Guabiruba.

Significado da palavra Pelznickel

Existem, no mínimo, duas definições para o nome Pelznickel. A Sociedade do Pelznickel explica que o nome Pelznickel significa: Pelz: pelos, pelagem. Nickel: diminutivo de Nicolau (Blog do Pelznickel, 2018). Assim, Pelznickel também poderia ser traduzido como “Nicolau Peludo”, no dialeto badense, falado em Baden – Alemanha - de onde imigraram os colonizadores de Guabiruba.

O pesquisador alemão Lothar Wieser (2018), por sua vez, informa que, etimologicamente, a palavra Pelznickel deriva do alto-alemão médio “*pelzen*” e significa: bater, dar pancadas. Mas, independentemente da tradução que se dê ao nome Pelznickel – cada um deles sempre vai ser exclusivo, pois dentro do Pelznickel existe um ser humano único.

A aparência do Pelznickel

A aparência do Pelznickel costuma ser assustadora e alguns trazem chicotes, varas e correntes nas mãos. Alguns tem chifres e outros trazem chupetas e/ou mamadeiras amarradas pelo corpo. Ao se referir à questão estética do Pelznickel, Engel (2018) conta que em Peritiba ele se apresentava com vestes variadas, simples como a vida rural, e uma indumentária que incluía itens como uma grande capa – espécie de sobretudo -, ou um poncho, um velho chapéu, um pelego, barbas longas improvisadas e botas.

Alisson Sousa Castro (2015) ao se referir à parte estética que envolve o personagem, afirma que a aparência do Pelznickel (de Guabiruba) lembra a de um terrível monstro – de um ‘*bicho chifrudo que vem do mato*’. Ele diz que o material utilizado para a confecção de sua vestimenta sugere, a princípio, que foram adaptados materiais locais no lugar de peles de animais. Seu traje é composto por uma vestimenta feita geralmente de trapos e/ou barba-de-velho - na Rua São Pedro -,

ou folhas de gamiova - na Rua Guabiruba do Sul.

Fabiano Siegel descreve assim a estética do Pelznickel: “ornado com chifres na cabeça, portando chicote, corrente ou vara nas mãos, pode também levar adereços como sinos ou mesmo chupetas infantis – sugerindo condutas a serem abandonadas pelas crianças”. E, ainda: “muitas pessoas chegam a Guabiruba, vindas de outros lugares e não conhecem a nossa tradição. Elas podem se assustar e até pensar que somos bagunceiros e que queremos deturpar o Natal. Mas nosso objetivo é manter preservada essa cultura. É algo sério e nosso”. Na visão de Siegel, “medo e respeito caminham juntos, e o Pelznickel tem um caráter educacional” (SIEGEL *apud* CERBARO, 2009; MACHADO, 2010). E, assim, a tradição do Pelznickel foi sendo transmitida de geração em geração até que foi criada a Sociedade do Pelznickel.

A Sociedade do Pelznickel

Com o objetivo de preservar, cultivar e ativar a cultura natalina centenária e única que foi trazida pelos imigrantes badenses e que sobrevive ao tempo, foi criada em Guabiruba, em 2005, a Sociedade dos Pelznickel. E é única pois, segundo a diretoria da Sociedade dos Pelznickel, não se conhece outro lugar no Brasil onde essa cultura ainda exista. Composta por 76 integrantes, a Sociedade do Pelznickel é considerada um grande braço da cultura da cidade de Guabiruba. Os integrantes da sociedade costumam se reunir mensalmente para estudar a história e se organizar para a promoção de novos eventos, sendo que os desfiles são considerados sua marca.

Além de participar dos desfiles promovidos pela própria população e pela administração pública de Guabiruba, os integrantes da Sociedade do Pelznickel também têm sido convidados para participar de inúmeros eventos em outras cidades, tais como encontros de papais noéis, ações em escolas da região e desfiles de Natal. Nestas oportunidades, quando possível e pertinente, outros personagens como a Christkindl, o Opa e a Oma, o Sackmann, e São Nicolau também participam dos desfiles, sempre divulgando a cultura da cidade.

A partir de 2012 a Sociedade do Pelznickel passou a promover um grande evento anual, chamado de *Pelznickelplatz* – Lugar do Pelznickel

-, oportunidade em que os interessados na cultura guabirubense podem visitar o espaço “onde vive o Pelznickel”. E os trabalhos da Sociedade do Pelznickel começam a colher os frutos, pois, recentemente, em 2018, o Ministério da Cultura, por meio da Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural, a partir de critérios estabelecidos na Lei Cultura Viva (13.018/2014) reconheceu a iniciativa PELZNICKEL como Ponto de Cultura. O certificado emitido pelo Ministério da Cultura comprova que a Sociedade do Pelznickel desenvolve e articula atividades culturais em sua comunidade, e contribui para o acesso, a proteção e a promoção dos direitos, da cidadania e da diversidade cultural no Brasil. Segundo Cultura (2018), a principal ação do Programa Cultura Viva são os **Pontos de Cultura** – entidades/grupos/coletivos, com atuação comprovada na área cultural, selecionados por edital de responsabilidade do Ministério da Cultura (MinC), em parceria com outros órgãos do governo federal e com governos estaduais e municipais.

Pelznickelplatz

Desde a sua fundação, a Sociedade do Pelznickel participa de diversos eventos, como do Desfile de São Nicolau pelas ruas da cidade (sempre no dia 6 de dezembro), do *Weihnachten* em Guabiruba (Cantata de Natal), dos Desfiles de Natal, de apresentações em cidades vizinhas como Blumenau e Pomerode, da entrega de premiações do Concurso *WeihnachtsLichter* (Concurso Luzes de Natal) promovido anualmente pela Associação Visite Guabiruba – AVIGUA e, em 2012, a Sociedade do Pelznickel abriu, pela primeira vez, os portões do Pelznickelplatz, o local que é a morada do Pelznickel. Instalado na Rua Nicolau Schaefer, 647, bairro Imigrante, em Guabiruba, desde a sua primeira edição o Pelznickelplatz vem engrandecendo o Natal de crianças, jovens, adultos e idosos, porque o Pelznickel é uma “tradição que encanta”.

O Pelznickelplatz costuma abrir seus portões ao público nos dois últimos finais de semana que antecedem o Natal. Na primeira edição, em 2012, recebeu em torno de 3.000 visitantes, em 2013 esse número já subiu para 8.000 visitantes e, a partir de então, tem recebido aproximadamente 14 mil pessoas em cada edição, pois esta é a capacidade máxima de público para o espaço onde mora o Pelznickel. Além disso,

o evento tem gerado mídia espontânea, com publicações na imprensa local, regional, estadual, e até nacional, inclusive na Rede Globo que é considerada uma das principais emissoras de TV da atualidade. É de Guabiruba para o mundo!

Personagens que vivem no PelznickelPlatz

No Pelznickelplatz da Guabiruba, vivem diversos personagens que dão vida ao espaço. Conforme informações extraídas do Blog do Pelznickel (2018), quem visitar o local vai encontrar as Christkindl, o Opa e a Oma no Farmhand, o Sackmann, o São Nicolau e muitos e muitos Pelznickel pois, afinal, eles vivem no mato da Guabiruba. Conheça melhor cada um dos personagens, conforme descrito pela própria Sociedade do Pelznickel:



Personagens do PelznickelPlatz: à esquerda, o Opa e a Oma, e os Sackmann. Ao centro: São Nicolau. À direita: as Christkindl com suas sinetinhas. Acervo: Sociedade do Pelznickel

Christkindl

São Nicolau era casamenteiro e, conta a lenda que, em trocado serviço do casório ele pedia que, no período do Natal, as noivas ajudassem as pessoas mais necessitadas. Assim, as moças iam de casa em casa,

com sua veste de casamento (vestido branco e véu cobrindo o rosto), para ajudar as pessoas e até dar presentes. No dialeto alemão Badenser (falado na região de onde emigraram os colonizadores de Guabiruba), o nome Christkindl significa “Menino Jesus”. Bondade e carinho, assim são as Christkindl que atuam no Pelznickelplatz, e que desempenham o papel de Cristo Criança muito bem.

Farmhand

Na casa do Farmhand (trabalhador agrícola, agricultor, colono), o visitante pode encontrar uma mesa farta de comidas do campo, como o famoso cafezinho preparado pela Oma no coador de saco de pano, com a água esquentada no fogão aquecido com a lenha que o Opa recolheu na mata.

Sackmann

Também conhecido como o “Homem do Saco”, ele vive no Pelznickelplatz. Conta a lenda que antigamente o Sackmann passava de rua em rua, trajando suas velhas roupas, com seu chapéu de abas largas, bem surrado e sempre com um saco nas costas para pegar as crianças que andavam sozinhas pela rua, principalmente à noite. O Sackmann prendia as crianças no saco e as carregava, mas ninguém sabe para onde ele as levava.

São Nicolau

Diz a tradição que São Nicolau nasceu em Petara, na Ásia Menor (hoje Turquia) na segunda metade do século III e que faleceu no dia 6 de dezembro do ano de 342. A São Nicolau foram atribuídos diversos milagres, o que fez dele um santo popular na Europa, como protetor dos marinheiros, comerciantes e santo casamenteiro. Conta-se também que, nos tempos difíceis, ele costumava ajudar os pobres e oprimidos. Ele se destaca como amigo das crianças, pois foi a elas que São Nicolau mais se dedicou.

Pelznickel

Segundo a lenda descrita no Blog do Pelznickel (2018), a relação de São Nicolau com os Pelznickel começou assim: no tempo do Natal, São Nicolau passava nas casas para dar a bênção e entregar doces, mas em algumas casas havia crianças muito rebeldes, que não respeitavam os pais e os mais velhos, eram desobedientes. Então São Nicolau teve a ideia de buscar os moribundos que viviam além dos muros da cidade para dar um susto, ou mesmo uma surra, nas crianças que não eram respeitosas. E isso deu muito certo, por isso o São Nicolau passou a andar com eles. Com o passar dos anos, os moribundos foram criando formas mais assustadoras e começaram a ser chamados de Pelznickel, numa referência ao traje que eles usavam que era feito de pelos pois no Natal europeu faz muito frio, e por andarem acompanhando o São Nicolau.

No entardecer dos dias 6 e 24 de dezembro, o Pelznickel sai das matas onde vive e invade as ruas de Guabiruba para dar uma lição nas crianças que não se comportaram bem durante o ano, com o objetivo de que elas reflitam e melhorem as suas atitudes no ano seguinte. Cobertos de folhas, barba-de-velho ou trapos, com chifres e máscaras assustadoras e carregando correntes, chicotes ou varas, eles auxiliam



Pelznickel em Guabiruba em 2017. Acervo: Sociedade do Pelznickel

o Papai Noel na tarefa de entregar presentes para aqueles que foram bonzinhos, bem como amedrontar e até castigar as crianças que andaram aprontando ao longo do ano.

Terra do Pelznickel: a visão do turismo de Guabiruba

A tradição do Pelznickel sobrevive ao tempo e continua viva no inconsciente coletivo dos guabirubenses, preservando as condições espirituais do povo, garantindo a manutenção dos laços de identidade que unem o cidadão à história da cidade. Decorridos 158 anos desde a chegada dos colonizadores germânicos, a tradição trazida pelos imigrantes de Baden se mantém. Ano após ano, continua sendo fácil encontrar o Pelznickel circulando pelas ruas de Guabiruba no dia 6 de dezembro, dia de São Nicolau, e no dia 24 de dezembro, véspera de Natal, principalmente pelo Centro e nos bairros Aymoré, Guabiruba do Sul, Imigrante e São Pedro. São apresentações espontâneas, organizadas pela própria população e muito prestigiadas.

E, recentemente, com o fortalecimento da identidade promovida pelas ações da Sociedade do Pelznickel, se observa o envolvimento crescente de crianças que já têm o sonho de ser um “pequeno Pelznickel”, e para isso elas mesmas confeccionam os seus trajes e espontaneamente participam dos desfiles pelas ruas de Guabiruba. É algo muito próprio, natural e até “orgânico”, conforme podemos visualizar na foto de nº 6, onde observamos o pequeno menino Bruno com “carinha de brabo”, materializando o sonho de ter uma “fantasia “igual do Pelznickel”. O menino Bruno mora em Guabiruba, e descende de imigrantes alemães e italianos.

Outro fato que chama a atenção é que, após a criação da Sociedade do Pelznickel e, de forma ainda mais contundente após a abertura do Pelznickelplatz, em 2012, Guabiruba começou a ser conhecida como “Terra do Pelznickel”. Crianças nascidas após essa data ou que ainda eram pequenas quando da abertura do Pelznickelplatz, ao passarem defronte do espaço onde ele está instalado, costumam se referenciar ao local como “ali mora o Pelznickel...”



Menino Bruno Carminati com “barba-de-velho” para sua fantasia do Pelznickel. Foto tirada em 5 de agosto de 2018, em Rio dos Cedros, SC. Autorização de uso de imagem concedida para Rosemari Glatz pelos pais Vanessa Dietrich Carminati e Emiliano Carminati, em 18 de agosto de 2018. Fonte: Vanessa Dietrich Carminati e Emiliano Carminati

Alisson Sousa Castro¹³ entendeu “a criação do Pelznickelplatz como uma ação que se assemelha a outras que levam a uma museificação identitária, onde a singularidade do Pelznickel enquanto uma marca

¹³ CASTRO, Alisson Sousa (2015), pesquisou a questão do Pelznickel em Guabiruba para sua dissertação de mestrado.

autêntica é divulgada/ofertada como produto turístico sob um padrão global homogêneo que valoriza as singularidades. E o Pelznickel, ano após ano, efetivamente vem se consolidando como um importante produto turístico de Guabiruba, e isso ficou muito claro no Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS¹⁴, onde, de forma coletiva, em 2017 se chegou à seguinte visão do turismo de Guabiruba:

“Ser reconhecida nacionalmente, em 2025, como a terra do Pelznickel, um destino sustentável e diversificado, que oferece experiências memoráveis”.

No PDITS ficou claro que o destino Guabiruba possui posição de destaque na região no quesito turismo, principalmente em função de sua oferta turística natural de grande atratividade, localização geográfica privilegiada e acesso facilitado. E, somado a isso, possui um produto turístico único, que chegou à região em 1860 junto com os imigrantes germânicos: a tradição do Pelznickel.

Uma observação mais atenta ao conjunto de fatores que vem se desenrolando simultaneamente na região de Brusque indica que, com a viabilização de ações em prol do desenvolvimento e promoção turística delineadas no Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS, Guabiruba poderá, no médio prazo, se tornar um dos principais destinos catarinenses do ecoturismo, do turismo de aventura, e cultural. E, neste quesito, a Sociedade do Pelznickel tem papel preponderante pois, ao abrir anualmente as portas do Pelznickelplatz para que comunidade e turistas possam desfrutar da sua cultura de raiz - na

¹⁴ Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS, de Guabiruba, foi construído no período de julho a dezembro de 2017 envolvendo a Prefeitura Municipal, a Polícia Militar, Organizações da Sociedade Civil e a comunidade em geral e entregue pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina – Sebrae à municipalidade. Uma das estratégias definidas para o desenvolvimento do turismo foi “tornar o Pelznickel um atrativo permanente de Guabiruba”. Foram propostas ações para o desenvolvimento do turismo em Guabiruba e na Estratégia de Formação de Produtos do PDITS, variável artesanato, foi proposto requalificar o artesanato local de modo a valorizar os saberes e fazeres da cultura de Guabiruba e, entre outros, destacou-se o artesanato temático Pelznickel. No variável produto Pelznickel, foi proposto fomentar a criação de produtos e serviços vinculados à temática do “Pelznickel”, de modo a incentivar a visitaçao na cidade e a comercializaçao de produtos e artesanato temático durante todo o ano.

busca de uma conexão com o seu passado, na intenção de reencontrar suas raízes - atua de forma organizada e consistente contribuindo para manter vivas e fortalecer as tradições locais.

Considerações Finais

Quando os imigrantes saíram da Alemanha e se instalaram na Colônia Itajahy-Brusque, o Pelznickel se vestia com trajes feitos de pelos pois no Natal na Europa é inverno, costuma ter neve e fazer muito frio. Mas, em Guabiruba, onde o Pelznickel vive no Brasil, no Natal é verão e faz muito calor. Então os Pelznickel adequaram os seus trajes para o clima tropical e hoje eles aparecem cobertos de folhas, barba-de-velho ou trapos de roupas escuras, com chifres e máscaras assustadoras e carregando correntes, chicotes ou varas, com bicos e mamadeiras pendurados pelo corpo. A indumentária dos Pelznickel mudou, mostrando que tradição e transformação são complementares entre si, e não excludentes. Mas o cerne do Pelznickel permanece o mesmo, e eles continuam ajudando a *Christkind* na tarefa de entregar presentes para aqueles que foram bonzinhos, bem como a amedrontar as crianças e os adultos que andaram aprontando ao longo do ano.

Na terra da guabiroba - a árvore frutífera que emprestou seu nome à cidade - e chamada carinhosamente de “Guaba” pelos seus moradores, a tradição do Pelznickel continua viva no inconsciente coletivo da gente guabirubense, garantindo a manutenção dos laços de identidade do cidadão com a sua cidade e levando ao sentimento de pertencimento, uma emoção considerada fundamental no processo de coesão social, pois evita que a cidade se transforme em “terra de ninguém”, sem defensores de sua integridade, funcionamento e beleza. E, deste modo, na “Terra do Pelznickel”, onde educação, disciplina, família e cultura sempre caminharam juntos, e fortalecidos na sua fé graças ao seu alto nível de religiosidade, adultos e crianças prosseguirão confeccionando seus trajes, participando de eventos e de desfiles. Cada um vai prosseguir sendo único, especial, pois dentro de cada um deles existe um ser humano singular, uma vez que o Pelznickel é, antes de tudo, uma identidade do povo guabirubense.

Referências

ÁLBUM DO CENTENÁRIO DE BRUSQUE. Edição Sociedade Amigos de Brusque, 1960.

BAASNER, Rainer. **Kleine Geschichte des Weihnachtsmanns**. Berlin: Nicolai, Beuermann: 1999.

CABRAL, Oswaldo R. **Brusque**: Subsídios para a história de uma colônia nos tempos do Império. Brusque: Edição da Sociedade Amigos de Brusque comemorativa do 1º Centenário da Fundação da Colônia, 1958.

CASTRO, Alisson Sousa. **Se correr o bicho pega, se ficar o bicho leva**: Percursos históricos, usos e sentidos atribuídos ao Pelznickel em Guabiruba -SC. Dissertação de Mestrado. UNIVILLE. Joinville, 2015.

CELVA, Pe. Eder Cláudio. **História da Igreja Católica em Guabiruba**: Cinquentenário da Paróquia, 2013.

CERBARO, Suelen. Cultura Alemã: **Tradição que ultrapassa gerações**. O Município, Brusque, p. 4-5-9 dez. 2009.

CULTURA. Disponível em <<http://www.cultura.gov.br/cidadania-diversidade>> Acesso em 29-jun-2018.

MACHADO, Carina. Cultura de Natal – **Pelznickel**: tradição que emociona e assusta. O Município, Brusque, p. 8B-9B, 2 dez. 2010.

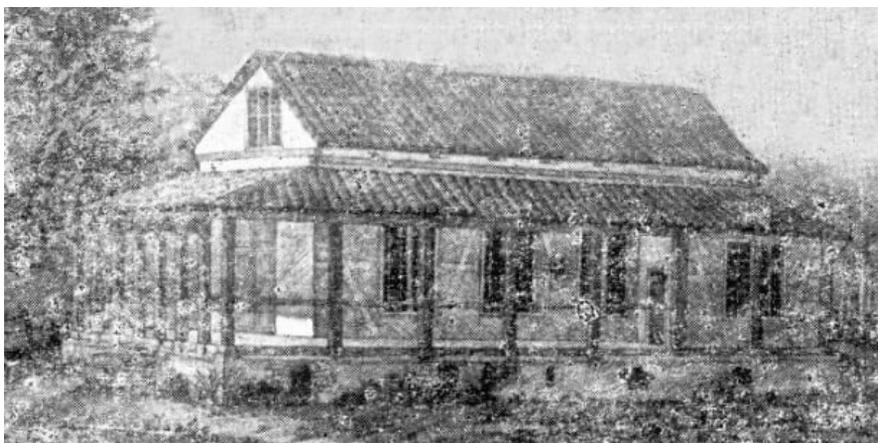
PDITS. **Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável de Guabiruba**. 2017.

PELZNICKEL, Sociedade do. **Guabiruba - Terra do Pelznickel!** Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com.br/>>. Acesso: 28 jun. 2018.

PIAZZA, Walter F. **Folclore de Brusque**: Estudo de uma comunidade. Edição da Sociedade Amigos de Brusque. Brusque, 1960.

WIESER, Lotar. **“Das hiesige Land gleich einem Paradies”**: Die Auswanderung von Baden nach Brasilien im 19. Jahrhundert (“Esta terra é um paraíso”): A emigração badense ao Brasil no século XIX). Volume 1. Badisch-Südbrasilianische Gesellschaft (BSG): Karlsdorf-Neuthard: Verlag Regionalkultur, 2014.

SWR. Disponível em <<https://www.swr.de/archiv/regionen/100-groessten-rheinland-pfaelzer/nast-thomas/-/id=2367956/did=2465788/nid=2367956/7akv34/index.html>> Acesso em 9 jul.18



Primeira escola de língua alemã de Brusque em 1872 Acervo: Colégio Cônsul Carlos Renaux

A roca do idioma alemão nos teares do Berço da Fiação Catarinense:

Considerações acerca do ensino da língua alemã em Brusque/SC

Emilia Rosenbrock¹

Resumo: Neste artigo relato de forma geral a trajetória do ensino da língua alemã na educação formal brasileira. Desenvolvo algumas reflexões acerca das línguas estrangeiras no currículo escolar e apresento o exemplo do Colégio Cônsul Carlos Renaux em Brusque. Devido à nítida abrangência do tema, trata-se aqui de uma primeira reflexão, com uma sucinta contextualização histórica que deixa ainda espaços para aprofundamentos futuros.

Palavras-chave: educação formal, língua alemã, políticas linguísticas.

¹ Professora Mestre em Educação, Licenciatura em Letras com Habilitação para Alemão. É coordenadora pedagógica e professora de alemão do Centro de Línguas do Colégio Cônsul Carlos Renaux.

Introdução

O cenário de ensino de Língua Estrangeira (LE) no Brasil sofreu várias mudanças ao longo de sua história. Tanto as línguas estrangeiras como componente curricular das escolas de ensino fundamental e médio, como também, o próprio currículo escolar vem sofrendo constantes transformações em decorrência de fatores políticos, sociais e econômicos. Assim como a história da humanidade não se organiza só pela cronologia dos fatos, a linguagem não é um simples e neutro instrumento de comunicação. Ambos se organizam pelas relações de poder que os permeiam. Pois como afirma Bakhtin (2002, p. 36) “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência”. A partir dessa premissa a linguagem não pode ser vista como um instrumento neutro, pois ela não apenas media a interação entre sujeitos enquanto seres sociais, mas veicula ideologias².

Relato histórico sucinto sobre a chegada dos imigrantes alemães ao Brasil e a região do Vale do Itajaí

Muitas cidades, principalmente no sul do Brasil, formaram-se a partir das políticas imigratórias do século XIX. A corrente migratória alemã para o Brasil se concentra entre o período de 1824 a 1930 com fluxo de intensidade variável. O encontro de alguns fatores distintos foram os propulsores da imigração dos povos de língua alemã. O primeiro diz respeito ao contexto histórico-político na Europa. Acontecimentos como a Revolução de 1848, a Guerra Franco-Germânica de 1870/71, o processo de industrialização, más colheitas, a primeira e segunda Guerras Mundiais, assim como um conjunto cíclico de crises econômicas,

² Em relação ao conceito de ideologia, este artigo não se orienta pela tradição epistemológica que relaciona a ideologia a ideias como ilusão, distorção ou mistificação de uma suposta realidade (Gottfried W. F. Hegel, Karl Marx, George Lúkacs), nem pela tradição sociológica que se interessa pela função das ideias na vida social (cf. Terry Eagleton, 1997: 16). Ecoando John B. Thompson, entende-se por ideologia “os modos pelos quais o significado (ou a significação) contribui para se manter as relações de dominação” (1984, apud Eagleton, 1997: 19).

fome e alto desemprego foram propulsores da emigração em massa de alemães. Entre os anos de 1820 até 1913, emigraram em média 6.040.000 de alemães (BERGMANN, 1994). Para a grande maioria dos imigrantes, a travessia do Atlântico significava a fuga da miséria e da fome causadas pelas consecutivas guerras e más colheitas, o aumento do desemprego desencadeado pelo avanço da industrialização das sociedades, bem como pela perseguição política e religiosa. Ribeiro (1995 *apud* CAVALCANTI, 1999, p. 390) indica que o contingente imigratório europeu em território brasileiro entre os anos de 1886 a 1930 se constitui de 1,6 milhão de italianos; 700 mil espanhóis; mais de 250 mil alemães; cerca de 230 mil japoneses e outros contingentes menores, principalmente eslavos.

No Brasil, o contingente de imigrantes alemães, apesar do fluxo relativamente contínuo, não é tão expressivo quanto o de outros grupos de imigrantes como italianos, portugueses e espanhóis (CAVALCANTI, 1999). Sua importância, entretanto, não está ligada diretamente ao número de imigrantes, que é menor se comparado ao contingente imigratório de muitos outros grupos para o Brasil. Seu destaque no cenário imigratório brasileiro está, contudo, ligado à sua forma de participação no povoamento, principalmente dos três estados do sul do Brasil, “em zonas pioneiras, constituindo uma sociedade culturalmente diversa” (SEYFERTH, 1999, p. 275).

A fundação da colônia de São Leopoldo no estado do Rio Grande do Sul, na região sul do Brasil, em 1824, é considerada por muitos pesquisadores como o marco inaugural da imigração alemã no Brasil (WIESER, 2014). Houve tentativas anteriores de estabelecimento de colônias alemãs no sul da Bahia e no Rio de Janeiro, contudo, tais empreendimentos não obtiveram grande êxito (SPINASSÉ, 2008).

As experiências de colonização na província de Santa Catarina já vinham ocorrendo desde 1829 com São Pedro de Alcântara (SEYFERTH, 1999a), área próxima à capital Florianópolis. A colonização sistemática do Vale do Itajaí iniciou em 1850 com a fundação da colônia Blumenau às margens do Rio Itajaí-Açu pelo alemão Hermann Bruno Otto Blumenau. Em 1851 surgiu uma segunda colônia, Dona Francisca, hoje Joinville. Uma década depois, foi fundada em 1860 a colônia Itajahy (hoje Brusque) no Vale do Itajaí-Mirim. Podemos tomar, assim,

o Vale do Itajaí como exemplo da política imigratória voltada para a colonização de terras ditas devolutas com pequenos produtores rurais, de preferência imigrantes europeus³ (SEYFERTH, 1999a).

Para os imigrantes, oferecer educação formal a seus filhos⁴ era de suma importância, por isso reivindicavam ao governo brasileiro a oferta de escolas públicas que abrangessem também áreas mais distantes do centro da colônia. A omissão do Estado brasileiro a essas reivindicações obrigou os imigrantes a fundarem escolas, nas quais a alfabetização era realizada à semelhança do país de origem (KREUTZ, 2000). Segundo Nascimento (2009) havia no período de 1911 a 1920 um conjunto extremamente representativo e uma rede de escolas muito diversificada, denominadas de comunitárias, confessionais, étnicas ou municipais. Eram escolas mantidas pela própria comunidade, com ou sem subvenção estatal, escolas municipais, escolas mantidas pelas paróquias evangélica ou católica, até escolas subvencionadas por órgãos dos governos italiano, alemão ou polonês. O autor ainda (2009, p. 128, grifo nosso) afirma que

nessas escolas, dependendo do caso, mas certamente na grande maioria delas, o ensino era ministrado em língua estrangeira [não em língua portuguesa] e a partir de conteúdos que valorizavam as características dos países de origem dos alunos, em especial os conteúdos de geografia e história.

³ Apesar de a região do Vale do Itajaí aparecer sempre como região de colonização alemã, reconhecemos também a presença de grupos indígenas que já viviam no Estado antes do período de imigração, além de outras etnias como italianos, poloneses, austríacos, húngaros, franceses e irlandeses (SEYFERTH, 1999a).

⁴ Segundo Seyferth (1994, p. 107, grifo nosso), “na segunda metade do século XIX a escola pública já era obrigatória em vários estados alemães; assim, foram comuns as petições de colonos exigindo do governo [brasileiro] o ensino fundamental. Na ausência de escolas públicas, organizaram um sistema de escolas comunitárias, sem fins lucrativos, que, juntamente com as escolas particulares católicas e evangélicas, ensinavam em alemão. Tornaram-se escolas étnicas na medida que os currículos enfatizavam a cultura e a história alemã e eram elaborados por associações escolares que recebiam orientação da Alemanha”. Kreutz (2000, p. 162) relata também que “sobre o processo escolar dos imigrantes alemães no Brasil, percebi que a concepção de que todos deveriam ser escolarizados é uma constante em sua literatura. Aplicavam sanções religiosas severas para quem não fosse à escola”.

Na antiga colônia Blumenau, a língua alemã foi, até o final da década de 30, língua majoritária, língua de educação formal e de vasta produção intelectual (MAILER, 2003; FRITZEN, 2007). Em Blumenau, no ano de 1937, o número de escolas comunitárias chegou a 173 escolas (MAILER, 2003). No Brasil, no mesmo ano, o número de escolas étnicas alemãs era de 1.579 escolas (KREUTZ, 2000). A dura repressão à língua alemã na Era Vargas (1937-1945), que proibiu o uso da língua em público e no lar, impôs aos imigrantes um silenciamento de sua língua materna.

Ao fechar escolas, jornais, editoras e instituições culturais que divulgavam a língua alemã, as medidas repressivas de ordem linguístico-cultural impeliram o idioma alemão para a zona rural, uma vez que sua visibilidade nos centros urbanos foi apagada, e tornando-se assim cada vez mais oral, com a proibição da forma escrita (MAILER, 2003). Os imigrantes e seus descendentes foram assim incluídos pejorativamente na categoria social e étnica de “colonos alemães”, e foram vendo suas práticas culturais serem desarticuladas, sendo que, no rastro disso, intentou-se, também, a desarticulação identitária dos grupos de imigrantes (FRITZEN, 2008). Falar a língua dos imigrantes passou a ser “feio”, a constituir “coisa de colono”. O fechamento das escolas alemãs causou uma lacuna na educação de gerações de crianças teuto-brasileiras⁵, uma vez que proibiu o acesso à língua escrita do alemão-padrão e não ofereceu condições de aprendizagem efetiva e formal do português (ALTENHOFEN, 2013; MAILER, 2003).

Ensino de alemão como Língua Estrangeira no Brasil: breve trajetória

Antes da criação do Colégio Dom Pedro II em 1837 no Rio de Janeiro, havia uma escassez de instituições públicas de ensino no Brasil colonial. A língua alemã começou a ser oferecida como língua estrangeira-

⁵ Segundo Seyferth (1999a, p. 72, grifo no original) a definição do termo teuto-brasileiro (*Deutschbrasilianer*) deve ser entendido como a combinação dos termos “*jus sanguinis* [direito sanguíneo] e *jus soli* [direito de solo]: origem alemã e cidadania brasileira, pertencimento à nação alemã e ao Estado brasileiro visualizado como multirracal ou multiétnico”.

ra a partir de 1841, no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, quatro anos após sua fundação (BRASIL, 1841). Esse foi o primeiro movimento de inclusão de línguas vivas no currículo escolar brasileiro, ao lado do latim (BRASIL, 1855, art. 1º § 1º, 2º, arts. 3º e 4º), inicialmente com francês e inglês, em seguida com italiano e alemão (BRASIL, 1873).

Em 1911, na Primeira República do Brasil, com o Decreto nº 8.659 de 5 de abril de 1911, a língua alemã passou a ser optativa (BRASIL, 1911). Posteriormente, o Decreto nº 11.530, de 18 de março de 1915 (arts. 167 e 169) estabelece que o estudante poderia escolher entre inglês e alemão a partir do 3º ano escolar. Com a Reforma Francisco de Campos em 1931, foram consideradas línguas obrigatórias o francês e o inglês, sendo o alemão facultativo e o italiano não compunha mais o quadro de ensino de línguas (BRASIL, 1931, arts. 3º; 4º; 6º).

Em 1937 o Congresso Nacional é fechado e o Estado Novo (1937-1943) de Getúlio Vargas é instaurado. Para garantir o funcionamento do novo regime, o governo criou vários mecanismos de repressão e controle. Em 1942, com a campanha de nacionalização do ensino brasileiro, o ensino de alemão foi definitivamente suprimido das escolas secundárias estatais. Permaneceram o latim, o grego, o francês e o inglês sendo o alemão substituído pelo espanhol (BRASIL, 1942, arts. 10 e 12).

Embora os documentos oficiais não mencionem explicitamente os motivos pelos quais o alemão deixou de ser um componente curricular, é possível entender por que isso ocorreu exatamente nesse período. Sua exclusão está ligada ao momento histórico nacional vivido no regime político da Era Vargas e acontecimentos históricos mundiais como a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A intensificação do processo de nacionalização promovido pelo Estado Novo e o regime autoritário e repressor de Vargas, a partir de 1937, resultaram na perseguição às manifestações de grupos de imigrantes que preservavam sua cultura étnica, por meio de suas escolas, que, por sua vez, eram as que tinham melhores condições de ensino ou até mesmo eram as únicas instituições de ensino existentes para a população.

Visto que o governo brasileiro não tinha uma política clara e bem definida para gerenciar algumas regiões do país, sendo assim, os grupos de imigrantes instalados nessas regiões dirigiam suas escolas e igrejas e

direcionavam suas atividades em torno de sua cultura, religião, língua materna e identidade étnica. Esta realidade serviu como argumento para legitimar os atos de extrema violência e repressão praticados contra os imigrantes da política de Vargas.

Ao longo da História, houve várias mudanças no cenário do ensino de Língua Estrangeira no Brasil. Elas ocorreram não somente na estrutura desse componente curricular das escolas de ensino fundamental e médio, mas também, na estrutura do currículo escolar que sofreu constantes transformações em decorrência dos aspectos políticos, sociais e econômicos.

No ano de 1961 é publicada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), a qual apenas menciona haver, nos currículos escolares, matérias obrigatórias e optativas, (BRASIL, 1961, art. 35). Em 1971 a LDB admite simplesmente que se poderia organizar classes para ensino de língua estrangeira (BRASIL, 1971, art. 8º, § 2º). Não havia uma recomendação oficial para o ensino de determinada língua estrangeira. Contudo para atender às determinações de organismos financeiros internacionais para os países em desenvolvimento aconteceu a reconfiguração do sistema educacional brasileiro, por meio da Lei nº 5.692/71, que passara a manter cursos de formação profissionalizante para atender às exigências do mercado que necessitava de mão de obra qualificada. Assim, o ensino de língua estrangeira no Brasil passou a atender às necessidades do processo de industrialização e o inglês consolida sua supremacia no cenário do ensino de línguas estrangeiras, convalidando-se em todo o território nacional como língua estrangeira “oficial” dos currículos das escolas públicas e privadas do país. Ressalta Paraquett (2006, p.126) que

nunca antes houve uma indicação direta e objetiva de nenhuma língua estrangeira moderna para o currículo escolar brasileiro, o que nos leva a concluir que a presença quase exclusiva do inglês, por muitos anos e, em muitas instituições públicas e privadas, é o resultado de uma política de hegemonia linguística que está além das leis brasileiras.

Portanto, o professor que se propõe a ensinar uma língua com status

de “língua de comunicação internacional”⁶, como é o caso do inglês hoje, deve estar consciente da ideologia dominante intrínseca a ela e da postura política que deverá assumir diante de sua prática pedagógica. Pois “não existem línguas neutras: todas as línguas estão vinculadas a uma cultura e todo ensino tem implicações ideológicas” (PAES; JORGE, 2009, p. 163).

A LDB de 1996 estabelece que na parte diversificada do currículo seja incluída pelo menos uma língua estrangeira moderna (LEM) a partir da 5ª série (hoje 6º ano) do Ensino Fundamental, escolhida pela comunidade escolar, de acordo com as possibilidades da instituição. Quanto ao ensino médio, deverá ser ofertada uma língua estrangeira, escolhida pela comunidade escolar, como disciplina obrigatória, e uma segunda em caráter optativo, dentro das possibilidades da instituição (BRASIL, 1996, art. 24, IV; art. 26, § 5º; art. 36, III).

Concomitantemente a partir de 1991, na Europa, iniciou-se um processo de padronização do ensino das línguas europeias, que culminou no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECRL), o qual descreve o que o aluno de língua estrangeira deve ser capaz de compreender e produzir em cada nível de aprendizagem. Desde então, há a recomendação de que o ensino e o material didático para o ensino das línguas europeias sigam o QECRL.

Em 2005 foi aprovada a Lei nº 11.161⁷ que estabeleceu a obrigatoriedade da oferta da disciplina de espanhol no Ensino Médio, mas ao aluno é facultada a matrícula na disciplina. Cabe ressaltar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) já dispunha em seu art. 36, inciso III, sobre a oferta de uma segunda Língua Estrangeira Moderna no Currículo do Ensino Médio, a saber:

⁶ O termo “língua internacional” pode ser definido como língua usada por pessoas de diferentes nações para se comunicarem, não necessariamente com falantes nativos desta língua (SMITH, 1976, McKAY, 2002).

⁷ Revogado pela Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 que altera as leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.

III – será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição.

Ainda em relação à obrigatoriedade da oferta do espanhol no Ensino Médio, aponta Lisboa (2009, p. 212-213) que

aparentemente há interesses econômicos em um primeiro plano e a tão falada integração linguístico-cultural no mínimo está em um plano bem menos importante, para não dizer que essa justificativa é apenas uma fachada para desviar a atenção dos reais interesses por trás dessa política não só linguística.

Com a sanção da Lei 13.415 16 de fevereiro de 2017, fica revogada a Lei nº 11.161 que estabelecia a obrigatoriedade da oferta da disciplina de espanhol no Ensino Médio. Em dezembro de 2017 com a homologação da BNCC o ensino da língua inglesa na disciplina de Língua Estrangeira passará a ser obrigatório a partir do sexto ano do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Anteriormente, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais⁸ as escolas tinham liberdade para escolher os idiomas a serem ofertados. No Ensino Médio, as escolas poderão oferecer de forma adicional e optativa outras línguas estrangeiras, contudo a BNCC indica preferencialmente e prioritariamente a oferta do espanhol. Por ser recente a homologação e estar em processo de implementação não discutiremos, neste artigo, pormenores da Base e seus desdobramentos e implicações para o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras na educação escolar.

É indiscutível a função primordial da educação e, portanto, da escola, de preparar o sujeito para a vida em sociedade. No que se refere ao

⁸ Parâmetros Curriculares Nacionais, 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental, Língua Estrangeira, critérios de inclusão de línguas estrangeiras nos currículos: “Independente de se reconhecer a importância do aprendizado de várias línguas, em vez de uma única, e de se pôr em prática uma política de pluralismo linguístico, nem sempre há a possibilidade de se incluir mais do que uma língua estrangeira no currículo. Os motivos podem ir da falta de professores até a dificuldade de incluir um número elevado de disciplinas na grade escolar. Assim, uma questão que precisa ser enfrentada é qual, ou quais línguas estrangeiras incluir no currículo. Pelo menos três fatores devem ser considerados: fatores históricos; fatores relativos às comunidades locais; fatores relativos à tradição”.

ensino da língua estrangeira, é preciso lembrar que estamos vivendo um momento em que a sociedade enfatiza a questão da comunicação intercultural, globalizada e o seu veículo mais importante é naturalmente a linguagem, a língua, ou as línguas, quando se trata de comunicação entre povos diferentes. De nosso ponto de vista não existem línguas menos ou mais importantes. São todas elas veículo de comunicação intimamente ligado à cultura e identidade de um povo. O que existe é a maior ou menor importância de uma determinada língua estrangeira para uma determinada sociedade. Portanto, é de capital importância para o desenvolvimento cultural, econômico, político de um país, o ensino de línguas estrangeiras, quaisquer que sejam elas.

A educação formal nos tempos da Colônia Itajahy-Brusque

A preocupação pela educação escolar esteve sempre presente entre os imigrantes, os quais empreenderam muitas iniciativas em prol da criação de instituições de ensino em suas colônias. A falta de escolas era reclamada pela maioria dos colonizadores, que, diante da demora da assistência por parte do governo brasileiro quanto à educação, incumbiam-se particularmente pelo ensino dos seus filhos.

Aos 25 de julho de 1860 desembarca em Itajaí a primeira leva de 55 colonos alemães com destino à Colônia Itajahy-Brusque. Narram as crônicas que o céu se achava nublado, quando partiram da ilha de Santa Catarina (Desterro), com o vapor Belmonte com destino ao porto de Itajaí. A bordo encontrava-se o Presidente da Província, Francisco Carlos de Araújo Brusque, que acompanhou os primeiros colonos até a barra do Itajaí-Mirim (NIEBUHR, 1999).

No dia 4 de agosto de 1860, chegavam às margens do rio Itajaí – Mirim, no lugar chamado Vicente Só as dez primeiras famílias de colonos (55 imigrantes alemães). Em 19 de agosto chegaram à pequena colônia os 139 colonos da 2ª leva. No ano da fundação chegaram quatro levadas de imigrantes, em um total de 90 famílias sendo, 290 adultos e 116 menores (ADAMI; ROSA 2005, p. 97). No ano de 1862 a colônia totalizava 789 almas (MOSIMANN, 2010). Anos mais tarde, juntaram-

se a eles, colonos ingleses, depois italianos e por último, poloneses. Em dezembro de 1869, o território da Colônia Imperial Príncipe Dom Pedro é anexado a Brusque.

A 31 de julho de 1873, pela Lei Provincial nº 693, foi o território de Brusque desmembrado da Freguesia do Santíssimo Sacramento de Itajaí, formando uma nova Freguesia, que recebeu o nome de São Luiz Gonzaga (CABRAL, 1958, p. 150).

Em 23 de março de 1881 a lei provincial nº 920 elevou à categoria de Município a então Freguesia de São Luiz Gonzaga, formada pelos distritos de Colônia Itajahy (Brusque) e Colônia Príncipe Dom Pedro. Em 1888, o Município de Brusque contava com uma população estimada em 10.331 habitantes, fazendo parte do Município quatro distritos: Gaspar, Cedro Grande, Porto Franco e Nova Trento. A denominação Brusque foi adotada em 17 de janeiro de 1890, outorgado pelo governador Lauro Severiano Müller. No ano de 1916, pela Lei nº 1.123, de 23 de novembro, a Sede do Município foi elevada à categoria de Cidade (CABRAL, 1958, p. 302).

Cabral (1958) comenta em vários trechos de seu livro a situação da assistência educacional na Colônia Itajahy-Brusque. Relacionamos linearmente estes dados e os listamos juntamente com outras informações sobre a educação primária pública e particular na Colônia retiradas de outras obras literárias:

- 1860: Já nos primórdios da Colônia o Barão de Schneeberg dirigia-se ao presidente da Província de Santa Catarina alertando sobre latente necessidade de escolas e de sacerdotes para os colonos e seus filhos. Em uma carta de Schneeberg ao Presidente da Província de Santa Catarina este propõe a contratação da senhora condessa Maria von Buettner para professora na escolinha do sexo feminino da Colônia (CABRAL, 1958, p. 45). Contudo, Maria von Buettner acaba aceitando a proposta do Dr. Blumenau e se estabelece naquela colônia. Para o cargo de professora pública para a primeira escola (do sexo feminino) que se abriu na Colônia foi nomeada em 1861 Sofia Augusta von Knör-ring, com os vencimentos mensais de 30 mil réis (CABRAL, 1958, p. 70). A escola pública funcionava das 8 horas da manhã ao meio-dia, as lições eram dadas em alemão e em português e especial ênfase era dada à disciplina de geografia (GEVAERD, 1961, p. 135; RENAUX,

1995, p. 103). A escola pública feminina estava estabelecida na Sede da Colônia;

- 1862: o Barão de Schneeberg reitera seu pedido ao Governo Provincial para a criação de uma escola do sexo masculino na Colônia (CABRAL, 1958, p.70). Sua solicitação não foi prontamente atendida, e no ano seguinte, ele pede autorização para que os sete meninos da Sede da Colônia frequentem as aulas na escola para o sexo feminino já em funcionamento (CABRAL, 1958, p. 70);

- 1863: Em seu relatório de 1º de janeiro de 1863, correspondente ao ano de 1862 o Barão de Schneeberg reitera a necessidade de uma escola para o sexo masculino cuja criação havia sido protelada para ocasião mais oportuna. Em 7 de julho de 1863 em carta ao presidente da Província de Santa Catarina o Barão insiste na criação de mais escolas para a Colônia visto a necessidade da implantação em localidades mais distantes da Sede da Colônia. Sugere a fundação de uma escola para atender 47 meninos no Valle do Braço do Norte do Guabiruba, hoje Centro, perto da Capela de Maria Hülff (*Mariahilfskapelle*), atual Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Também era necessário atender com escolas a localidade de *Peterstraße*-Bateas (CABRAL, 1958, p. 70; GEVAERD, 1961, p. 136);

- 1864: foi autorizada em 22 de abril de 1864 a criação da primeira escola primária pública para meninos sendo professor Maximilian von Borowsky, com vencimentos mensais de 50 mil réis (CABRAL, 1958, p. 70-71; PIAZZA, 1960, p. 94-95);

- 1867: um relatório da Colônia informa que a frequência escolar havia aumentado e que três escolas particulares funcionavam nos distritos da Colônia. Acrescente-se a este número a escola pública feminina e a escola pública masculina;

- 1868: em 1º de fevereiro de 1868 começou a funcionar na localidade de Guabiruba do Norte Alta, hoje Aymoré, uma escola particular com a matrícula de 20 alunos e sendo professor Johannes Boos (NOVAES, 1960, p. 133);

- 1869: haviam sido construídas cinco casas escolares na Colônia. Na Limeira havia 30 crianças em idade escolar e os moradores solicitavam uma escola na sua zona (CABRAL, 1958, p. 134);

- 1872: Fundação da Escola Evangélica Alemã (*Deutsche Evan-*

gelische Schule atual Colégio Cônsul Carlos Renaux). As primeiras aulas foram ministradas pelo Pastor Johann A. Heinrich Sandreczki que permanece à frente da escola até 1879 quando é transferido para Blumenau. Em 1873 a escola alemã particular era frequentada por 53 crianças. De 1879 a 1886 assume a escola o professor E. Franz Geithner. Em 1888 é contratado o professor habilitado Reinhold Graupner. No período de 1888 a 1896 o número de alunos subiu para 98 sendo necessária a contratação de um segundo professor o senhor Moritz Lehmann. A partir do ano de 1891 o Governo Provincial concedeu à escola um subsídio anual de 300\$000 mil réis para o ensino da língua nacional. Atuava na instituição como professor Wilhelm Strecker pela remuneração anual de 100\$000 mil réis. Graupner é licenciado no ano de 1901 e assume seu lugar como professor efetivo o Pastor Wilhelm Lange. Moritz Lehmann permaneceu na escola até 1918;

- 1875: moradores das localidades de Limoeiro e dos Cunha solicitam escolas para suas crianças. No Limoeiro receberia sua primeira escola e dos Cunha já contava com uma escolinha pagando o Governo 20 mil réis mensais ao professor;

- 1876: Frederico Dressel e Virgínio Fantini continuavam com as suas escolinhas na zona colonial de Tijucas e haviam desde março sido subvencionados com 15 mil réis mensais (CABRAL, 1958, p. 184). As estatísticas do ano de 1876 apresentam os seguintes números: duas escolas públicas, uma para cada sexo e 10 escolas particulares (GEVAERD, 1961, p. 137);

- 1878/1879: em 1879 o Governo continuava a subvencionar os professores com um auxílio mínimo para que mantivessem suas escolinhas primárias nas linhas coloniais. Houve exoneração de professores por falta de alunos e fechamento de escolas (CABRAL, 1958, p. 211);

- 1880: criada neste ano em Guabiruba do Norte a primeira escola particular alemã. A escola tinha 104 alunos matriculados e era professor Carlos Scharf (ADAMI; ROSA, 2005, p. 58). Em 15 de fevereiro de 1880 iniciaram as atividades da Escola Isolada Desdobrada de Bateas. Não há registro do primeiro professor e nem do número de matrículas (NOVAES, 1960, p. 133);

- 1885: primeira escola no bairro Alsácia. Tinha 25 alunos matriculados, as aulas aconteciam duas vezes por semana e em língua alemã.

Era professor Francisco Kohler (NOVAES, 1960, p. 132);

- 1886: criada a Escola Isolada Desdobrada de Guabiruba do Sul com 25 alunos e sendo professor Luiz Boos (ADAMI; ROSA, 2005, p. 60);

- 1887: Fundada na localidade de Águas Claras, na qual residiam imigrantes alemães, italianos e ingleses uma escola particular tendo como professor Paulo Kaes (NOVAES, 1960, p. 132);

- Decreto nº 179, de 15 de dezembro de 1898: suspende, a contar de 1º de janeiro vindouro, as subvenções que recebiam diversas instituições escolares em Brusque: Escola Evangélica Alemã, Escola Guabiruba do Sul, Escola de Guabiruba do Norte e a Escola dirigida pelo Padre Antônio Eising (PIAZZA, 1960, p. 96);

- 1890: criada a primeira escola na vila de Botuverá sendo professora Ursula Albani Maestri;

- 1903: Fundação do Grupo Escolar Santo Antônio (como Escola Paroquial, hoje Colégio São Luís) mantido pela Congregação das Irmãs da Divina Providência. O número inicial de matrículas foi de 14 alunos (NOVAES, 1960, p.122);

- 1917: criada as Escolas Reunidas de Brusque, que eram constituídas por uma escola do sexo masculino, uma do feminino e uma mista. Em 1919 passa a funcionar como Grupo Escolar Feliciano Nunes Pires conforme Decreto nº 1.200, art. 1º de 11 de fevereiro de 1919 (PIAZZA, 1960).

No ano de 1900, conforme o Recenseamento Geral (Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, Directoria Geral de Estatística, 1905), Brusque tinha uma população de 9.105 habitantes. No ano de 1916 o município contava com 2 escolas estaduais, 17 municipais, 2 particulares (NASCIMENTO, 2009). De uma população de 13.203 pessoas no ano de 1920, segundo o Recenseamento Geral, no município de Brusque sabiam ler e escrever 4.548 pessoas.

RECENSEAMENTO REALIZADO EM 1 DE SETEMBRO DE 1920 765										
CONVENÇÃO		População de cada um dos Estados do Brazil, por municípios e districtos, segundo o gráo de instrução, o sexo e a idade								
HOMENS		Populations de chaque État du Brésil, par municípios et districts, d'après le degré d'instruction, le sexe et l'âge								
MULHERES										
TOTAL										
MUNICIPIOS	DISTRICTOS	SEXO	SABEM LER E ESCREVER				NÃO SABEM LER NEM ESCREVER			
			SACHANT LIRE ET ECRIRE			Total	NE SACHANT NI LIRE NI ECRIRE			Total
		0 a 6	7 a 14	15 e +			0 a 6	7 a 14	15 e +	
				ANOS - ANS				ANOS - ANS		
Brusque.....	BRUSQUE.....	HOMENS	9	937	1.770	3.016	1.547	870	1.644	4.061
		MULHERES	11	591	1.467	2.080	1.521	908	2.123	4.574
		TOTAL	20	1.271	3.237	5.096	3.068	1.780	3.765	8.635

Recenseamento 1920. Fonte: Volume IV. População do Brazil por Estados, Municípios, e Districtos, segundo o gráo de instrução, por idade, sexo e nacionalidade. Typographia da Estatística, Rio de Janeiro, 1929

O Colégio Cônsul Carlos Renaux e a trajetória do ensino da Língua Alemã e Portuguesa nesta instituição escolar

Em fevereiro de 1865 chega à colônia o pastor Heinrich Sandreczki designado pela Missão da Basileia para dar assistência religiosa aos imigrantes de confissão luterana. As primeiras lições aos filhos dos imigrantes alemães da comunidade luterana local foram ministradas em 20 de abril de 1872 em um cômodo anexo à residência do pastor Sandreczki. Assim nasce a primeira instituição particular e confessional de ensino primário de Brusque, antiga Colônia Itajahy, a qual se deu o nome de Escola Evangélica Alemã⁹ – *Deutsche Evangelische Schule*. A instituição mantém este nome até 1938.

A íntima associação entre a escola (educação) e a igreja (religião) foi um dado característico de algumas comunidades de imigrantes. Nessas,

⁹ Quanto às escolas criadas no cenário da colonização germânica no Brasil, é necessário aprofundar as análises que auxiliaram na compreensão de sua natureza. Schaden distingue pelo menos entre três tipos: 1º, escolas alemãs propriamente ditas, surgidas sobretudo em núcleos urbanos e mantidas, em sua maioria, por sociedades escolares; 2º, escolas comunitárias ou coloniais, características das zonas de fraca densidade demográfica, e 3º, escolas mantidas por congregações religiosas alemãs (SCHADEN, 1966).

a entidade responsável pela fundação da escola era a comunidade de confissão. Esse tipo de colaboração possibilitou, em alguns casos, que os primeiros pastores que chegaram, além de comandar os trabalhos religiosos, viessem a atuar como professores, uma vez que eram mais letrados do que a maioria da população. Em 1891, em decorrência do excelente empenho escolar, o Governo do Estado concedeu uma subvenção de 300\$000 (trezentos mil réis) para o ensino da língua nacional na escola (RISTOW, 1972, 1999). A subvenção financeira certamente foi uma ajuda fundamental, na medida em que as escolas comunitárias eram mantidas com as mensalidades pagas pelos membros da associação escolar comunal que as fundava, questão que em muitos casos exigia um sacrifício financeiro dos colonos.

Lecionavam na escola primária da época Bernhard Howard e Wilhelm Strecker (DIE RUNDSCHAU, 1935). Foi eleito substituto de Bernhard Howard, ao final do ano de 1891, o professor Reinhold Graupner. Em suas primeiras décadas de existência a escola era regida por um ou, raramente, dois professores (RISTOW, 1999). Em 1896 foi necessário contratar mais um professor, Moritz Lehmann que permaneceu na escola até 1918. Em 1901, o Pastor Wilhelm Lange assume as aulas de Reinhold Graupner. Em maio de 1909, foi contratado Hans Wiedemann que um ano mais tarde foi substituído por Eugen Haag que permaneceu até 1912.

Seyferth (1990, p. 53) indica que são evidenciados aspectos das atividades escolares que mostram a sua natureza e nos ajudam a compreender melhor o ensino na então Escola Alemã:

A organização escolar teve especial importância no caso dos imigrantes alemães. Mesmo quando ligadas às igrejas – católica ou luterana –, as escolas teuto-brasileiras se organizavam em sociedades escolares (as *Schulvereine*), possuíam currículos comuns, assim como livros escolares comuns, e muitos professores vinham da Alemanha. O maior número era de escolas primárias, alfabetizando em alemão [...] (SEYFERTH, 1990, p. 53, grifo nosso).

Como lembra Santos (2012) se as aulas eram ministradas na língua alemã, nas “Deutsche Schulen”, o arranjo de disciplinas da escola de um núcleo colonial chama a atenção para o fato de que também exis-

tiram instituições onde a necessidade de conhecer a língua nacional, no caso o português, foi levada em conta desde o princípio. Ou seja, nessas escolas os professores e os alunos falavam o alemão, idioma que também era objeto da aprendizagem da escrita e leitura, mas o ensino de Português poderia atender às necessidades da vida pública.

O primeiro registro que menciona a presença da língua portuguesa na rede escolar pública primária da Colônia é do ano de 1890 e relatado por Piazza (1960, p. 95) em um ementário dos atos do Governo Provincial onde resume: “*Exonera Carlos Krönner, do cargo de professor primário, ‘por não saber a Língua Portuguesa que deve leccionar a seus alunos’...*” (Resolução de 6 de maio de 1890).

Na rede particular de ensino há a menção do ensino da língua nacional em 1891, ensino este que era subsidiado pelo Governo do Estado na então *Deutsche Evangelische Schule* (RISTOW, 1999, p. 30). Em meados da década de 1930 a escola oferecia aos seus alunos o estudo do Português, do Alemão e do Inglês. Mais tarde o registro no livro de Termos de Visita do Colégio Cônsul, no ano de 1943, o então Des. Érico Ennes Torres escreve que “*Nesta Escola, hoje grupo Escolar Particular Alberto Torres, em 1903, lecionei Português...*” (RISTOW, 1999, p. 30; RISTOW, 2010 p. 11) testificando assim a presença do ensino da língua portuguesa na educação formal dos filhos de imigrantes nos primórdios do século XX. Não localizamos, no corpo documental disponível, outras informações sobre o ensino em ou da língua alemã e da língua portuguesa no Colégio Cônsul anterior a 1900 que nos permitissem discutir outros aspectos ou mesmo dados do seu corpo docente e currículo escolar.

A partir de 1911 no governo de Vidal Ramos é implementada em Santa Catarina a primeira campanha de nacionalização do ensino, que não permitia o uso e o ensino de línguas estrangeiras no Estado (LUNA, 2000). O ensino de português, de geografia e de história do Brasil foi tornado obrigatório em 1917, através da Lei nº 1.187 (SANTA CATARINA, 1920). Já a segunda fase da campanha de nacionalização do ensino ocorreu entre 1937 e 1945, durante o regime do Estado Novo, no governo do presidente Getúlio Vargas. As escolas tinham como obrigação ensinar e ministrar aulas somente na língua portuguesa; os professores só poderiam ser brasileiros natos, ou naturalizados, gra-

duados em escolas brasileiras e o ensino de “línguas estrangeiras” era proibido (LUNA, 2000).

Muitas escolas da região do Vale do Itajaí foram fechadas, ou porque não havia professores para ensinar português, ou pelo fato de os descendentes de imigrantes não usarem o idioma português no ambiente escolar, como exigido pelo governo na época. Mais tarde, a restrição ficou ainda maior: não se poderia falar outro idioma, a não ser o português, em lugares públicos, em cerimônias religiosas ou mesmo na esfera familiar.

Em maio de 1938, em virtude da Campanha de Nacionalização do Ensino, instituída pelo Decreto-lei nº 88, de 31 de março de 1938, todo o corpo docente de nacionalidade alemã, inclusive o então diretor da escola Gerhard Harguth, tiveram que abandonar a instituição. Para não ser extinta a escola precisou, em um prazo extremamente curto, ser reestruturada e enquadrada nos requisitos exigidos pelo citado Decreto 88. Ficou a cargo desta árdua tarefa o senhor Arno Ristow. Nesse mesmo ano, a escola passou a denominar-se “Escola Evangélica Alberto Torres”. A partir de 1942 o educandário tem sua denominação alterada por determinação das autoridades estaduais para “Grupo Escolar Alberto Torres”. Foi só em 1964 que o nome Colégio¹⁰ Cônsul Carlos Renaux foi institucionalizado.

As campanhas de nacionalização do ensino estavam baseadas em concepções nacionalistas e de uma língua, uma só Nação. Centenas de escolas privadas de ensino primário foram fechadas. A riqueza da diversidade linguístico-cultural trazidas pelas políticas de imigração em décadas anteriores foi completamente ignorada. Esta diversidade foi na verdade estigmatizada como uma ameaça à integridade nacional ao se associarem cidadãos de origem teuta que aqui viviam ao regime nazista alemão (MAILER, 2003). Assim os teuto-brasileiros, “que, com a proibição, não aprendiam mais o alemão padrão escrito e nem mesmo o português, por não lhes ter sido assegurado formação escolar

¹⁰ “Com a instalação do Curso Científico, em 1964, foi adotada a denominação Colégio Cônsul Carlos Renaux. Na composição do Colégio entraram o Grupo Escolar Alberto Torres (originário da antiga *Deutsche Evangelische Schule* (Escola Evangélica Alemã) de 1872, o Ginásio Cônsul Carlos Renaux, o Curso Normal Colegial e o Curso Científico” (RISTOW, 1999, p. 94). O Curso Técnico de Contabilidade foi implantado em 1979.



Prédio antigo do colégio Cônsul Carlos Renaux. Acervo: Colégio Cônsul Carlos Renaux

suficiente” (MAILER, 2003, p.36). Dessa forma, a língua alemã, como língua de herança, foi perdendo a referência escrita para grande parte dos seus falantes, uma vez que não era mais ensinada na escola. Depois de todo um período de políticas monolíngues, a situação do ensino de alemão na educação formal na região vem se alterando.

Em Blumenau, o idioma alemão voltou ao sistema escolar em 1977/78 de forma extracurricular em duas escolas municipais, mas a partir de 1984/85, a inclusão na matriz curricular passou a ser oficial em sete escolas municipais como disciplina opcional (MAILER, 2003).

Em Pomerode, a língua alemã é lecionada desde 1987 nas escolas públicas e também particulares. Desde 2006 o ensino de alemão é obrigatório em todas as séries do Ensino Fundamental das escolas

municipais. Há o ensino bilíngue desde 2008 em duas escolas do município (POMERODE, 2004).

Em Guabiruba a língua alemã começou a ser lecionada a título de projeto no ano de 2011 em algumas escolas públicas municipais de Ensino Fundamental I. Para maiores detalhes ver o Plano Municipal de Educação (Lei nº 1.512/2015), Lei nº 1.487/2014 que institui o Sistema Municipal de Ensino e a Proposta Curricular Municipal de Guabiruba. Também são ofertadas aulas de alemão nos cursos livres noturnos da Fundação Municipal de Cultura.

Em Brusque a rede municipal de educação não oferece a língua alemã. Algumas escolas de idiomas locais e franquias nacionais oferecem o ensino do idioma alemão na cidade. O alemão na educação formal como componente curricular e também extraclasse é lecionado exclusivamente no Colégio Cônsul Carlos Renaux, instituição de ensino particular, fundada em 1872 por imigrantes luteranos de origem alemã. Reconhecida em 2012 pelo Conselho Estadual de Educação como a instituição de ensino particular atuante mais antiga do Estado de Santa Catarina.

Registros documentais escolares indicam que a língua alemã estava novamente presente na grade curricular do Colégio no ano de 1963, juntamente com a língua inglesa e o francês. No antigo 1º Grau/Ensino Fundamental eram lecionadas 4 horas/aula semanais de língua estrangeira, 2 horas/aula para cada idioma. Já no ano de 1966 no 2º Grau/Ensino Médio não se oferecia mais a língua alemã. Tal cenário perdurou até 1996 quando foi necessário a adequação à nova legislação com a nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação¹¹/LDB.

Gostaríamos de deixar registrados os nomes dos professores de língua alemã que atuaram no Colégio Cônsul desde a década de 1960 e contribuíram assim para a manutenção do idioma na educação formal de muitos jovens brusquenses: Ally Odette Ristow (1958-1980), Edla Germer Teichmann (1980-1998), Ellengart Lorenz Freitas (1998-2001), Irene Stecher Mattes (02/2001-01/2006), Clarí Wehrmann (02/2006-08/2008), Roseane Huber de Souza (10/2006-02/2007), Alberto La-

¹¹ Em 1996, foi promulgada a nova LDB que preceitua a obrigatoriedade de ensino de uma língua estrangeira moderna no ensino fundamental a partir da 5ª série. No ensino médio, uma língua estrangeira moderna que deve ser escolhida pela comunidade escolar e uma segunda de oferta optativa.

dwig (02/2007-12/2008), Patricia Christa Schmidt (2009) e Emilia Rosenbrock (02/2010...).

No ano de 2015 o Colégio Cônsul Carlos Renaux firmou uma parceria interinstitucional com o liceu *Justus-Knecht-Gymnasium* de Bruchsal/Alemanha. A parceria visa a elaboração de projetos conjuntos, estadias prolongadas de estudantes e professores em ambas as instituições, bem como o intercâmbio cultural de curta duração.

Os registros oficiais nos dão alguns indícios de que a diversidade linguística sempre esteve presente nesta instituição escolar. O corpo docente era formado também por professores de língua francesa e latim: Pastor Emílio Hahn (1948 a 1951), Walfrido Berthier Martins (1952 a 1959), Jeanette Sinning (1953 a 1957), Ally Odette Ristow (1958 a 1980), Alexandre Merico (1961 a 1978), Genésio Nolli (1959 a 1961).

O multilinguismo é e sempre foi uma realidade na nossa comunidade. Portanto, é preciso pensar em uma educação voltada para o plurilinguismo e em uma formação de professores que saibam lidar com todo o pluralismo existente. Para isso, precisamos respeitar as diferenças entre as línguas e combater o preconceito linguístico, pois temos que considerar que todas as formas linguísticas são boas epistemologicamente.

De acordo com Bagno e Rangel (2005), a educação linguística está intrínseca na vida de todo ser humano, e pode ser definida como

o conjunto de fatores socioculturais que, durante toda a existência de um indivíduo, lhe possibilitam adquirir, desenvolver e ampliar o conhecimento de/sobre sua língua materna, de/sobre outras línguas, sobre a linguagem de um modo mais geral e sobre todos os demais sistemas semióticos. Desses saberes, evidentemente, também fazem parte as crenças, superstições, representações, mitos e preconceitos que circulam na sociedade em torno da língua/ linguagem e que compõem o que se poderia chamar de imaginário linguístico ou, sob outra ótica, de ideologia linguística (BAGNO; RANGEL, 2005, p. 63).

Se partirmos da ideia de que a língua é um bem simbólico, de que a linguagem é socialmente construída, na qual todos somos atores ativos dessa construção (BOURDIEU, 1998) e de que é também pelo

instrumento da linguagem que o sujeito se torna hábil a fazer parte do processo democrático de seu país (SKUTNABB-KANGAS, 1988), está clara a necessidade de repensarmos o ensino de línguas nas escolas.

A aula de língua estrangeira não deve ter como objetivo somente preparar o aluno para as competências da língua alvo, tais como ler, escrever, falar ou compreender, mas sim prepará-lo para a formação de uma competência intercultural e plurilíngue. Como afirma Altenhofen (2006, p. 43)

uma língua significa muito mais do que uma lista de palavras ou regras gramaticais. É também um sinal de identidade, e atrás de cada palavra esconde-se uma história inteira, e principalmente, seres humanos com pensamentos e vontades próprias e uma maneira toda pessoal de observar o mundo.

Para atender às necessidades e especificidades locais, bem como as exigências do mercado global, a inclusão de ferramentas pedagógicas que trabalhem com a rica diversidade e com a conscientização linguística mostra-se como algo possível, realizável e urgente dentro do currículo de ensino de línguas.

Também a formação de um professor de língua estrangeira precisa ser contínua, haja vista que este lida com uma língua que está em constante mudança. O professor de língua estrangeira precisa não apenas lecionar, mas se preocupar quanto aos porquês, para quê, como e o que ensinar, ou seja, assumir o papel de pesquisador e ter uma postura crítica quanto a sua própria prática pedagógica. A discussão sobre o ensino de línguas estrangeiras, apesar de ter progredido nas últimas décadas, parece não ter provocado ainda os suficientes efeitos na mudança das relações de sala de aula e, conseqüentemente, não ter deslanchado transformações fundamentais que dariam a esse ensino um status de atualidade frente às novas tendências da educação brasileira e das sociedades globalizadas.

Os imigrantes que aqui chegaram vinham de diversas zonas ou regiões do então território germânico. Entre eles, havia prussianos, vestfalianos, pomeranos, renanos, bávaros, badenses, como também austríacos, suíços, além dos italianos e poloneses, que trouxeram

consigo diversas variedades das suas línguas maternas, culturas e ascendências diferentes. Este mosaico linguístico e cultural presente hoje mais fortemente em regiões rurais do Sul do país deixa entrever não apenas aspectos da cultura local, como revela detalhes da história da imigração alemã no Brasil. Após quase 190 anos da chegada dos primeiros imigrantes alemães em solo brasileiro ainda há um duelo dinâmico entre assimilação e resistência. Pesquisas (FRITZEN, 2007; EWALD, 2014; ROSENBROCK, 2016; MAAS, 2016) apontam que em comunidades, na maioria rurais, nos estados sulistas a transmissão do idioma alemão de geração a geração e o uso para comunicação no seio familiar ainda é uma constante.

Cientes dos desafios e complexidade inerentes a pesquisas que se voltam aos estudos linguísticos, culturais e sociais, reafirmamos a necessidade latente de reflexões e estudos acerca da realidade pluri-linguística e multicultural brasileira, bem como de nossa região. É preciso, por meio de pesquisas, fornecer subsídios para a adoção de políticas linguísticas locais favoráveis ao reconhecimento do potencial da diversidade linguística (herdada) e refletir sobre o tratamento dado às línguas estrangeiras e ao português na escola e na comunidade local.

Referências

ADAMI, Luiz S.; ROSA, Tina. **Brusque: Cidade Schneeberg**. Itajaí: S&T Editores, 2005.

_____, **Carlos Boos nunca soube dizer não!** Itajaí: S&T Editores, 2005.

ALTENHOFEN, Cleo W. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, C. et al. **Política e políticas linguísticas**. Campinas: Ponte Editores, 2013. p. 93-116.

_____, Cleo W., FREY, Jaqueline. Das bresilionische Deutsch und die deutsche Bresilioner: ein hunsrückisch Red fo die Sprocherechte. **Revista Contingentia**, vol. 1, novembro, 2006. 39–50.

BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon O. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.5, n.1, p.63- 81, 2005.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São

Paulo: Hucitec, 2006.

BERGMANN, Günther J. **Auslandsdeutsche in Paraguay, Brasilien, Argentinien**. Bad Münstereifel: Westkreuz Verlag, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CALVET, J. L. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola, 2007.

CAVALCANTI, Marilda C. Estudos sobre Educação Bilíngue e Escolarização em Contextos de Minorias Linguísticas no Brasil. **DELTA**, vol. 15, n. especial, p. 385-417, 1999. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501999000300015&script=sci_arttext>. Acesso em: 28 de dezembro de 2015.

Die Rundschau“/D‘O Progresso. Edição Comemorativa 1860-1935 – 75 anos. Brusque, 4 de agosto de 1935, Anno VI, Nº 15, 13. Jahrg., nº 54 u. 55.

EAGELTON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. Tradução de Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: Unesp/Boitempo, 1997.

EWALD, Luana. **“Essa mancha ficou!”: memórias sobre práticas de letramento em cenário de imigração alemã**. 2014. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2014.

FRITZEN, Maristela P. **Ich kann mein Name mit letra junta und letra solta Schreiben: bilinguismo e letramento em uma escola rural localizada em zona de imigração alemã no Sul do Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2007. 305 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

_____, Maristela P. Ich spreche anders, aber das ist auch deutsch: línguas em conflito em uma escola rural localizada em zona de imigração no sul do Brasil. **Trab. Linguist. Apl.** 2008, vol. 47, n. 2, p. 341-356. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132008000200005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 de janeiro de 2016.

GEVAERD, Ayres. Primórdios do Ensino Primário em Brusque. Centenário da primeira Escola Pública. **Blumenau em Cadernos**, Tomo IV, jul. 1961, nº 7.

KREUTZ, Lúcio. *Escolas Comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio*. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, SP, n. 15, p. 150-176, nov./dez. 2000. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n15/n15a10>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2016.

LISBOA, Maria Fernanda G. **A obrigatoriedade do ensino de espanhol no Brasil: implicações e desdobramentos**. 2009. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/viewFile/1227/911>>. Acesso em 04 de agosto de 2017.

LUNA, J. M. F. **O Português na Escola Alemã de Blumenau: da formação à extinção de uma prática**. Itajaí: Ed. da Univali e Ed. da Furb, 2000.

MAAS, Martha R. **Escolarização e língua de imigração: Representações a partir dos enunciados de três gerações**. 2016. 91 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2016.

MAILER, Valéria C. O. **O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania**. 2003. 96 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

MOSIMANN, João Carlos. **As famílias de Brusque. Guabiruba e Botuverá. Nos meandros do Itajaí-Mirim**. Florianópolis, 2010.

PARAQUETT, Márcia. As dimensões políticas sobre o ensino da língua espanhola no Brasil: tradições e inovações. In: MOTA, K. SCHEYERL, D. **Espaços linguísticos: resistências e expansões**. Salvador: EDUFBA, 2006.

NASCIMENTO, Dorval do. Nacionalização do ensino catarinense na Primeira República (1911-1920). **Revista Brasileira de História da Educação**, n° 21, p. 123-143, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/viewFile/64/75>>. Acesso 29 de janeiro de 2018.

NIEBUHR, Marlus. **Ecos e Sombras: memória operária em Brusque – SC na década de 50**. Itajaí: Editora da Univali, 1999.

NOVAES, Laudelino J. de. **Curso Normal Regional “Luiz Augusto Crespo”**. Álbum do 1º Centenário de Brusque. Edição da Sociedade Amigos de Brusque, 1960, p. 130-137.

PIAZZA, Walter F. **O Ensino Primário em Brusque**. Álbum do 1º Centenário de Brusque. Edição da Sociedade Amigos de Brusque, 1960, p. 94-113.

RISTOW, Arno. **Educação: História ilustrada de um ideal. Evolução das escolas fundadas no século XIX pelos imigrantes, no sul do Brasil, e desenvolvidas por seus descendentes até hoje**. Florianópolis, IOESC, 1999.

_____, Arno. **Educação e instrução em Brusque – SC**. Edição Comemorativa do Sesquicentenário da Cidade. Rio de Janeiro: DiLivros, 2010.

RENAUX, Maria Luiza. **O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950**. Blumenau: Ed. da FURB, 1995.

ROSENBROCK, Emilia. **Era uma vez um man e um menino e eles montavam um schlitten: letra(s em anda)mento em cenário de língua de imigração alemã**. 2016. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2016.

SANTOS, Ademir Valdir dos. Educação e Colonização no Brasil: as escolas étnicas alemãs. **Cadernos de Pesquisa**, v.42, n. 146, p. 538-561, maio/ag.2012.

SCHADEN, E. Aspectos históricos e sociológicos da escola rural teuto-brasileira. In: **Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros**, 1, 1963, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 1966. p. 65-77.

SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: FAUSTO, B. (ed.). **Fazer a América**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, p. 273-313.

SEYFERTH, Giralda. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. **MANA**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 2, p. 61-88, 1999a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131999000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 19 de dezembro de 2015.

SKUTNABB-KANGAS, Tove. Multilingualism and the education of minority children. In: SKUTNABB-KANGAS, T.; CUMMINS, J. (Ed.) **Minority education: from shame to struggle**. Clevedon, Avon: Multilingual Matters, 1988. p. 9-44.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os imigrantes alemães e seus descendentes

tes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 1-13, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/issue/view/2581>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2016.

WIESER, Lothar. **Das hiesige Land gleicht einem Paradies. Die Auswanderung von Baden nach Brasilien im 19. Jahrhundert**. Ubstadt-Weiher: Verlag Regionalkultur, 2014.

Documentos oficiais

BRASIL. Decreto nº 62, de 1º de fevereiro de 1841. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-62-1-fevereiro-1841-561120-publicacaooriginal-84519-pe.html>>.

_____. Decreto nº 1.556, de 17 de fevereiro de 1855. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1556-17-fevereiro-1855-558426-publicacaooriginal-79672-pe.html>.

_____. Decreto nº 5.370, de 6 de agosto de 1873. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=78527&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PUB>>.

_____. Decreto nº 8.659, de 5 de abril de 1911. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/4_1a_Republica/decreto%208659%20-%201911%20lei%20org%E2nica%20rivad%E1via%20correia.htm>.

_____. Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/decreto%2019.890-%201931%20reforma%20francisco%20campos.htm>.

_____. Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>>.

_____. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm>.

_____. Lei N. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, atualizada em

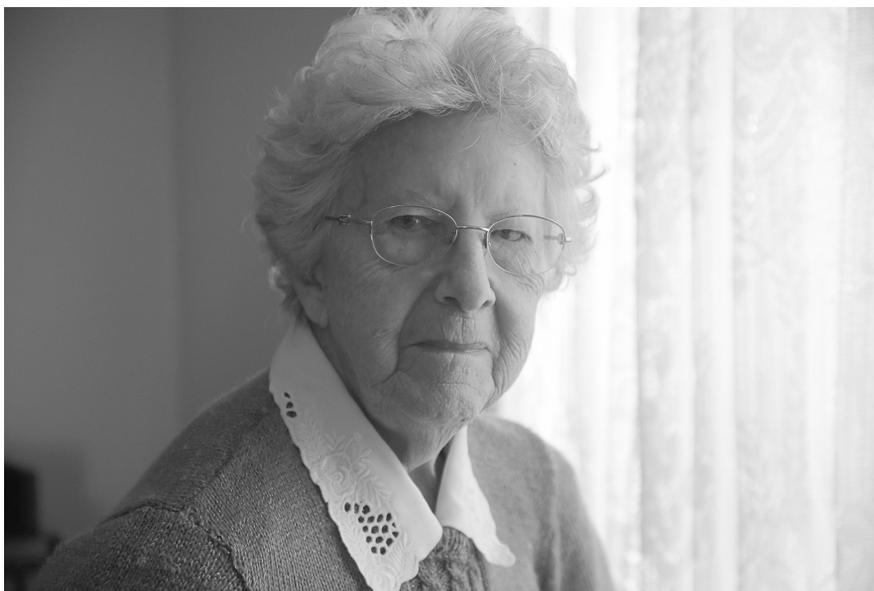
25/10/2011. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_6ed.pdf?sequence=7>.

_____. Lei nº 11.161, de 05 de agosto de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11161.htm>.

Recenseamento 1920. Volume IV. População do Brazil por Estados, Municípios, e Districtos, segundo o gráo de instrucción, por idade, sexo e nacionalidade. Typographia da Estatística, Rio de Janeiro, 1929. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv31687.pdf>>. Acesso em 30 de janeiro de 2018.

IBGE. Synopse do Recenseamento de 31 de dezembro de 1900. Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, Directoria Geral de Estatística. Typographia da Estatística, Rio de Janeiro, 1905. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/222260>>. Acesso em 28 de janeiro de 2018.

Proposta Curricular para o ensino fundamental do município de Pomerode (2004). Disponível em: <http://www.pomerode.sc.gov.br/arquivos/SED/2015/propostas/proposta_curricular.pdf>.



Ursula Paula Elysabeth Rombach em 2017. Foto David T. Silva

Tempo para tudo

Ursula Paula Elysabeth Rombach fala sobre família, trabalho e histórias que o tempo não apaga

Por Thayse Helena Machado¹

“E tem tempo para tudo isso?” É assim que Ursula Paula Elysabeth Rombach responde quando questionada sobre realizar sonhos no futuro. Aos 84 anos, muitos deles dedicados ao trabalho, a aposentada vê no tempo um aliado. Gosta de ler e nas horas vagas dedica-se à produção

¹Thayse Helena Machado é apaixonada por contar histórias. É jornalista, formada pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, Especialista em Gestão da Comunicação Pública e Empresarial pela Universidade Tuiti do Paraná – UTP e responsável pela Assessoria de Comunicação e Marketing da UNIFEFE. Também é pós-graduanda em Gestão de Pessoas e Coaching.

de peças de tricô para ações sociais. A habilidade com as agulhas e linhas aprendeu com a mãe.

Foi também a mãe quem lhe ensinou o alemão, língua que depois de adulta foi o fio condutor de sua vida profissional. São incontáveis os documentos traduzidos por ela ao longo dos anos.

Ursula não casou e nem teve filhos, mas isso nunca foi sinônimo de solidão. Pelo contrário, sempre encontrou na cidade escolhida pelos pais a companhia, o carinho e a preocupação da família e de muitos amigos. Hoje, mora com a irmã.

A história da família Rombach se mistura com a história do município que a acolheu. A chegada em Brusque foi nos tempos em que nascia a indústria têxtil, que todos se conheciam e a vida era tranquila. Tinha muito trabalho e os dias eram prósperos. Até que veio a guerra e os tempos mudaram.

O alemão já não podia ser falado. Quem ouvia alguém falando podia denunciar ao governo e recebia dinheiro por isso. Foi quando Ursula e os irmãos conviveram com a breve ausência do pai, preso por falar o único idioma que se comunicava.

O adeus à Alemanha, para que o pai arquiteto trabalhasse para o cônsul Carlos Renaux em Brusque, e a nova vida construída no Brasil, com certeza dariam um livro, mas Ursula nunca pensou em escrever sobre isso. É história, mas foi um tempo que passou.

Ela prefere guardar apenas na memória os ensinamentos dos pais, as brincadeiras de criança, o primeiro trabalho como babá aos 11 anos e o amor, que na Alemanha ou aqui, sempre uniu a todos. Não importa em que tempo.

Confira os principais trechos da entrevista:

Como foi a vinda da sua família para Brusque (SC)?

Meus pais vieram com meus irmãos mais velhos já nascidos. O meu irmão tinha três anos e meio e minha irmã um ano e meio. Vieram a convite do “velho” cônsul (Carlos) Renaux. Meu pai era engenheiro arquiteto e tinha construído a casa dele, que foi realmente cônsul do Brasil e morou na cidade em que meus pais moravam na Alemanha. Quando terminou o período do consulado, que ele ia voltar para o Brasil, encomendou com meu pai plantas para uma nova residência aqui em

Brusque. Antes, não sei se você se lembra, tinha aquela casa triangular na ponta da praça do Centro (atual praça Barão de Schneeberg).

O projeto dessa casa também era do seu pai?

Não. Meu pai fez os projetos para a construção da casa do “velho” aqui em cima do morro (bairro Primeiro de Maio), que foi a residência dele até o fim da vida. A casa foi construída em 1932 e chamada de Villa Goucky (hoje Villa Renaux), em homenagem à terceira esposa. Ele teve três esposas, uma de cada vez, claro, (risos). Os Renaux são todos descendentes da primeira mulher. Ele enviuvou e casou com a segunda. Ficou viúvo novamente e casou com a terceira, e também enviuvou. Essa terceira é a que chamava Goucky. Na hora de voltar ao Brasil, o cônsul convidou meu pai e perguntou se ele não estava “a fim” de vir supervisionar a construção e também já teria outras construções previstas na fábrica, que naquele tempo era o começo da empresa Renaux. E foi assim que meus pais vieram para cá.

Eles vieram em que ano?

Foi em 4 de agosto de 1931. Tem até uma historinha que eles contavam. Havia casas da Renaux ao pé do morro. Uma porção. Tinha duas casas geminadas, que eram quatro residências e uma quinta residência isolada, que era para os engenheiros que o “velho” trazia de fora. Em uma dessas casas que meus pais foram morar. Na verdade, era véspera de 4 de agosto, aí na madrugada houve um conjunto musical que fez uma alvorada, como a gente chamava, e meus pais pensaram: poxa! Como estamos sendo bem recebidos! (risos). Mas era madrugada do dia do aniversário da cidade e a música era por isso!

A senhora então nasceu em Brusque (SC)?

Sim, em casa, pois na época não tinha maternidade. A minha parteira foi a irmã Margarete, uma religiosa luterana.

Sua família era luterana?

Minha família era católica, mas a maioria dos imigrantes eram luteranos. E os alemães, por força da língua e da procedência, tendiam a se agrupar. Havia um certo litígio entre as comunidades católicas e

evangélicas, mas nunca sentimos isso. As famílias que meus pais se relacionavam eram todas evangélicas, mas isso nunca foi problema. Felizmente, hoje em dia, não existe mais essa rivalidade, mas na época era bem forte. Quer ver os casamentos, como eram problemáticos. Eu trabalhei na Souza Cruz de 1960 a 1983 e naqueles anos, a filha de um dos meus chefes, que era católico, casou com um evangélico. O apego e a convicção eram tão grandes que o pai não foi ao casamento.

E como foi sua infância?

Olha, meus pais moraram até 1935 naquela casa de quando chegaram, pois meu pai veio com contrato de quatro anos com o cônsul. Terminado esse contrato, eles não tinham vontade de voltar para a Alemanha, porque meu pai entendeu que havia várias opções para ele aqui. Só que aí nos mudamos para uma casa, que não existe mais, na rua Barão do Rio Branco, de frente para onde hoje é a Churrascaria Rio Branco. Lá ele fazia projetos para a indústria, que já estava crescendo. Nesse meio tempo veio a guerra, aí mesmo que ninguém ia voltar para a Alemanha. Minha mãe se adaptou muito bem aqui. Ela era professora. Deu muitas aulas particulares, porque não poderia ser professora oficialmente, pelo menos não havia essa proposta.

Então, a minha infância foi, principalmente até os 11 anos, onde nós moramos ali no rio Branco. Ia descalça para a escola, andava longas distâncias para brincar, era muito seguro, pois a comunidade era pequena e não havia estranhos, tanto que quando um viajante chegava à cidade nós reconhecíamos por ele ser diferente. Então, minha infância foi muito boa, pois tínhamos muitas brincadeiras, corríamos para todos os lados e o ambiente era seguro.

Quais eram suas brincadeiras favoritas quando pequena?

Nós morávamos perto de pastos onde existiam pés de frutas. Embaixo dessas árvores nós - as meninas - colocávamos tijolos, recolhíamos galhos e folhas secas e fazíamos comidinhas com isto. Outra coisa que gostávamos era de brincar de boneca. Além disso, tomávamos banho de rio. No Natal, nós não esperávamos o Papai Noel chegar, mas sim o Menino Jesus. Os adultos mandavam as crianças brincar no rio, enquanto arrumavam a ceia e enfeitavam a casa. Quando chegávamos

comemorávamos todos juntos.

Como era a relação com seus irmãos?

Não tínhamos muita convivência, pois meu tempo de escola e brincadeiras era bem diferente dos meus irmãos. Havia muitas crianças na vizinhança, eram principalmente italianas. No ano que eu ia entrar na escola surgiu uma lei que a criança precisaria ter sete anos para ingressar. As aulas começavam em fevereiro e eu fazia aniversário só em abril, por isso tive que esperar e entrei na escola com quase oito anos. Isso aumentou a distância entre eu e meus irmãos. Então, a minha mãe aproveitou o fato de eu e algumas colegas não podermos ir para a escola e começou a nos alfabetizar em alemão.

Quando seus pais vieram para Brusque, eles falavam português?

Não, eles aprenderam aqui. Mas eles não tiveram problemas, pois a comunidade aqui falava alemão. Só mudou com os anos de guerra, a partir de 1939, por conta da lei que proibia o uso da língua alemã. Inclusive, me lembro de que a perseguição era tão grande, que muita gente ficava escutando embaixo das janelas e denunciava quem falava alemão. A cada denúncia feita se ganhava dois mil réis. Nunca houve uma lei que cancelasse a proibição. A guerra terminou em 1945, o que fez com que as crianças dessa época não aprendessem a língua alemã. Mas, em 1948, os soldados começaram a voltar, e assim, aos poucos, foi se perdendo o medo de falar o alemão.

Pessoas próximas de vocês foram denunciadas por falar alemão?

Sim, como a maior parte da comunidade era alemã, havia poucas famílias simples, como policiais, por exemplo. Então, existia um grande ressentimento por parte de brasileiros menos favorecidos, que faziam inúmeras denúncias. Meu pai, inclusive, foi preso por ser alemão, mas ficou pouco tempo. Ele nunca aprendeu a falar português, acredito que até pelo ressentimento que havia devido à proibição. Já minha mãe era muito boa em línguas e ensinava. Ela falava português, inglês e francês.

E a senhora, fala outras línguas além do alemão e do português?

Sim, aprendi o francês na escola e praticava em casa com minha

mãe. Eu acho que a juventude atual perdeu muito. Meu avô nos enviava livros infantis escritos em alemão, então conhecíamos outras línguas.

A senhora conhece a Alemanha?

Sim, mas conheci bem mais tarde, quando meus pais já eram falecidos. Fui pela primeira vez em 1980. Em outubro de 1989 houve a queda do muro de Berlim e no ano seguinte eu fui pra lá. Ficamos na antiga Alemanha Oriental, onde conheci tios e primos que se relacionavam com meus pais. Ainda hoje mantemos contato.

Como foi a sua juventude?

Olha, nos últimos anos da guerra meu pai quase não tinha serviço. Como ele era autônomo não havia tanto trabalho para ele, então, todos nós começamos a trabalhar cedo. Eu trabalhava de babá em um período e estudava no outro. Naquele tempo, além do primário tinha o complementar, então, quando eu terminei fiquei sem estudar. Depois, foi fundada a Escola Normal Regional, que durava quatro anos. A primeira que abriu foi ligada ao Feliciano Pires. Então, comecei a frequentar e ajudava em casa. Em 1950, comecei a trabalhar como professora. Trabalhei dois anos no antigo Colégio São Luiz, após isto, tornei-me secretária do colégio onde fiquei até 1960. Após isso mudei para a Souza Cruz, onde trabalhei por 23 anos.

Depois da Souza Cruz, a senhora trabalhou em outro lugar?

Sim, trabalhei na Fischer durante 27 anos, como secretária e tradutora, devido a minha facilidade com a língua alemã. Na época, a Fischer representava indústrias de máquinas holandesas e alemãs e todas as correspondências eram escritas em alemão. Trabalhei lá até os 80 anos, em 2013, quando ganhei uma linda placa de homenagem. Depois decidi descansar.

Durante esse período a senhora fez a tradução do livro “Brusque 150 anos”, certo?

Sim, para o prefeito Paulo Eccel. Quando ele lançou esse livro na Assembleia Legislativa me convidou para ir junto. Eu fazia parte do grupo Amigos do Canto Alemão, e lá ele disse que ficou surpreso

com a rapidez com que eu fiz a tradução. Na época, ele ia se submeter à reeleição e eu tinha o prazo do período de mandato dele para concluir a tradução. Logo, dei prioridade total para isto. Em três meses traduzi o livro. Foi bastante serviço, no entanto bem prazeroso.

A senhora ainda faz parte do grupo Amigos do Canto Alemão?

Sim, porém, no momento não estou muito assídua, pois me incomoda dirigir à noite, mas continuo no grupo. É uma das poucas coisas que ainda procura resgatar um pouco das tradições antigas.

Acredita que as tradições se perderam?

Eu acho que devido à proibição da língua alemã, muita coisa se perdeu. Eu tive muitos colegas que não tiveram como ler documentos e cartas escritas em alemão, pois nunca aprenderam. Eu recebi um artigo de jornal da Alemanha para traduzir, ele havia sido escrito há décadas por um alemão que veio para Brusque e depois de viver muitos anos aqui deixou parte da família e voltou para a Alemanha. Lá, escreveu a história da vinda dele para o Brasil. Eu achei muito interessante, então traduzi e entreguei a um colega que era descendente desta família.

A senhora já se sentiu solitária por não ter constituído família?

Não, e também não me sinto sozinha agora. Eu tenho contato com alguns parentes e eles me ligam e visitam o tempo todo. Além disso, Brusque é uma cidade que a gente se sente em casa, porque independente da família, nós temos amigos que se preocupam conosco. Fiz questão de fazer essa casa (onde mora), pois nós sempre moramos de aluguel, mesmo meu irmão tendo uma empresa de construção e meu pai sendo arquiteto. Fiz um financiamento e meu irmão construiu. Minha mãe era viva ainda. Então, moramos eu, ela e uma menina que cuidava da casa e fazia companhia para a mãe, visto que eu trabalhava. Depois que mamãe faleceu, meu irmão, a esposa e o filho dele vieram morar comigo, mas eles também construíram uma casa. Fiquei sozinha.

Por isso acho legal minha irmã morar comigo agora, ela foi professora por muito tempo em Juiz de Fora (MG). Foi estudar e a escola a convidou para dar aulas depois de formada. Morou lá por 65 anos. Ela geralmente me visitava no Natal, mas era muito complicado, então

decidiu vir pra cá. Eu tenho 84 anos e ela 87. Não temos mais tanta perspectiva pela frente. Temos que pensar que, a cada ano, perdemos alguma capacidade, nem que seja de movimentação. A gente não pensa nisso quando é jovem, mas existem coisas que eu teria feito se soubesse que hoje teria dificuldade de andar. Na segunda vez que eu fui para a Alemanha, em 2002, convenci minha irmã, que é natural de lá, a ir também. Levamos o nosso sobrinho junto e andamos muito. Mas, hoje não poderia fazer isso devido à idade.

Já teve vontade de morar em outro lugar?

Não. Quando saí da Souza Cruz fiquei três anos sem trabalhar e com a morte da minha mãe me senti muito sozinha, foi quando apareceu uma oportunidade de trabalhar na empresa Tabacos Blumenauense e pensei que seria interessante, visto que já tinha feito traduções para a Schlösser e outras empresas. Pensei em me candidatar, mas foi aí que surgiu a oportunidade na Fischer, onde não precisaria mudar de cidade para trabalhar. Optei por ficar.

E como é a sua rotina hoje?

Não sei se é porque eu trabalhei a vida inteira, mas não consigo ficar sem fazer nada. Minha irmã adora ler e ela me mandou alguns livros, tanto que transformei o antigo quarto da minha mãe em uma biblioteca. Além de ler, nas horas vagas nós gostamos de fazer tricô. Aprendemos com a nossa mãe, que além de dar aulas, tricotava. Hoje produzimos sapatinhos, calcinhas e casaquinhos de bebês para ações sociais. É uma maneira de ocupar o tempo, de me sentir bem e fazer o bem.

O que a senhora gosta de ler?

Eu gosto de relatos baseados em fatos reais ou sobre determinados locais, pessoas e assuntos. Um dos livros que eu traduzi se chama “A Família” e conta a história dos descendentes de um pastor que conduziu um grupo de alemães da Alemanha para a Rússia, há muitos anos. Lá, tiveram que renegar a religião para permanecer no país. Como não tinha mais lugar para eles na Alemanha, vieram para o Brasil. Ele escreveu um diário e essa história deu um livro. Esse tipo de literatura é que eu gosto de ler. Não tenho um livro favorito.



Ursula Paula Elysabeth Rombach em 2017. Foto David T. Silva

Arrepende-se de algo que fez ou não fez na vida?

Ah, deve ter muitas coisas! Mas tenho que estar em paz comigo mesma, se eu deixei de fazer algo é porque não deu, decerto! Pensando bem, uma coisa que eu não realizei foi fazer Agronomia. Desde jovem sempre gostei muito de plantar. Nas férias eu vivia plantando, tanto que todas essas árvores (da casa onde mora) fui eu que plantei a muda. Desde jovem eu tinha vontade de fazer esse curso, mas a única faculdade que oferecia era em Rio Negrinho (SC) e eu não poderia ir, sendo responsável pelo sustento meu e da minha mãe. Depois de um tempo a vontade passou.

E no futuro. Algum sonho para realizar?

E tem tempo para tudo isso? (risos). Olha, uma coisa muito importante para toda a minha família foi fazer esta casa. Não sei se você conhece essa sensação: quando sente que não é dona do seu lugar? O fato de eu ter insistido em fazer essa casa foi muito gratificante, tanto que quando minha cunhada veio trazer algumas coisas aqui ela disse que o apartamento dela é o apartamento dela, a casa da minha irmã é a casa da minha irmã, mas essa casa não é minha, e sim, de todos. Porque todos se sentem em casa aqui. Isso é algo que me deixa feliz de ter realizado. Aqui é o meu lugar e é o lar da família.



Biblioteca Municipal Fritz Müller, Blumenau, 1974: Theobaldo Costa Jamundá, Anita Ferreira da Silva e Ayres Gevaerd na solenidade de homenagem póstuma ao historiador José Ferreira da Silva. Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau

O dia em que Ayres Gevaerd disse “não” para a Academia Catarinense de Letras

Saulo Adami¹

Era 1974. Eleitos em 1972 e empossados em 31 de janeiro de 1973, o prefeito César Moritz e o vice-prefeito Antonio Abelardo Bado receberam a visita do escritor Theobaldo Costa Jamundá, membro da Academia Catarinense de Letras (ACL), para tratar da implantação em Brusque do Conselho Municipal de Cultura. Ao contrário das expectativas iniciais do escritor e de seu amigo pessoal, o historiador

¹ Saulo Adami, escritor, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Texto originalmente publicado no *Jornal Em Foco* (Brusque, 20 de outubro de 2017).

brusquense Ayres Gevaerd, a reunião da qual participaram “na chuvosa noite” não surtiu resultados positivos.

“Continuo aguardando que o poder oficial que me convocou, dê as notícias que entender, oficialmente, ao nosso Conselho Estadual de Cultura”, escreveu Jamundá ao amigo Gevaerd, em carta de 10 de março de 1974.² “Agora, que tenho uma pontinha de decepção, não minto, mesmo porque gastei recursos orçamentários e tempo. E também o fiz pensando em atender uma solicitação oficial de Brusque”.

Naquele período, não existia telefonia celular ou internet. O meio de comunicação mais utilizado eram as cartas trocadas via Agência Brasileira dos Correios e Telégrafos. Por isso, em 20 de março, Ayres Gevaerd respondeu ao amigo: “Estive em Florianópolis no dia 12 último, e no meu programa constava uma visita ao amigo no Departamento de Cultura, à tarde. Infelizmente, isso não foi possível porque demorei em visitas, compras etc. Teríamos falado sobre a reunião realizada em Brusque e do posterior desinteresse oficial na criação do Conselho local. Não sei o que se passa. Por outro lado, espero maior compreensão e cooperação para com a Sociedade Amigos de Brusque dos órgãos oficiais brusquenses, o que não acontece. Ainda com relação ao Conselho Municipal de Cultura, falei várias vezes com os responsáveis, pedindo definição, considerando que sua visita merece toda consideração”.

Ao que se vê, a realidade da década de 1970 não difere tanto da década de 2010, quando o assunto é cultura! Porém, o tema principal das cartas trocadas foi um convite para Ayres Gevaerd inscrever seu nome para concorrer à cadeira número 4 da Academia Catarinense de Letras, que teve como patrono Claudio Luís da Costa, fundador Luís Antonio Gualberto e sucessores Carlos da Costa Pereira e José Ferreira da Silva. A cadeira 4 estava vaga desde a morte de José Ferreira da Silva, amigo em comum de Theobaldo Costa Jamundá e Ayres Gevaerd.

“Acho que para ele (Ferreira da Silva) não existe substituto mais autêntico”, argumentou o acadêmico. “Tenho pressa em avisar que não lhe garanto a eleição, porém afirmo a minha dedicação à sua candidatura. Este convite o faço tranquilamente, mesmo porque é homenagem ao

² As correspondências que serviram de base para este artigo integram o acervo de sua filha, Naomi Gevaerd, que as preservou em sua residência em Navegantes, Santa Catarina, a quem agradeço a liberação.

seu trabalho intelectual. E de certa maneira está ligado à preocupação de darmos um substituto ao nosso lembrado Zé Ferreira, como a sua memória pede”.

“Sinto que meu convite não é emocional e sim de amor à nossa Academia que fará 54 anos em outubro deste”, argumentou Jamundá em sua correspondência. “Antes de decidir, compreenda que entrando para a nossa ACL estará preservando todos os valores da sua dedicação à preservação do patrimônio histórico de Brusque; como ainda que estará disposto a distribuir a sua colaboração no prestígio buscado por todos nós”. Reconheceu que a presença de Gevaerd na Academia Catarinense de Letras corresponderia a “um aumento de carga aos seus afazeres culturais, e não um prêmio. Assim, fico na expectativa da sua resposta”.

“Desnecessário mencionar aqui que o convite muito me honra”, escreveu Ayres Gevaerd, em 20 de março de 1974, em resposta a Jamundá. “Se méritos tem o meu trabalho na Sociedade Amigos de Brusque, a que há mais de 20 anos tenho servido, esses entram na conta do amor que tenho pelas coisas históricas de Brusque e de sua gente”.

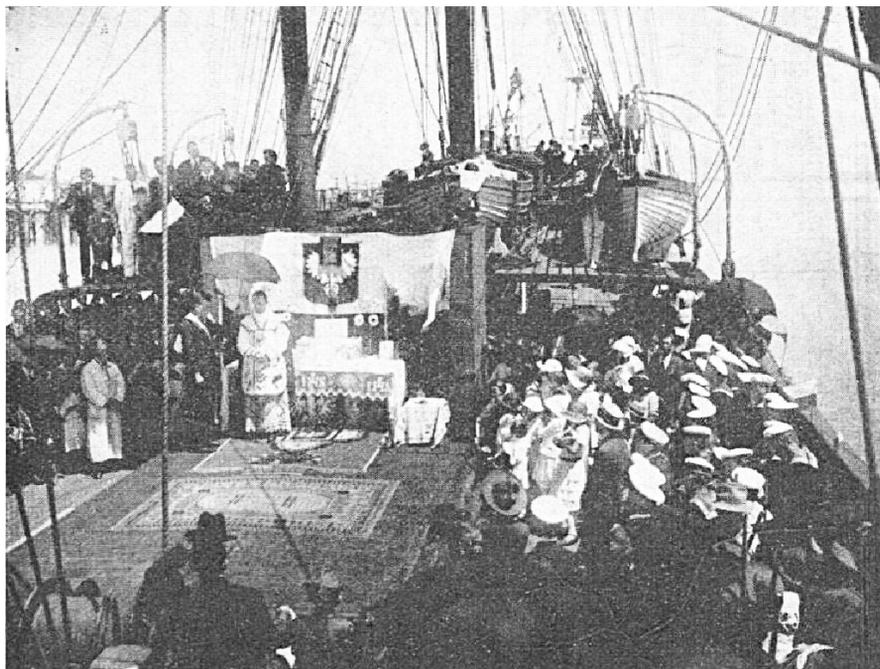
Relembrou ao acadêmico o início deste amor: “Comecei recolhendo material, principalmente escritos, desde mocinho, hábito que ainda hoje permanece a ponto de minha mulher achar que o meu cheiro é de papel velho”.

“Foi possível construir uma Casa e nela guardar tudo aquilo que o meu amigo teve a oportunidade de verificar. Quanto ao aspecto intelectual, creia-me, não reúno condições suficientes para ocupar um lugar junto aos ilustres acadêmicos catarinenses. Escrevi e escrevo ainda crônicas, principalmente relacionadas com o passado brusquense, com simplicidade, sem maiores pretensões. Segue-se meu estado de saúde, um tanto sacudido por perturbações circulatórias e nervosas. Isso é natural, para quem já somou 62”.

Ayres Gevaerd argumentou, finalmente, que cuidava de sua aposentadoria comercial para depois dedicar-se com mais empenho na organização do acervo do Museu e Arquivo Histórico do Vale do Itajaí-Mirim, conhecido como Casa de Brusque, mantido pela Sociedade Amigos de Brusque, e de colecionar velhas fotografias. “Não, meu caro Jamundá, não tenho condições. Desculpe-me. Quem sabe, em outro órgão cultural aí na Capital, que se identifique com as finalidades de

nossa Sociedade?”.

Correspondência silenciada. Ayres Gevaerd permaneceu na Sociedade Amigos de Brusque, Theobaldo Costa Jamundá na Academia Catarinense de Letras. Ponto final.



A religiosidade é uma marca registrada dos poloneses. Na foto, missa sendo rezada em polonês durante a travessia do Atlântico. Acervo: Braspol

As comemorações dos 150 anos de imigração polonesa no Brasil

Celso Deucher¹

A história da imigração polonesa no Brasil tem seu primeiro capítulo em Brusque no ano de 1869, mais precisamente no dia 25 de agosto. Fruto deste pioneirismo, em 2019, por todo o país comemora-se os 150 anos da chegada da primeira leva organizada de imigrantes desta etnia. Os festejos já começaram em junho deste ano e uma série de eventos vem pontuando a magistral colaboração dos imigrantes poloneses para o desenvolvimento social, econômico, político, cultural e humano da

¹ O autor é jornalista, professor e autor de 27 obras nas áreas de filosofia, sociologia, geografia, história e direito internacional. Há 15 anos pesquisa a saga das famílias de origem polonesa em Brusque tendo lançado nas comemorações dos 140 anos de imigração para o Brasil a obra “Brusque Polonesa” (S&T Editores, 2009) com dados e informações familiares inéditos sobre a presença desta etnia no município e na região.

gente brasileira. Neste sentido, faremos nas páginas a seguir um recorte histórico do marco inicial desta verdadeira epopeia dos “polonos” na América Portuguesa.

Arrolamos em especial, nas páginas a seguir, uma lista praticamente completa das famílias de origem polonesa chegadas a Brusque e à grande Brusque² entre 1869 a 1900. Da virada do século aos dias atuais, o número de famílias de descendentes cresceu muito chegando ao ponto de em 2018, termos entre 5 e 8% da população brusquense com suas raízes na Polônia. Por fim, não poderíamos deixar de registrar um breve resgate histórico do maior evento de valorização da cultura polonesa de Brusque e região, culminando com os festejos dos 150 anos que já começaram a acontecer, mas que terão seu ápice em 25 de agosto de 2019.

A título de reconhecimento, registramos o brilhante trabalho dos pesquisadores Aloisius Carlos Lauth³ e Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart, no resgate da história da Colônia Príncipe Dom Pedro e da saga polonesa em terras brusquenses. Os dados que apresentamos, têm em sua origem, grande parte da pesquisa destes dois brusquenses que se enfronharam na recolha e catalogação de dados sobre este importante momento histórico.

Os motivos da emigração polonesa para o Brasil

Existem diversos motivos pelos quais os poloneses foram levados a deixar sua terra natal para buscar uma nova vida em outros países. Destacamos, no entanto, os três principais. O primeiro deles está ligado diretamente à fome e à miséria que assolavam especialmente o meio rural. As repartições de terras haviam deixando um contingente de milhares de agricultores sem espaço para produzir alimentos provocando um êxodo rural gigantesco e engrossando as periferias das

² No conteúdo do termo usado por Saulo Adami e Tina Rosa em seu livro “Brusque Era Maior – Viajantes do Tempo”, essa Brusque envolvia os hoje municípios de Vidal Ramos, Presidente Nereu, Guabiruba, Botuverá, Gaspar, Nova Trento, São João Batista, Major Gercino, Canelinha e até parte de Tijucas.

³ Em suas obras e mais recentemente no site www.historiadebrusque.com.

grandes cidades.

Este primeiro motivo levou ao segundo, que nada mais era que a “fome de terra”, o sonho de se tornar proprietário do seu próprio pedaço de chão e poder produzir e sustentar sua família. O terceiro e mais importante está ligado à insegurança política interna e mais especificamente, à invasão da Polônia pelas três potências vizinhas: Rússia, Prússia e Império Austro-Húngaro. Cinco anos antes da chegada da primeira leva de poloneses ao Brasil, em 1864, terminava o chamado “Levante de Janeiro” que levou grande parte dos poloneses à guerra contra a Rússia. Vencidos, os poloneses viram suas terras serem confiscadas, suas famílias serem esfaceladas e muitos compatriotas fuzilados, ou exilados como escravos na Sibéria.

Os poloneses que imigravam para o Brasil, em um âmbito geral, buscavam melhores condições de vida no novo continente, visto que o seu território de origem experimentava um processo de perda de independência e, dessa forma, espalhava-se entre as pessoas um sentimento de risco à segurança individual e coletiva, algo que se consolidou com a ocupação realizada pelas potências europeias no período. Além disso, deve-se frisar que a crise econômica instalada no meio rural polonês – em um contexto de atividade industrial muito pueril que não conseguiria absorver o campesinato – serviu como mola propulsora para intensificar a onda migratória, na busca por terras em território brasileiro.⁴

Aliado a estes fatores, outros também contribuíram para que essa verdadeira diáspora⁵ acontecesse, como por exemplo a propaganda insistente do governo brasileiro que prometia “mundos e fundos” a quem desejasse vir para a América Portuguesa. A partir de 1874, por exemplo, o Contrato Caetano Pinto (com base no decreto imperial nº 5.663 de 17 de junho de 1874)⁶ é prova incontestável de que se estabeleceu

⁴ DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Etnias e Culturas no Brasil*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1980.

⁵ Dispersão de um povo em consequência de preconceito ou perseguição política, religiosa ou étnica.

⁶ Com este contrato o governo imperial brasileiro, através de José Fernandes da Costa Pereira Júnior, então Ministro e Secretário de Estado para os Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas autorizou Joaquim Caetano Pinto Júnior a introdução no Brasil de 100.000 imigrantes. Como se pode ver, pelas cláusulas

um verdadeiro “negócio” envolvendo compra e venda de “gente branca, sadia e de boa moral” já que a império pretendia “branquear a raça brasileira” e obviamente, aproveitar esta mão de obra para produzir alimentos. Não é à toa que este Contrato estabelecia valores por cabeça de imigrante, levando ao absurdo no qual um “velho” (acima de 45 anos) e uma criança com menos de 12 anos de idade valiam metade do preço de um jovem/adulto. Vejamos o que diz os itens I, IV e V deste contrato:

I - J.C. Pinto se obriga, por meio de uma companhia ou sociedade que poderá organizar, a introduzir no Brasil (com exceção da Província do Rio Grande do Sul), num período de dez anos, 100.000 imigrantes alemães, austríacos, suíços, italianos do norte, bascos, belgas, suecos, dinamarqueses e franceses, agricultores sadios, trabalhadores de boa moral, nunca menores de 2 anos, nem maiores de 45, salvos os chefes de família. Destes imigrantes, 20% podem exercer outras profissões. (..)

IV - O empresário receberá por adulto as seguintes subvenções: 120\$000 réis para os 50.000 imigrados; 100\$000 para os 25.000 sucessivos; 60\$000 réis para os últimos 25.000, e a metade destas subvenções para os menores de 12 anos e maiores de 2.(...)

V - Estas subvenções serão pagas junto à Corte, assim que for provado que os imigrados foram recebidos pelo funcionário competente no porto de desembarque da província à qual são destinados.⁷

Como se observa na cláusula primeira do contrato, não aparece o elemento polones na lista de imigrantes desejados, exatamente porque naquele momento a Polônia sequer existia, pois estava invadida pelas três potências já citadas. Por isso grande parte dos poloneses emigrou para o Brasil e especialmente a Brusque, como russos, austríacos e alemães. Note-se também que o objetivo era trazer agricultores (80%). Pessoas acima de 45 anos e crianças abaixo de 12 anos não eram muito

citadas, o interesse maior estava em agricultores e jovens sadios. Aos preços da época, para os primeiros 50 mil imigrados, um camponês custava metade do preço em transporte que um negro (com média de 38 anos), trazido da África. Portanto, tratava-se de um simples e lucrativo negócio para os novos “navios negreiros” e seu tráfico humano, a serviço do império.

⁷ GROSSELLI, Renzo, M. *Vencer ou Morrer - Componeses Trentinos (Venêtos e Lombardos) nas florestas brasileiras*. Ed. UFSC, 1987. Pg 250-252.

bem-vindas ao Brasil e por isso valiam tão pouco. Óbvio que Caetano Pinto não correria o risco de trazer esta gente com tão pouco valor já que seu negócio era ganhar dinheiro e não fazer qualquer tipo de obra humanitária.

Romão Wachowicz afirma, com certa dose poética, que os poloneses

partiam atordoados. Libertavam-se da penúria, da opressão, da perseguição. Aliciados e iludidos, demandavam o além-mar.

Quem poderia resistir à tentação?

Todos tinham casos com o senhorio, com o gendarme, com a caterva de vivaldinos.

Os que possuíam coração, os que amavam a Mãe-Terra enxugavam as lágrimas e partiam em busca de areias cintilantes, para no retorno atirá-las aos olhos do inimigo e cegar os tiranos.

Abandonavam searas de trigo. Tentados, aventuravam melhor sorte. Sonhavam com minas de prata, árvores-leiteiras, frutas-pão, maná em desertos. [...] Iludidos, corriam para o desconhecido, em busca de fazendas e castelos ilusórios.

No porto, não passavam de um bando de olhos vendados. Empurravam-nos ao navio. E eles subiam humildes, mas não derrotados.⁸

A fundação da Colônia Príncipe Dom Pedro

No ano de 1867, no dia 10 de março, é inaugurada oficialmente a Colônia Príncipe Dom Pedro, localizada geograficamente e inicialmente nos territórios que hoje compreendem os municípios de São João Batista, Nova Trento, Botuverá, Vidal Ramos e a margem direita do Rio Itajaí-Mirim. Seu primeiro diretor, Barzilar Cottle, coordenou o assentamento das primeiras levas de imigrantes. Os registros confirmam que os primeiros a chegar, em número de 98 cidadãos, eram de fala inglesa provenientes dos Estados Unidos. Nos primeiros 24 meses de vida da colônia, os registros dão conta que nela residiam: 370 ingleses, 259 norte-americanos, 246 irlandeses, 98 alemães, 82 franceses, 14 italianos, 9 escoceses, 9 suíços, 7 holandeses, 6 austríacos, 4 belgas, 2 espanhóis e 35 imigrantes de outras nacionalidades.

⁸ WACHOWICZ, Romão. Homens da Terra. Editora Vicentina, 1997. Pg 7.

A imagem mostra um documento manuscrito em português, escrito em uma caligrafia cursiva do século XIX. O texto registra o batismo de um menino chamado Estevão Sieniovski em 25 de agosto de 1869. O registro menciona os pais, Thomaz Sieniovski e Maria Kovalska, e os avós paternos e maternos. O documento é assinado pelo pároco Alberto Francisco Gattone.

Fac-símile do registro de nascimento de Estevão Sieniovski feito pelo pároco Alberto Francisco Gattone em Brusque. Fonte: Arquivo Histórico da Arquidicocese de Florianópolis

1869: Chega o primeiro grupo de imigrantes

“No dia 25 de agosto de 1869, batizei e pus os santos óleos ao inocente Estevão Sieniovski, nascido no dia 3 de julho de 1869, em o mar, filho legítimo de Thomaz Sieniovski e de Maria Kovalska, neto paterno de albaniano Sieniovski e Maria Bastek, neto materno de pessoas imigrantes mas padrinho Philippe Kokot e Anna Poleg, pároco de paróquia: o.º Alberto Francisco Gattone, 25 de Agosto 1869.”⁹

Com este registro de nascimento assinado pelo pároco de Brusque Alberto Francisco Gattone, em 25 de agosto de 1869, iniciava-se a história da imigração organizada de poloneses para a América Portuguesa. O primeiro grupo de imigrantes desta etnia chegou em Brusque possivelmente¹⁰ neste dia 25 de agosto de 1869 e trazia em seu meio o pequeno Estevão com 54 dias de vida. Somente três meses depois, mais precisamente no dia 12 de novembro, Estevão teria companhia de outra criança, esta sim, nascida em terras brusquenses, Izabella Kokot, que alguns consideram a primeira polonesa nascida de fato, em terra,

⁹ Livro dos batizados: Brusque 1869/1876. Pg 11. O presente livro hoje não está mais na paróquia de Brusque e sim no Arquivo Arquidiciosesano de Florianópolis/SC.

¹⁰ Não encontramos até o momento nenhuma prova concreta que de fato este grupo teria chegado antes do dia 25 de agosto a Brusque.

na América Portuguesa. João Mepomucemo teria nascido também “em o mar” em 21 de junho de 1869 e foi batizado em Brusque em 12 de setembro de 1869, novamente pelo Padre Alberto Gattone.

Este pioneiro grupo de poloneses foi assentado na Colônia Príncipe Dom Pedro. Era formado por 16 famílias naturais de Siolkowice, uma pequena aldeia localizada na região de Opole, província da Silésia. Hoje esta localidade é denominada de Stare Siolkowice e continua sendo uma pequena vila no distrito administrativo de Gmina Popielów, no sudoeste da Polônia. Em termos de distância está a aproximadamente 19 km a noroeste da capital regional que é Opole.¹¹

Ao todo, este grupo era formado por 78 pessoas e os registros confirmam os seguintes imigrantes, esposas e filhos, conforme a tabela da página 128.

Ao todo eram 15 casais cujas famílias tinham 42 filhos, sendo apenas um casal sem filhos, Antônio Kania e esposa. Conforme a tabela acima, nota-se que este grupo possuía três imigrantes solteiros: Stefan Kachel, Josepho Purkott e uma mulher, Julianna Woss. Pelos sobrenomes dos solteiros, Purkott e Woss, presumimos que poderiam ser parentes próximos de outros chefes de família do mesmo grupo. Sem parentesco com nenhum outro estaria Stephan Kachel.

Como estabelecia o Contrato Caetano Pinto, em sua maioria estes imigrantes eram agricultores. Os que não eram acabaram tendo que se tornar, visto que a necessidade assim ditava.

O embarque deste grupo aconteceu no porto de Antuérpia, na Bélgica, a bordo do vapor Victória. Depois de cerca de três meses “em o mar” desembarcaram no porto de Itajaí, sendo encaminhados para a linha Sixteen Lots que recém havia sido abandonada pelos imigrantes americanos¹² na Colônia Príncipe Dom Pedro.

¹¹ Quando da vinda dos poloneses para Brusque (1869), a área fazia parte da Alemanha, sendo conhecida pelo seu nome alemão de Alt Schalkowitz. Isto só mudou a partir do fim da segunda guerra mundial. Em 1º de junho de 1948, a localidade pôde, enfim, voltar a ser nominada em polonês: Stare Siolkowice.

¹² Tais colonos, na maioria irlandeses, vindos dos Estados Unidos no pós-guerra de secessão haviam sido trazidos pela United States And Brazil Steamship e segundo a avaliação dos dirigentes da Colônia, na época, “era gente de péssima índole e nada afeitos ao trabalho”. Tais predicados levaram a uma série de conflitos e por fim ao abandono das terras pelo grupo.

Nº	Chefe De Família	Esposa	Filhos	Soma
1	Francisco Pollock	s	5	7
2	Nicolau Wos	s	1	3
3	Boaventura Pollak	s	4	6
4	Thomasz Szymowski	s	2	4
5	Simon Purkott	s	2	4
6	Felippe Kokot	s	1	3
7	Miguel Prudlo	s	2	4
8	Simon Otto	s	3	5
9	Domin Stempka	s	1	3
10	Casper Gbur	s	3	5
11	Balcer Gbur	s	7	9
12	Walentim Weber	s	4	6
13	Antonio Kania	s	–	2
14	Francisco Kania	s	3	5
15	Andreas Pampuch	s	5	7
16	Stefan Kachel			1
17	Josepho Purkott			1
18	Julianna Woss			1
				78

Fonte: <http://www.historiadebrusque.com/a-colonia-principe-dom-pedro-parte-2>

1870: um segundo grupo chega à região

Cerca de um ano depois da chegada da primeira leva de imigrantes poloneses à Colônia Príncipe Dom Pedro, um outro grupo de 14 famílias se instala no local. Estas famílias tinham como chefes: Fabian Boraka, Balthazar Gebzy, Gregorz Haly, Leopold Jelenia, Andrzej Kawicki,

Marcin Kempy, Blazej Macioszki, Walenty Otto, Wincenty Pampuch, Pawel Polak, Marcin Prudlik, Józef Purkot, Tomosz Szajnowskiyr e August Walde.

A chegada deste segundo grupo a Brusque foi o golpe fatal para o fim definitivo da Colônia Príncipe Dom Pedro, que a esta altura já nem existia mais, administrativamente falando.¹³ Enquanto as primeiras famílias batiam-se para literalmente não morrer de fome, o governo não tinha onde alocar as levas de imigrantes que chegavam aos borbotões nos portos do país. Como lá fora pouco se conhecia da realidade que viviam os poloneses de Brusque, a administração geral, no Rio de Janeiro, entendeu que poderia “se livrar” de mais esta leva de polacos, colocando-os junto aos demais da sua etnia. Óbvio que se a situação já estava ruim, agora em definitivo, tornava-se insuportável.

Transmigração: Rumo a Curitiba

A Colônia Príncipe Dom Pedro nasceu com a sina de não dar certo. Desde o princípio os acontecimentos conspiravam para sua derrocada. Apesar da dedicação de alguns dos seus diretores e a pouca atenção por parte de outros, os contingentes humanos que chegaram ao local não se adaptaram principalmente às terras, extremamente íngremes e cheias de perigos que iam desde os temíveis indígenas até tigres, onças e outros animais que aterrorizavam os imigrantes.

Mas, no caso polonês pesou para sua saída da colônia a questão do total abandono e penúria em que se encontravam, devido a pouca assistência por parte da direção da Colônia. Alguns historiadores tentam salvar os administradores, mas o fato é que eles não tinham praticamente nenhum interesse no “material humano” que o governo imperial estava enviando. A preferência era sem dúvida pelo elemento alemão, visto que a colônia Brusque prosperava com esta etnia. Prova maior desta verdade é a afirmação do diretor da colônia Luiz Betin Paes Leme: “A colonização alemã tem sido tão satisfatória, como desanimadora e triste é a dos que o governo para aqui tem mandado, vindos das Repúblicas

¹³ A colônia Príncipe Dom Pedro foi extinta e seu território e administração transferidos à Colônia Itajahy-Brusque pelo Aviso nº 16, do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 6 de dezembro de 1869.

do Rio da Prata, da França e da Polônia”.¹⁴

Pesava muito forte também o atendimento religioso, feito de quando em quando pelo padre Antônio Zielinski, que atuava em Gaspar.¹⁵ Os poloneses sempre foram muito zelosos com sua religiosidade e as opções que tinham de participar de uma missa eram em sua maioria em alemão, o que lhes desagradava. Isto nos traz à luz a principal questão que os levou a mudar-se de Brusque: a convivência com os alemães. Afinal, saíram da Polônia onde o elemento alemão havia invadido seu país e chegaram à América Portuguesa e esbarraram novamente com os mesmos invasores. Os dissabores enfrentados na Europa apenas haviam mudado de lugar.

Neste ponto vale registrar a presença na região do hoje considerado pai da imigração polonesa no Brasil, Sebastian Wos Saporski.¹⁶ Tão logo estabeleceu forte amizade com o padre Antônio Zielinski e ciente da situação dos poloneses de Brusque, os dois trataram de buscar saídas para retirar seus compatriotas da Colônia Príncipe Dom Pedro. A alternativa naquele momento era o Paraná e após conseguir autorização do Imperador para criar uma colônia polaca em Curitiba, os dois trataram de logo promover a transmigração.¹⁷

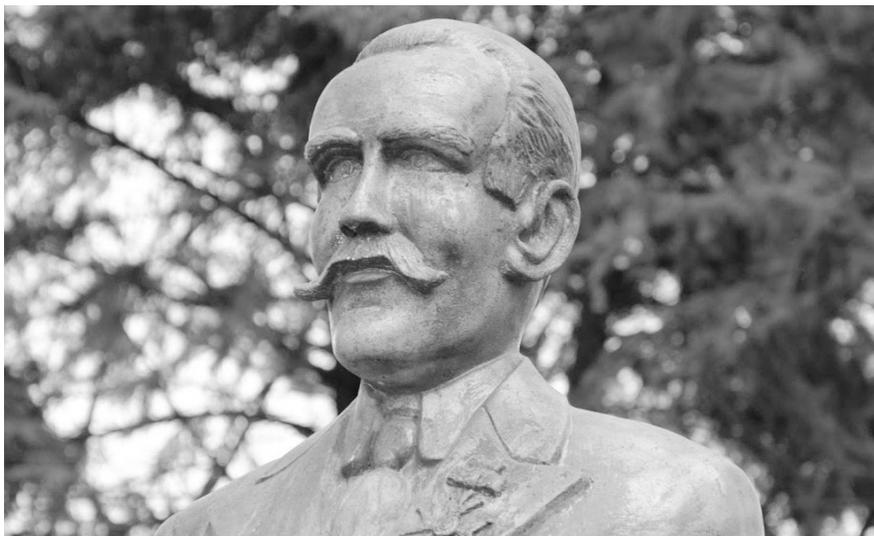
Precisavam no entanto estabelecer estes trâmites com os curitiba-

¹⁴ GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. Imigração Polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro – Uma contribuição ao Estudo da Imigração Polonesa no Brasil Meridional. Fundação Casa Dr. Blumenau, Blumenau, 1984. Pg 44.

¹⁵ Os pesquisadores Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart e Aloisius Carlos Lauth afirmam que além de Zielinski e Saporski, um terceiro membro ativo nesta empreitada da transmigração teria sido Francisco Motzko. Independente da ajuda prestada aos primeiros poloneses de Brusque, Motzko não teria ido junto na transmigração. Segundo dados posteriores teria ficado em Brusque por muitos anos. Mais tarde, em 1900, aí sim, aparece novamente nos registros históricos como dono de uma olaria no Paraná.

¹⁶ Durante muitos anos Saporski foi considerado como um homem que fez muito mal aos poloneses, especialmente ao grupo que saiu de Brusque. Acusavam-no de tê-los tirado desta colônia prometendo uma série de benefícios em Curitiba e ao chegarem lá foram abandonados, tanto por ele, quanto pelos poderes públicos os quais ele havia prometido que apoiariam suas reivindicações. No entanto, nota-se nos últimos anos que há um movimento muito forte de revisão desta visão sobre Saporski.

¹⁷ Para um aprofundamento maior sobre a Colônia Príncipe Dom Pedro e o processo de transmigração recomendamos a leitura de: LAUTH, Aloisius Carlos. A Colônia Príncipe Dom Pedro: um caso de política imigratória no Brasil Império. Brusque, MADJ, 1987.



Busto em Curitiba de Sebastião Edmundo Wos Saporski.

Foto: Washington Cesar Takeuchi

nos, negociação que aconteceu ao longo do ano de 1870 e início de 1871, quando por fim, em abril daquele ano, o Conselho da Cidade de Curitiba cedeu aos transmigrados poloneses um terreno nos arredores da cidade.¹⁸

Em setembro de 1871, segundo José Ferreira da Silva¹⁹ os poloneses já não estavam mais em Brusque. As 32 famílias (164 pessoas) partiram da Colônia até o porto de Itajaí e de lá rumaram para Curitiba.

Os carroções que transportaram os poloneses de Antonina até Curitiba, deixaram os imigrantes à porta do Colégio de Saporski, alegando que o seu compromisso era levar os colonos até ali. Nem um metro adiante. Saporski conseguiu alojá-los em casas particulares. Mas os colonos vinham sem vintém, desprovidos de tudo. Como mantê-los a subsistência? O governo da Província tirava o corpo fora e ia retardando de dia para dia, a localização dos pobres poloneses

¹⁸ O assentamento destes transmigrados, hoje sabemos, foi outro sofrimento talvez até maior que a saga enfrentada em Brusque. Tem-se notícias de que em 1873 muitos ainda perambulavam pelas ruas de Curitiba sem as tais terras prometidas por Saporski e pelos administradores da província curitibana.

¹⁹ Registre-se o brilhante trabalho publicado em forma de artigos pela pesquisadora e professora Rosemari Glatz no Jornal O Município, de Brusque, onde inclusive algumas vezes reproduziu parcialmente os estudos de José Ferreira da Silva sobre os poloneses.

que não tinham outro recurso que se amontoar às portas do Colégio de Saporski ou vadiarem pelas ruas da capital. A Câmara Municipal da cidade tomou sua defesa e resolveu intervir.²⁰

Mais uma vez, apesar dos esforços de Saporski, os poloneses foram entregues à própria sorte e as promessas que receberam antes de sair de seu país viraram poeira e desesperança. Apesar das diplomáticas promessas do governo brasileiro, eles tiveram que se virar por conta própria. Ao longo do tempo, graças à insistência e à persistência de Saporski, criou-se nos arredores de Curitiba a colônia Pilarzinho, comprovadamente, a segunda do Brasil, considerando a de Brusque como precursora, apesar de não ter vingado.²¹

1871 a 1889 – Novas famílias de poloneses em Brusque

Extinta em termos de administração, a Colônia Príncipe Dom Pedro,²² todo o território desta pertencia à grande Brusque, cuja etnia majoritária era a alemã. Esta etnia praticamente dominou sozinha todo o território até os idos de 1875 quando chegaram e ficaram em definitivo os italianos. Mas neste íterim, misturados aos alemães, continuaram a chegar imigrantes poloneses, em sua maioria com passaporte e “nacionalidade” alemã. Prova incontestante disso é a presença a partir de 1870 das famílias Imianowski ou Immianovsky (entraram como alemães possivelmente transmigrados de uma colônia polonesa do Espírito Santo), Podiatsky (com passaporte alemão) e Lepeck (com passaporte russo).

Por toda a década de 1870 e 1880 tem-se registros de poloneses na região. Além dos já citados encontramos também as famílias Cowalski

²⁰ GLATZ, Rosemari, Poloneses em Brusque: fragmentos de uma saga - Reprodução parcial do texto de José Ferreira da Silva, Blumenau em Cadernos, Tomo XXXIX, 1998. Jornal O Município, Brusque/SC, 5.3.2017.

²¹ Em 1873, mais 258 poloneses desembarcaram em Santa Catarina e novamente com a ajuda de Saporski e a autorização de Frederico José Cardoso de Araújo Abranches, então presidente da Província do Paraná, estabeleceram-se a 6 Km de Curitiba unindo-se aos seus compatriotas naquele estado.

²² Registre-se que há documentos citando a referida Colônia além de 1875.

(Kowalski?), Malolebwa, Karninski, Disiz, Kaminski, Treder, Ulla, Motko, Felski, Redelevski, entre outras.²³ Em 1876, por exemplo, um comunicado do próprio governo de Santa Catarina registra que há em Brusque 16 colonos poloneses. Estes, passando dificuldades para sustentar suas famílias, pediam serviços de jornaleiro²⁴ à direção da colônia. Quem seriam eles, além dos citados acima? Essa informação ainda não temos, mas esgravatando as centenas de documentos da colônia certamente ainda os encontraremos.

Porém, há que se ressaltar que esta foi uma época considerada de baixa migração polaca para Brusque. Dados do governo brasileiro dão conta que até o ano de 1889, chegaram no Brasil 8.080 imigrantes poloneses, dos quais 6.530 se fixaram no Paraná, 750 em Santa Catarina, 300 no Rio Grande do Sul, e 500 em outros estados. Considerando os imigrantes da primeira e segunda levadas de Brusque, 164 pessoas, o estado como um todo teria recebido além deles mais 586 imigrantes. As chances de alguns destes virem parar em Brusque são realmente grandes, por isso não é à toa que as famílias acima aparecem nos registros paroquiais e da Colônia. A diferença é que não faziam parte de nenhum grupo organizado.

1890 a 1900 – Febre imigratória brasileira

É a partir da década de 1880 que começam a aparecer com mais frequência nos registros coloniais sobrenomes de famílias de origem polonesa. Especialmente no final da década de 1880 e início da década seguinte chegaram organizadamente dezenas delas, provenientes de diversas regiões da Polônia.

Há historicamente uma explicação mais ampla para este novo surto imigratório. A partir de 1890 a Polônia vivia um fenômeno que ficou conhecido como a “febre imigratória brasileira”. Uma maciça propaganda vendia o Brasil como a terra das oportunidades onde o imigrante poderia conquistar dois sonhos muito especiais para aquele momento

²³ GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. *Imigração Polonesa em Brusque: Um recorte Histórico*. Edição da Autora. Florianópolis, 1984.

²⁴ Eram o equivalente aos funcionários (peões) de obras de hoje especialmente empregados na abertura de estradas e na feitura e manutenção de pontilhões na Colônia.

histórico que vivia: Terra e Liberdade.

A pesquisadora Rosemari Glatz avalia os motivos que levaram a esta “febre”:

Por aquele tempo, caiu o preço dos cereais, agricultores se endividaram e muitos venderam as suas terras. O agravamento dos problemas sociais e econômicos na região, combinado com a propaganda de imigração do governo brasileiro, disseminada principalmente pelas agências de navegação que descrevia o país como uma terra de oportunidades, impulsionou a imigração maciça de poloneses para o Brasil. Brusque também recebeu colonizadores poloneses que se dedicavam à agricultura, mas recebeu um tipo especial de imigrantes: os profissionais da indústria têxtil.

A maioria desses imigrantes vinha de importantes centros têxteis da Polônia, como Lodz, e foram eles os responsáveis pela pioneira atividade da indústria têxtil em Brusque no final do século XIX. Eles tinham formação técnica, conheciam bem o ofício têxtil, e contribuíram, de forma decisiva, para que Brusque recebesse, anos mais tarde, o título de “Berço da Fiação Catarinense”. Desta vez, os imigrantes poloneses vieram para ficar e para mudar a história.²⁵

Baseado nos livros de “Registros Coloniais”, Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart registrou que entre outubro de 1890 e fevereiro de 1893 já estavam na região as famílias chefiadas por Adolfo Dereschfisch, Casimiro Borkewicz, Otto Gimbitzki, Alfredo Prigrowski. Guilherme Marchewsky, Miechal Walendowsky, Stanislay Gerski, Antonio Rogoski, André Schafreinski, Antônio Plowaczki, Carlos Lipowski, Francisco Mankowski, Francisco Schafreinski, Julio Wosniak, José Blakowski, Martin Twardowski, Nicolau Witkowsky, Pedro Simianowski, Stanislaw Rosiczki, Theophilo Thelimkowski, Vicente Drzewinski, Woiczek Przibilski, Antônio Pesczinski, André Falkowski, Alvin Nasgewitz, Clemente Soboleski, José Narolski, João Maruszewski, Miguel Zabelski, Stanislaw Kotowski, Stanislaw Sabelski, Stanislaw Dolinski, Wadislau Kotowski; Francisco Scwski, Thomaz Ozeimowski, Francisco Falkowski, Franz Jagesfski, José Przinski, João Kreibisch e Alfredo Grigeroski.

²⁵ GLATZ, Rosemari. Os 60 e o 160 – Elementos da nossa história. Editora Unifebe. Brusque/SC. Pags 90 e 91.

Ainda de acordo com os apontamentos de Goulart, baseado no “Livro de Comissão de Medidas de Lotes, descriminando terras e colocação de imigrantes”, na região de Brusque, datado de 23 de agosto de 1890, encontra-se também os nomes de Agostinho Polaschi, Frederico Klappoth, Francisco Telski, Frederico Morizki, Franz Siedlarczyk, Ignácio Podiacki, Stanislau Glowacki, Simão Ligoczki, Vicente Javinski, Vadislav Sydlarczyk, Broneslaw Barenski, Bruno Sicheski, Francisco Stonsky, Cencino Telski, João Kowalski e ainda uma mulher, chefe de família, nominada como “viúva de Augusto Telski”.²⁶ Registre-se também a presença da família Haacke em Brusque em 1896.

É importante frisar que salvo os primeiros grupos de imigrantes poloneses chegados especificamente a Brusque, a maioria das famílias é proveniente da “grande Brusque” ou de quando “Brusque era maior”, usando os termos de Saulo Adami e Tina Rosa. Constatamos que a maioria dos imigrantes foi assentada no que hoje são os municípios de Vidal Ramos, Presidente Nereu, Guabiruba, Botuverá Gaspar, Nova Trento, São João Batista, Major Gercino, Canelinha e Tijucas. Não é à toa que grande parte das famílias presentes hoje em Brusque são provenientes das colônias polonesas do Vale do Rio Tijucas, em especial de Boiteuxburgo, Pinheiral, Valsugana e Nova Galícia.

A pesquisadora Maria Terezinha Sobierajski Barreto fez um excelente trabalho de coleta de dados das listas de imigrantes poloneses que foram assentados nas colônias do Vale do Rio Tijucas, especialmente nos arquivos paroquiais de Nova Trento e Boitexburgo.²⁷ Segundo ela, no período de 1890 a 1895, foram encontrados registros dos seguintes descendentes de poloneses chegados ao Brasil: Estanislau Abramowick casado com Miguelina Mulkenka (teria chegado ao país com 1 filho); Michat Berka casado com Julia Grabaz (com 4 filhas); Estanislau Crucinski casado com Theodora Galembó (1 filho e 1 filha); Jacinto Detz casado com Carolina Maykot (sem filhos); Samuel Domko, casado com Catharina Stuginska (1 filho); Martinho Galinsky casado com Francisca Kamenska (sem filhos); João Gazdricki casado com Rosalia

²⁶ GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. *Imigração Polonesa em Brusque: Um recorte Histórico*. Edição da Autora. Florianópolis, 1984.

²⁷ BARRETO, Maria Terezinha Sobierajski. *Poloneses em Santa Catarina: a colonização do Alto Vale do Rio Tijucas*. Editora UFSC/Lunardelli, Florianópolis, 1983.

Załenski (sem filhos); Theodoro Grabowski casado com Catharina (sem filhos), Francisco Jatcak casado com Victória Marceoskoska (1 filho e 2 filhas), Theofilo Jaraceski casado com Stanislava Lesniewska (sem filhos), Miguel Kupcic casado com Michaela Orzeowska (sem filhos), Simeão Kugik casado com Josefa Jovencieska (1 filho e 2 filhas), José Licenwsky casado com Catharina Bibisca (sem filhos), José Mavetski casado com Francisca Kantzwicki (2 filhos), João Mikalski casado com Jayncka Holesvienska (sem filhos), Paulo Maykot casado com Maria Chiliga (2 filhos e 1 filha), Pedro Novitz casado com Estefania Dobruosky (sem filhos), Ignácio Nowac casado com Maria (sem filhos), Valente Nisk casado com Ana Katzkowiska (2 filhos), Paulo Petkowicz casado com Mariana Juskoviak (sem filhos), Ricardo Ressler casado com Dorotea Ugnieska (2 filhos), Francisco Rosinski casado com Mariana Andrejoczck (2 filhos), José Rosinski casado com Mariana Vashuba (sem filhos), Basilio casado com Anastacia Katerta (1 filha), Nicolay Rubik casado com Catharina Wezozki (1 filho e 1 filha), Stanislau Spoganicz casado com Apolonia Ligocky (sem filhos), Miguel Stolarcik casado com Anna Michalizin (1 filho), Basilio Sumek casado com Anna Kokiev (1 filho e 1 filha), João Willamoski casado com Maria (sem filhos), João Willamoski casado com Ludvica Cosceski (sem filhos), Thomas Wogecowski casado com Catharina Skunicezny (2 filhos), Francisco Wanard casado com Antonia Bochinski (1 filho e 1 filha), Stanislao Wisniewski casado com Maria Marcevska (sem filhos), Jacob Woitena casado com Maria (3 filhos e 1 filha), Basilio Wisozski casado com Eva Mesenk (sem filhos), Francisco Zawodnic casado com Ignez Wichnewska (1 filha), Valentim Zielinski casado com Maria Dukat (sem filhos), Antonio Mickinos casado com Sofia Jaccoboski (1 filha), Lucas Wiesnieski casado com Eva Narozoneik (sem filhos) e Valente Wisnhesky casado com Josenha Davoresco (sem filhos).

Além destes imigrantes e seus filhos trazidos da Polônia, Barreto ainda cita uma lista de outros casais poloneses que batizaram seus filhos nas paróquias de Nova Trento e Boitexburgo no período entre 1890 e 1895 mas que pelos dados encontrados não teria conseguido definir qual ano chegaram e se trouxeram ou não filhos pequenos do país de origem. São os seguintes: Júlio Aismann casado com Ana Kusnovitz;

Miguel Borovecki casado com Francisca, José Charetski casado com Ana Maria Studinski, João Chiviski casado com Catharina, Luiz Crovski casado com Antonia Orłowska, Machias Bobiella casado com Ana Maria Cowalska, Francisco Farsak casado com Vitoria Moleska, Theofilo Franciski casado com Estanislava Sermieska, Thomé Gal casado com Marina Piovarcik, José casado com Ana Maria Josenha, João Jusviak casado com Brunislava, Augusto Hoinatski casado com Emilia Becker, Estevão Lavoiski casado com Leocádia Sovazski, Valente Lichek casado com Ana, Theophilo Lukojski casado com Maria, André Kalinovtzy casado com Maria Clinchak, Augusto Kaminski casado com Mariana, Josaphat Karn casado com Josepha, João Coneski casado com Dalbina Podiaski, Wadislau Koinaski casado com Cecília, João Malenski casado com Anna Ainiska, Antônio Matovecki casado com Antonia Dandevick, Joseph Matuskok casado com Catharina, Valente Matucka casado com Agniska, João Piovesky casado com Sophia lanecek, Lucas Picinesky casado com Heva Narosonky, Francisco Podiasky casado com Maria, Thomas Poicitovesky casado com Helena Dez, Francisco Povinicki casado com Mariana Angeilck, José Pjsconwksy casado com Josepha, André Robacka (ou Proback) casado com Francisca, Miguel Soberenski casado com Maria Nascibereska, Estanislau Sozek casado com Bronizoava, Josaphat Storn casado com Mariana Coinaska e Estanislau Wismieski casado com Estanislava.

Como se pode notar pelos sobrenomes, grande parte destas famílias hoje formam a base da comunidade polonesa brusquense, notadamente os Walendowsky, Witkowsky, Imianovsky, Civinski, Graczcki, Petrusky, Iunceck, Dubiella, Badura, Podiatski, Slomsky, Hartke, Marchewsky, Nasguezvitz, Rosinski, Michalski, Rubik, Wilamoski, Zielinski, Wiesnieski, Jaraceski, Szpoganicz, Woitena, Krischinski, entre tantos outros que em 2009 catalogamos na obra “Brusque Polonesa” (S&T Editores).

De fato, os dados estatísticos dão uma ideia do tamanho da febre por terras brasileiras por parte dos poloneses. Somando-se os imigrantes chegados nas duas décadas anteriores, de 1870 e 1880, tem-se o número aproximado de 8.500 imigrantes em todo o País. Em apenas um ano, 1890, aportaram no Brasil aproximadamente 30.000 poloneses. Destes, uma pequena parcela veio a Santa Catarina, estado com o me-

nor número de imigrantes desta etnia na região Sul. Mesmo assim, na “grande Brusque” o impacto desta imigração foi gigantesco.

1900 até os dias atuais

Para finalizar esta longa, mas importante lista de famílias polonesas presentes em Brusque e na “grande Brusque”, registramos mais algumas delas hoje radicadas no município, bem como em Guabiruba e Botuverá, além das já citadas. Alertamos que sobre a maioria destas famílias abaixo, temos pouquíssimas informações, sendo possível que algumas tenham chegado durante a “febre imigratória” e outras no pós 1900 e em especial no período entre primeira e segunda Guerras.

Com numerosa descendência temos os Abramovitz, Arendartchuk, Darosceski, Baranoski, Bonikoski, Buttchevitz, Cugik, Cernucky, Daobroscki, Daroceski, Goginski, Giembra, Bilek, Haacke, Lenartovicz, Lewandowski, Iatzac, Formanquevsky, Koschinik, Kapuscinski, Kubiak, Kuneski, Kusvkowski, Letzov, Lischeski, Maleski, Menisck, Maleski, Murcesski, Novak, Osouski, Pommucinski, Potratz, Przysieszny, Quesinski, Rataiczuk, Rublesc, Staroski, Stadinik, Tarnakolski, Tomczak, Woicikoski, Wosniak, Schavarski, Scafaschek e os Wanat.

Com menor numero de membros temos ainda os Malek, Varaceski, Szvaiczuck, Tithurski, Wielenski, Wochiniski, Andrzejewski, Milsik, Bogowicz, Bartinik, Bieliski, Budtiqitz, Buttchevitz, Butzch, Conink, Czelen, Oleskovicz, Przysieszny, Vellwock, Drosdoski Dzzindzik, Felisky, Flizikowski, Graciki, Fockink, Karnikoski, Kingeski, Korchak, Koschamik, Koschimik, Koschini, Kruxink, Kuskowski, Jaraciski, Jatzak, Jeworowski, Jucik, Majewski, Latichuky, Mikiewicz, Modsceski, Kinselski, Moraski, Novkovic, Oleskovicz, Openkowski, Poczkoski, Piotroviki, Pomniecimsqi, Mikowski, Ponikieski, Rudnik, Romaski, Ratuchniak, Ruvinsky, Sayczuk, Schilenski, Schipitoski, Sdarosky, Sefovitz, Siguski, Smialowski, Stefainski, Szkolny, Tarnowski, Wyrepkowski, Ziembicki, Zmijewski, Dobecz, Drosdoski, entre outras que não tivemos contato ou que migraram nos últimos dez anos para Brusque.

Ao todo, segundo levantamento que realizamos no ano de 2009, Brusque possui cerca de 1.300 famílias com descendência polonesa.

Estas representam entre 5 e 8% da população atual do município e em sua maioria são de famílias vindas diretamente da Polônia, na atualidade em sua 5ª geração. Cerca de 30% destas famílias são originárias das Colônias polonesas do Vale do Rio Tijucas, especialmente das localidades de Pinheiral e Nova Galícia, de onde migraram os Civinski, os Graczeki, entre outros. Nos últimos 20 anos também tem chegado a Brusque diversas famílias desta etnia provindas do Paraná e do Rio Grande do Sul, como os Kogikowski, Karnikowski, Daobroski, Lipinski, Malek, entre outros.²⁸

Em termos de Brasil, os primeiros anos após a II Guerra Mundial, segundo dados das associações que representam a etnia no país, vieram de 10 a 20 mil poloneses. Já não eram mais apenas agricultores. Se antes eram 80% agricultores e apenas 20% comerciantes, profissionais liberais, etc, agora a pirâmide se inverte. Esta nova onda imigratória se estabeleceu nas cidades, e somente um percentual insignificante foi para a agricultura.

Graças a essa imigração, aumentou entre os poloneses estabelecidos no Brasil a porcentagem de pessoas instruídas, possuidoras de qualificações profissionais mais elevadas. Essa imigração transformou-se no motor principal da atividade das organizações já existentes e contribuiu para a reativação de algumas sociedades já em decadência. Na prática, juntamente com essa onda imigratória encerrou-se o processo da afluência de poloneses ao Brasil. (...) Após a eleição do cardeal polonês Carlos Wojtyła para pontífice da Igreja católica, observa-se um despertar do espírito polonês entre os descendentes dos imigrantes, surge a busca das raízes da própria origem, a apreciação da cultura, das tradições, dos costumes do país dos antepassados. Na vida organizacional surgiu a tendência da criação de federações. Em 1989 surgiu em Curitiba a “Polbras”, e em 1990 a “Braspol”. Em 1996 foi criado em Curitiba um Centro de Cultura Polônica. A colônia brasileira está representada na União das Associações e Organizações Polônicas da América Latina (USOPAL, fundada em 1993) e foi a organizadora de Congressos da Comunidade Polônica Latino-Americana em Curitiba (1996 e 2000).²⁹

²⁸ DEUCHER, Celso. Brusque Polonesa. S&T Editores, Brusque, 2009. Pg 16.

²⁹ MALCZEWSKI, Zdzisław. Os poloneses e seus descendentes no Brasil: Esboço histórico e situação atual da colônia no Brasil. Disponível em <http://www.polonicus.com.br/site/historia.php> > Acessado em 18.11.2018

Em termos de imigração de grupos organizados, desde a década de 1910, Brusque não as recebe mais. Os imigrantes poloneses chegados à região nos últimos 100 anos são fruto de decisões pessoais de cidadãos e famílias, fato considerado normal, dentro do panorama geoeconômico e político mundial. Um exemplo claro desta afirmação é o caso da família Badura de Brusque.

Já a migração, considerando os descendentes de poloneses brasileiros, esta sim, se acentuou nos últimos anos, até porque houve um crescimento considerável no número de membros das famílias de origem e a repartição dos lotes coloniais não supria mais a necessidade de subsistência no interior de muitas delas. Com isso, registra-se um êxodo rural de proporções gigantescas, especialmente nos últimos 50 anos. Fruto desta nova realidade, os descendentes têm buscado alternativas de melhor qualidade de vida nos grandes centros e nas cidades de médio porte, como Brusque, Blumenau, entre outras.

Brusque, Berço da Imigração Polonesa no Brasil

Graças a um trabalho sério e embasado em documentos da época, apresentamos juntamente com a Fundação José Walendowsky (na época ainda em fase de fundação), aos vereadores de Brusque a proposição para transformar o 25 de agosto em data máxima da imigração polonesa no município. Da mesma forma lutamos, através das organizações que representam esta etnia no Brasil, para que reconheçam Brusque como “Berço da Imigração Polonesa na América Portuguesa”.

Em Brusque, conseguimos sensibilizar a Câmara Municipal e esta importante data veio a se transformar, por força de lei, no ano de 2009 (sancionada no dia 24 de setembro de 2009) no Dia Municipal do Imigrante Polonês e a partir daquele ano, vem sendo comemorada por todos os descendentes de Brusque.

Em termos de Santa Catarina e América Portuguesa, a Fundação José Walendowsky vem reunindo documentação e preparando-se para em 2019, levar aos parlamentos estadual e nacional esta proposição que faria justiça histórica e chancelaria, definitivamente, o pioneirismo

brusquense também na questão da imigração polonesa.

Criação da Fundação José Walendowsky³⁰

A Fundação José Walendowsky foi criada em 10 de julho de 2013 a partir de uma ideia que surgiu em uma conversa de família, entre o empresário Ivan José Walendowsky, sua esposa Célia e os filhos, Ivan José, Luis Antônio e João Paulo. Além da ideia original de Ivan, são também instituidores da Fundação, Valdir Rubens Walendowsky, Nazareno Dalsasso Angulski e Sérgio Jachowicz.

Durante anos, Ivan alimentou o sonho de dividir com a comunidade brusquense a rica cultura de seus antepassados. O árduo trabalho, o empreendedorismo e a força de vontade em vencer ficaram mais que evidentes desde que os primeiros imigrantes poloneses aqui chegaram.

Empresário bem-sucedido na área de combustíveis, Ivan José e seus filhos, juntamente com outras famílias de descendentes criaram então a Fundação com o intuito não só de reverenciar a memória destes antepassados, mas criar oportunidade para que esta cultura seja uma presença constante no cotidiano dos brusquenses de hoje e principalmente das futuras gerações.

Criada a Fundação, era também preciso nominá-la. De forma consensual, a entidade foi batizada com o nome de “José Walendowsky”, pai de Ivan. José Walendowsky teve participação importante em diversas atividades de vários setores da sociedade brusquense.

Durante a realização do Baile em Homenagem ao Trabalhador no dia 1º de maio de 1933, José Walendowsky, Rodolfo Orthmann e Manoel dos Santos tiveram a ideia de constituir a “Liga Operária Brusquense”, fato este imediatamente acatado e absorvido pelos trabalhadores presentes ao baile. No dia seguinte, foi realizada no Centro da cidade uma passeata cujo objetivo era declarar oficialmente a criação do “Sindicato dos Operários de Brusque”. Em 15 de setembro de 1933, este sindicato foi reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Mais tarde esta entidade se transformou no SINTRAFITE – O Sindicato dos Trabalhadores na Fiação e Tecelagem Brusque.

Foi funcionário público onde exerceu os cargos de “Inspetor de Veí-

³⁰ Fonte: <http://historiadebrusque.blogspot.com/2014/08/> > Acessado em 19.11.2018.



*José Walendowsky teve participação importante em diversas atividades de vários setores da sociedade brusquense.
Acervo: Família Ivan Walendowsky*

culos” e “Agente Florestal”, na gestão do Prefeito Germano Schaefer. Sempre à frente de seu tempo, José Walendowsky foi também o segundo radioamador de Brusque. O primeiro foi Egon Krieger.

Em busca de novos horizontes e novas oportunidades, com o irmão Félix, José Walendowsky foi o primeiro cidadão brusquense a chegar em 22 de maio de 1941 com um automóvel em Vidal Ramos, na época, distrito de Brusque.

Como desportista em 1935, José Walendowsky obteve o título de “Rei do Alvo”, no Clube de Caça e Tiro Araújo Brusque, um dos mais

antigos no gênero da América Latina.

Ao deixar o serviço público municipal, em 1943, José Walendowsky e família foram residir em Ribeirão Grande, município de Vidal Ramos, onde se dedicou ao cultivo da lavoura e à exploração de madeira.

Retornou a Brusque em 1949, dedicando-se então ao ramo de transporte, tendo exercido a função de gerente do “Expresso Rio Grande/São Paulo, cuja matriz era sediada em Porto Alegre.

Em 1956, juntamente com o amigo Carlos Venturelli, fundou a empresa “Transportes Brusque Ltda”. Em 1958, adquiriu um caminhão FNM, aventurando-se pelas estradas do País até o ano de 1972. Aposentou-se em 17 de janeiro de 1973, aos 63 anos.

A história relata José Walendowsky como um homem corajoso e batalhador, cujo trabalho e dedicação à sua Brusque foram essenciais para o desenvolvimento da comunidade.

João Paulo Walendowsky destaca que a Fundação foi criada não só com o objetivo de cultivar a memória dos antepassados das famílias polonesas que aqui aportaram no século passado. A entidade está com os seus olhos voltados para todas as atividades culturais desenvolvidas no município, focada no incentivo, no desenvolvimento e na promoção de eventos de engrandecimento da cultura polaca.

A Fundação, conforme seus idealizadores, ainda tem por objetivo proporcionar a oportunidade de que todas as pessoas, independente da origem, possam se unir com o intuito de promover qualquer que seja a atividade cultural.

Com o sonho enfim realizado, a Fundação José Walendowsky, entidade de direito privado, sem fins lucrativos, está investindo em cultura na formação dos futuros cidadãos, pois entende que o conhecimento é a maior herança que se pode deixar para os seus sucessores.

O tradicional Evento Cultural Polonês

Para comemorar o 25 de agosto, anualmente, através da Fundação José Walendowsky, é promovida uma festa que tradicionalmente é conhecida como “Evento Cultural Polonês”. Iniciada na década de 1990, capitaneada principalmente pela família Walendowsky e mais tarde por diversas outras como os Marchewsky, os Civinski, os Witkowski,



Todos os eventos poloneses têm início com uma missa, geralmente bilíngue - polonês e português. Foto: André Wisnheski

os Imianowski, os Jachowicz, entre outras, a comemoração chega ao ano 2019 com força total.

Religião - Neste evento, além da comemoração da data, os organizadores procuram reviver a cultura de seus antepassados nos seus mais diversos aspectos, como a música, o folclore, a gastronomia e em especial a religião. Por isso, todos os eventos iniciam com uma missa rezada nas duas línguas, o polonês e o português. Somente após este ato é que os festejos se iniciam. Registre-se também que uma das mais famosas festas populares de Brusque é a de Nossa Senhora de Czestochowska no bairro Santa Luzia.³¹ Aliás a data de comemoração da “rainha da Polônia”, é coincidentemente um dia depois da chegada dos poloneses em Brusque, 26 de agosto.

Gastronomia - O segundo ato, e um dos mais apreciados no evento, está ligado à Culinária Polonesa. Apenas para conhecimento, vale frisar que o sistema culinário dos poloneses de Brusque manteve muitas das tradições trazidas do país de origem, seja no tipo de alimento preparado, seja na maneira e ocasião de consumi-los. Citamos apenas

³¹ Neste bairro está localizado o “Morro dos Polacos” que a partir das décadas de 1890/1900 acolheu grande parte das famílias de origem polonesa. Até os dias atuais muitas delas continuam residindo no bairro, caso típico dos Lepeck.

alguns exemplos que encontramos sendo preparados e consumidos em Brusque em 2018.³² Um deles é o costume de passar no pão o muss, um tipo de geleia de frutas preparada com o açúcar mascavo ou melado de cana. Na área de doces e guloseimas, a cuca polaca é uma das mais consumidas.³³ Bastante conhecido também é o biscoito, recortado com forminhas em forma de estrela, galo, cavalo, boneca, árvore de natal, etc. Também ainda muito usado, especialmente no interior, a pintura com cores vibrantes de ovos, que ao fim, são recheados com amendoim ou outros pequenos doces.

Em termos de pratos mais voltados para os salgados e sobremesas em Brusque se consome ainda muito o Bigos³⁴ e o Pierogi.³⁵ Se mantém ainda viva no município a fabricação caseira da kiska, um tipo de linguiça recheada com a pele do porco e o seu sangue.³⁶ Também muito consumido na cidade o chenica³⁷ e a charnica³⁸ (Czarnina em polonês). Todos estes pratos são servidos durante os eventos da cultura polonesa em Brusque. Muitos inclusive com variantes ao gosto local, como por exemplo a Kiska com pão caseiro, contendo inhame, cará, pouco trigo

³² Em alguns casos a culinária polonesa na região de Brusque recebeu forte influência alemã e não raro as pessoas confundem certas iguarias tipicamente polacas.

³³ Esta cuca é um misto de bolo e pão coberto com uma farofa de trigo e manteiga. É um dos pratos que muita gente confunde como sendo de origem alemã. Porém, a cuca alemã possui outras características.

³⁴ O Bigos é considerado o prato nacional da Polônia, cuja base é um dos vegetais mais tradicionais, o repolho. Nesse refogado, além do repolho vão tomate, cogumelos e louro, além de misturas envolvendo carnes que cada família adiciona a seu gosto. Geralmente, consome-se Bigos durante as festas de fim de ano.

³⁵ Este é o prato mais popular em Brusque. Trata-se de uma espécie de pastel cozido, cujo recheio mais popular na cozinha polonesa é de purê de batatas com requeijão (ricota) ou, noutra versão também popular, massa cozida, com recheio de requeijão e batata, acompanhado de molho de linguiça, nata e bolas de requeijão. No caso brusquense, muitos descendentes o consomem como sobremesa e em alguns casos com recheio de frutas frescas.

³⁶ Esta tradição arrefeceu nos últimos anos devido principalmente às exigências dos órgãos de vigilância sanitária, que têm combatido com veemência o abate de suínos nas residências. A Kiska, por mais que existam formas de reproduzi-la em nível industrial, como a linguiça comum, ainda se mantém no campo das iguarias de confecção caseira, sendo muito difícil encontrá-la nos supermercados.

³⁷ Pernil de porco assado, especialmente consumido por ocasião do Natal.

³⁸ Sopa muito popular na Polônia feita com a carne e especialmente sangue de pato. Em Brusque usa-se o cozimento total do pato, depois de limpo e após algum tempo de fervura se adiciona uma série de condimentos a gosto da família que vai consumi-lo.

e muita farinha de milho, bem a moda da *Babcia* (vovó).

Música – O que não falta nos eventos da cultura polonesa brusquense é a boa música polaca. Misturando valsas, ritmos do folclore nórdico e muitas variações de polca-mazurca, dança em $\frac{3}{4}$ musicalmente semelhante à mazurca, os bailes desta etnia a partir da primeira hora e do efeito das fortíssimas e largamente degustadas “vodkas” servidas no evento, transforma-se numa verdadeira apoteose de animação. Pelo evento polonês brusquense já passaram grandes nomes da música étnica e a partir da sua oitava edição passou a contar com a presença de conjuntos musicais vindos diretamente da Polônia, como o Tratachov, o Krak Trio, entre outros.

Folclore – Uma das manifestações que mais encantam os participantes desta festa são as apresentações de dança folclórica polonesa. Os maiores e mais badalados grupos folclóricos do País já se apresentaram na festa e a cada nova edição é sempre um dos momentos mais esperados. “Criada pela nobreza para a celebração da coroação do rei Henrique Walezey no século XVI, a dança polonesa transpõe os domínios reais e se alastra pelos palácios da aristocracia, propagando-se também, pelas aldeias camponesas. Ainda hoje é dança obrigatória, quadro necessariamente incluído em todas as festividades de caráter solene na Polônia e fora dela”.³⁹ Apenas para conhecimento geral citamos algumas destas danças mais populares e que em Brusque já foram executadas com grande aplauso do público polonês: Polka Husia-Husia, Poleczka, Kołomajki, Krakowiaczek, Krakowiak, Mazur, Wielkopolska, Góral, Rzeszów, Kujawiak, Oberek, Zabawa, entre tantas outras.

Idioma – Infelizmente o idioma polonês trazido pelos antepassados a Brusque praticamente não existe mais. Pouquíssimas pessoas ainda mantêm a língua. Fato interessante é que poucos conseguem estabelecer diálogo em polonês, mas muitos ainda rezam as principais orações católicas, como o “Pai Nosso”, a “Ave Maria” e o “Santo Anjo”. Mas um fato animador tem surgido nas festas polonesas de Brusque. Cada vez mais os poloneses do município e da região que ainda falam a língua têm se encontrado no evento e nas últimas três edições, registramos

³⁹ Para se aprofundar sobre as danças recomendamos o site de um dos grupos mais importantes de dança da cultura polonesa do Brasil, o Karolinka, que já se apresentou em Brusque. Acesse: <http://www.grupokarolinka.org/historico-das-dancas-polonesas/>



Grupo Karolinka, um dos mais festejados do folclore polonês em apresentação no Clube Esportivo Paysandú. Foto: André Wisnheski

dezenas de pessoas se comunicando na língua de origem. Isso tem encorajado inclusive as novas gerações a aprender a língua. “Trata-se de um renascimento que leva tempo, mas que temos que incentivar, como faço com minhas filhas e sobrinhas e como muita gente tem feito com seus filhos, netos e bisnetos”, assinala João Paulo Walendowsky, presidente da Fundação José Walendowsky, promotora da festa.

De acordo com Ivan Walendowsky, criador e um dos coordenadores do “Evento Cultural Polonês”, no início da década de 1990, a festa tem como principal objetivo “resgatar as tradições, congregar as famílias de origem e comemorar a data oficial da chegada dos primeiros imigrantes poloneses a Brusque e ao Brasil”. Membro de uma das mais numerosas famílias de origem polonesa do município, Ivan afirma que o evento vem crescendo a cada ano e que a meta é agregar mais e mais famílias, inclusive da região e do estado. “Trata-se de uma promoção espontânea dos descendentes poloneses, que acreditam que é importante que nosso grupo étnico mantenha vivas as tradições dos antepassados. Por isso anualmente convidamos todas as famílias polonesas para estarem lá conosco em confraternização por esta importante data para nosso município e para o Brasil, afinal foi aqui que chegaram os primeiros

imigrantes poloneses”, assinala.

Apesar de uma parte dos traços culturais ter sido perdida ao longo do tempo, os descendentes de poloneses em Brusque são persistentes e apegados aos valores deixados pelos antepassados. Lutam bravamente para resgatar os usos, costumes e tradições daqueles que pioneiramente chegaram a Brusque e depois espalharam-se pelo país. Têm a consciência viva de que são a terceira maior e mais importante etnia formadora do município de Brusque e uma das que mais contribui com o desenvolvimento da cidade como polo têxtil regional e nacional.

Reencontro com a família na Polônia

O reencontro de famílias polonesas de Brusque com seus antepassados na Polônia é questão de tempo. Um forte movimento de volta às origens tem levado a intercâmbios cada vez mais frequentes e a encontros de tirar o fôlego. Um caso específico é o da família Walendowsky que nos últimos anos foi diversas vezes para a Polônia e lá encontrou seus parentes.

Outro caso é o da família Wanat que também tem feito ao longo dos anos muitos contatos e reencontros e recebido inclusive parentes da Polônia em sua residência em Brusque e vice-versa. Hoje se tem notícia de centenas de descendentes em busca de dupla cidadania⁴⁰ e cada vez mais um desejo forte das novas gerações em promover incursões ao país de origem em busca de suas raízes.

Consulado presente em Brusque

Até o final da década de 1990 os poloneses de Brusque estavam praticamente abandonados pelos meios institucionais da Polônia presentes no Brasil, notadamente o Consulado. Isso tem mudado nos últimos tempos. A cada evento da etnia local ao menos uma representação está presente. Ultimamente, o próprio Cônsul e seu corpo diplomático têm estado em Brusque quase que rotineiramente apoiando os eventos de valorização da cultura.

⁴⁰ Informações sobre dupla cidadania polonesa na embaixada da Polônia em: <https://brasil.msz.gov.pl/pt/>



Cônsul Marek Makowski, Vice-cônsul Dorota Bogutyn e Vice-cônsul Dorota Ortyńska em solenidade na Casa de Brusque no mês de outubro de 2018. Foto: Celso Deucher

Um exemplo disto foi a deferência feita pelo Cônsul Geral da República da Polônia em Curitiba, Marek Makowski, que veio a Brusque em outubro de 2018 para prestigiar uma exposição e durante um jantar oferecido pela Fundação José Walendowsky, além de comunicar oficialmente que estaria voltando à Polônia, apresentou Dorota Anna Bogutyn como cônsul interina até a chegada de um novo titular que está a caminho. Isso foi entendido pelos descendentes como uma honraria. Marek também fez questão de agradecer pelo trabalho realizado em Brusque a favor da valorização da etnia. Enfatizou que as comemorações dos 150 anos têm como ponto de partida Brusque e o 25 de agosto como data pioneira da chegada dos poloneses ao Brasil. Desta forma, Marek Makowski apoiou com convicção a tese de transformar este dia num dia de comemoração brasileira, que é a grande reivindicação dos brusquenses.

Eventos comemoram os 150 anos de imigração polonesa

A partir de Brusque, uma série de eventos vem acontecendo desde o início deste ano de 2018 para comemorar os 150 anos da imigração polonesa no Brasil. A abertura das comemorações, patrocinada pela Fundação José Walendowsky e o Consulado Polonês, aconteceu com a exposição “Natureza Brasileira: Olhares e Inspirações” de 25 de maio a 8 de junho no Clube Esportivo Paysandú.

No dia 24 de agosto, um dia antes das comemorações dos 149 anos de imigração, a Unifebe, com a organização da Professora Rosemari Glatz, promoveu um seminário enfocando os 150 anos tendo grande participação de público. O evento contou com palestra da professora Mari Ines Piekas, de Curitiba.

Diversos outros eventos aconteceram até novembro de 2018, mas vale ressaltar ainda outro com grande participação dos imigrantes e do corpo diplomático polonês, que foi a exposição “Sebastião Edmundo Vos Saporski – Pai da Imigração Polonesa no Brasil” realizado no Museu Casa de Brusque com abertura no dia 19 de outubro.⁴¹

Homenagem ao criador do “Evento Cultural Polonês”

No mesmo dia da abertura da exposição de Vos Saporski, durante os pronunciamentos das autoridades presentes, o cônsul Marek Makowski surpreendeu a todos com uma homenagem inusitada e que mexeu com os brios da comunidade polonesa brusquense.

Depois de engrandecer o trabalho da Fundação José Walendowsky e dos abnegados membros da diretoria e das famílias descendentes, Makowski anunciou publicamente que o Ministério da Cultura e do Patrimônio Histórico da Polônia oficialmente homenageava Ivan Walendowsky, criador do Evento Cultural Polonês e presidente de honra da Fundação José Walendowsky com a Comenda do Mérito a Cultura, pelos relevantes serviços prestados à causa polônica no Brasil. “Você

⁴¹ A exposição ficou aberta até 26 de outubro de 2018.



Momento em que o cônsul Marek Makowski entregou a comenda do Mérito Cultural ao brusquense Ivan Walendowsky. Foto: Celso Deucher

é um ícone da cultura polonesa em Brusque, no estado e no Brasil, por isso nós que representamos os interesses da Polônia entre os descendentes no país, oficialmente em nome do Ministério da Cultura e do Patrimônio Histórico da Polônia queremos lhe entregar esta Comenda e lhe prestar esta justa e digna homenagem, pois sabemos que és merecedor dela”, disse o cônsul, ao entregar a honraria.

Após o evento, todos os presentes foram convidados a um jantar de degustação de comidas típicas polonesas na Associação Banco do Brasil. Não faltou Vodka, Pierogi, Kiska, Pato empanado, entre outras iguarias. A expectativa é de que em 25 de agosto de 2019, o “Evento Cultural Polônês” seja um dos maiores que a cidade e a região já tiveram. Afinal, são 150 anos para se comemorar.

Referências

ADAMI, Saulo, ROSA, Tina. **Brusque Era Maior – Viajantes do Tempo**. S&T Editores, Brusque, 2006.

BARRETO, Maria Terezinha Sobierajski. **Poloneses em Santa Catarina: a colonização do Alto Vale do Rio Tijucas**. Editora UFSC/Lunardelli, Florianópolis, 1983.

Blumenau em Cadernos, Tomo XXIX, maio de 1988, Nº 5.

DEUCHER, Celso. **Brusque Polonesa**. S&T Editores, Brusque, 2009.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **Etnias e Culturas no Brasil**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1980.

GLATZ, Rosemari. **Os 60 e o 160 – Elementos da nossa história**. Editora Unifebe. Brusque/SC. Pags 90 e 91.

GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. **Imigração Polonesa em Brusque: Um recorte Histórico**. Edição da Autora. Florianópolis, 1984.

GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. **Imigração Polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro – Uma contribuição ao Estudo da Imigração Polonesa no Brasil Meridional**. Fundação Casa Dr. Blumenau, Blumenau, 1984.

GROSSELLI, Renzo, M. **Vencer ou Morrer - Componeses Trentinos (Venêtos e Lombardos) nas florestas brasileiras**. Ed. UFSC, 1987.

LAUTH, Aloisius Carlos. **A Colônia Príncipe Dom Pedro: um caso de política imigratória no Brasil Império**. Brusque, MADJ, 1987.

WACHOWICZ, Romão. **Homens da Terra**. Editora Vicentina, 1997.

Site: <http://www.circulandoporcuritiba.com.br>

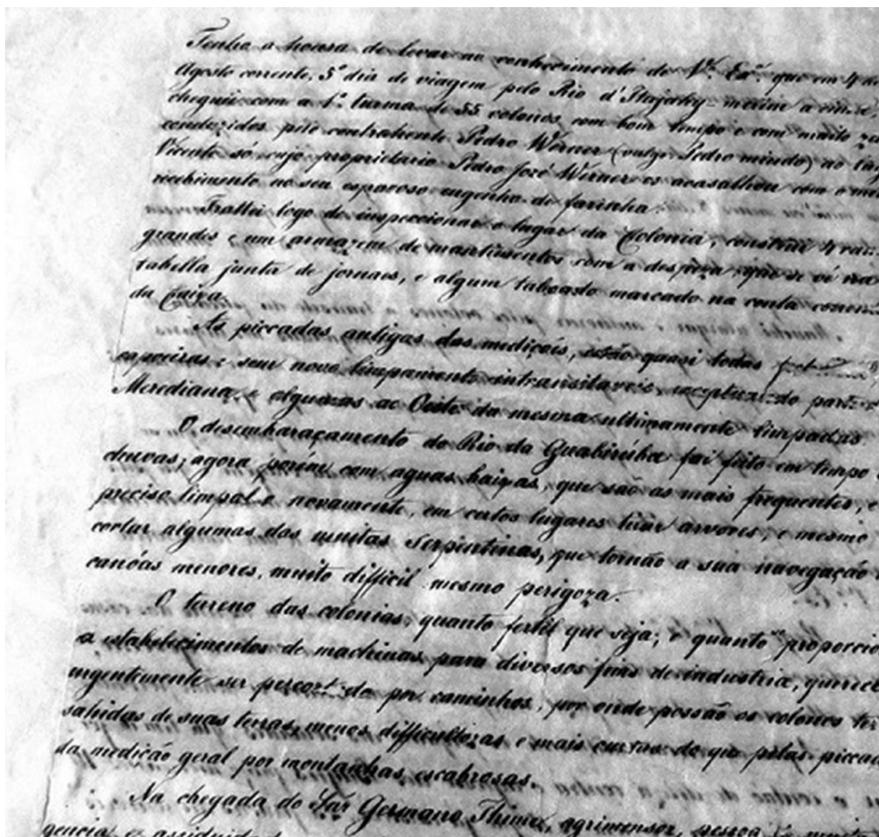
Site: <http://www.grupokarolinka.org>

Site: <http://www.historiadebrusque.com>.

Embaixada da Polônia no Brasil, Brasília/DF

Jornal O Município de Brusque

Arquivo Arquidicijosano de Florianópolis/SC



Documentos oficiais 1871

Organização Luciana Pasa Tomasi¹

Nº 59 Directoria das Colonias Principe Dom Pedro e Itajahy, em 14 de Julho de 1871.

Ilmo e Exmo. Snr.

Accuso recebido o officio de V^a Excia. datado de 26 do mez proximo passado, que accompanhou o aviso do Ministerio d' Agricultura, Comercio e Obras Publicas, para se organizarem de novo os orçamentos destas Colonias em Conformidade do parecer do Director Geral das Obras Publicas da Côrte; e para satisfazer esta ordem rogo á V. Excia.

¹ Bacharel em História pela FURB, Professora e Historiadora na Sociedade Amigos de Brusque.

se digne ordenar um Engenheiro vir nas Colonias e fazer os orçamentos com a minuciosidade technica, conforme é exigido.

Declaro a V^a. Excia. que no meu Relatorio de 19 de Dezembro do anno proximo passado e no officio de 14 de Janeiro do corrente anno, pedi á V^a. Excia. a nomeação de um Agrimensor scientifico e propuz o Engenheiro Emilio Odebrecht, actualmente residindo em Blumenuau, pessoa de reconhecida habilidade e probidade, que reúne todas as qualidades para cumprir conscienciosamente qualquer serviço do que será incumbido. Não fôrão attendidos os mesmos pedidos, que é uma necessidade absoluta para as Colonias, tambem em 18 de Maio, estando eu na Côrte, pedi á V^a. Excia. o Snr. Ministro d'Agricultura nomear aquelle Engenheiro, que é indispensavel, tanto para medições como orçamentos e plantas.

Deos Guarde á V. Excia.

Ilmo e Exmo Snr Dr. Joaquim Bandeira de Gouvêa

D. Presidente da Provincia de Santa Catharina.

João Detsi

Director

**Nº 60 Directoria das Colonias Principe Dom Pedro e Itajahy,
em 17 de Julho de 1871.**

Ilmo e Exmo. Snr.

Segue á Capital da Provincia o colono irlandez James Leece com doença incuravel nesta Colonia por falta de Medico, e peço á V. Excia. se digne mandar expedir as respectivas ordens para que elle seja recebido no Hospital.

Deos Guarde á V. Excia.

Ilmo e Exmo Snr Dr. Joaquim Bandeira de Gouvêa

D. Presidente da Provincia de Santa Catharina.

João Detsi

Director

Nº 61 Directoria das Colonias Principe Dom Pedro e Itajahy, em 18 de Julho de 1871.

Ilmo e Exmo. Snr.

Accuso recebido o officio de V. Excia datado de 10 do corrente, em que V. Excia communica ter mandado entregar ao Procurador de meu substituto a quantia de \$2:311\$501, tendo ficado a gratificação do ex-Medico na Thesouraria da Fazenda a quantia de ??400\$000, que era de Janeiro á Março, e como tem sido exonerado em 5 de Abril continuou a exigir seus vencimentos anteriores que se julgava com direito; o meu substituto entendeu de novo levar no seu orçamento a dita quantia até a final decisão do Governo si o ex-Medico devia ou não receber suas gratificações, e no cazo decidir se o pagamento d'elle, não lhe dar o dinheiro e sim os creditos que passou sobre a dita quantia á varios colonos pobres; rogo á V. Excia caso que se decida o pagamento do dito ex-Medico, seja ele pago por intermédio da Directoria, para acautelar os dinheiros que ele deve aos colonos.

Deos Guarde á V. Excia.

Ilmo e Exmo Snr Dr. Joaquim Bandeira de Gouvêa

D. Presidente da Provincia de Santa Catharina.

João Detsi

Director

Nº 63 Directoria das Colonias Principe Dom Pedro e Itajahy, em 25 de Julho de 1871.

Ilmo e Exmo. Snr.

Tenho a honra passar ás mãos de V^a Excia o orçamento para [incompreensível] as despesas das Colonias no corrente mez, até que se organize o orçamento regular para todas as obras das Colonias, e rogo á V. Excia mandar consignar na Thezouraria da Fazenda a quantia de \$1:784\$030, constante do referido orçamento.

Deos Guarde á V. Excia.

Ilmo e Exmo Snr Dr. Joaquim Bandeira de Gouvêa

D. Presidente da Provincia de Santa Catharina.

João Detsi

Director

Directoria das Colonias Principe Dom Pedro e Itajahy, em 26 de Julho de 1871.

Ilmo e Exmo. Snr.

Tenho a honra passar ás mãos de V. Excia o requerimento de Luiz Booz, Professor subvencionado numa Escola Colonial, no lugar denominado Guabiruba do Norte, no fim de março do corrente anno, procedendo nos [incompreensível] pagamentos de Empregados e tendo pagamento o refinido professor, e pedio me pagamento para a Escola da Guabiruba do Sul dizendo que era autorizado pelo professor Brand [incompreensível], respondi-lhe que eu pagaria ao Brand [incompreensível]. E não a elle, então declarou-me que elle Booz é que regia ambas as Escolas, e que porisso lhe pertencia a subvenção; achando eu irregular acumular duas escolas um professor, e de mais a mais figuras na lista dos Empregados um homem fantástico, mesmo interinamente um professor para a Escola de Guabiruba do Sul, e em 5 de Abril levei ao conhecimento de V. Excia. [incompreensível] nomeação efetiva do dito professor que V. Excia o nomeou.

[neste trecho o documento está incompreensível]

Janeiro a março ficou um saldo da receita como pode se verificar na thasouraria da Fazenda, pelas folhas dos empregados do trimestre de janeiro a março do corrente anno.

É o que me [incompreensível] informar a V. Excia a respeito do professor Booz [incompreensível]

Deos Guarde á V. Excia.

Ilmo e Exmo Snr Dr. Joaquim Bandeira de Gouvêa

D. Presidente da Provincia de Santa Catharina.

Directoria das Colonias Principe Dom Pedro e Itajahy, em serviço dos [incompreensível] na cidade de Desterro, 31 de Julho de 1871.

Ilmo e Exmo. Snr.

Tenho a honra de submeter a consideração de V. Excia. o orçamento para as despesas das Colonias a meu cargo, no mês de agosto próximo, encuanto não se organiza um orçamento Geral das obras das Colonias, conforme as instruções do Governo Imperial. Neste orçamento incluir 30\$000,000 [incompreensível] dois professores de Escolas na Colonia

Principe D. Pedro e 300\$000 para uma Capella Catholica na mesma Colonia, podendo lançar mão das tabuas da Capella já [incompreensível] para a construção da nova. Rogo a V. Excia aprovar estes dous melhoramentos que são de indispensavel necessidade.

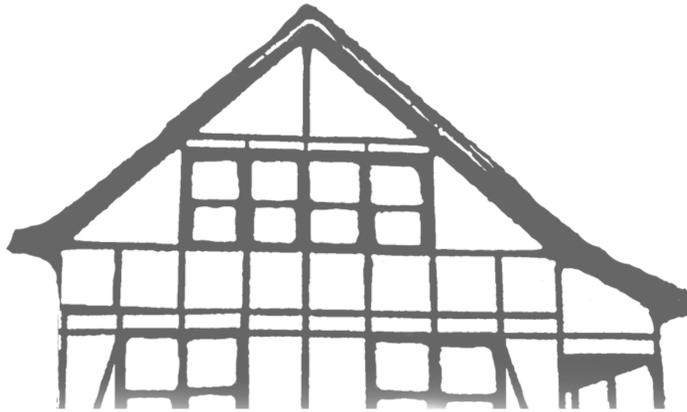
Deos Guarde á V. Excia.

Ilmo e Exmo Snr Dr. Joaquim Bandeira de Gouvêa

D. Presidente da Provincia de Santa Catharina.

João Detsi

Director



Casa de Brusque

Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim

Relatório de Atividades durante o ano de 2017

Visitas de escolas: 21 grupos da rede municipal, estadual e particular de Brusque e região.

Pesquisas: 27

Visitantes: 840 pessoas (assinaturas no livro de visitas)

Exposições e eventos diversos

Maio:

Exposição referente à Semana Nacional de Museus.

Junho:

Evento de encerramento do primeiro semestre do curso de Design Moda da Assevim.

Julho:

Lançamento de livro “Arranjos Produtivos Locais”, do professor universitário Amilton Fernando Cardoso.

Atividades Diversas

Junho

Reunião com Jornal “O Município”.

Julho

Reunião com Prisma Cultural.

Participação no Lançamento do projeto da UNIFEBE em parceria com a família Renaux, “Vila Renaux”.

Assinatura do Convênio entre Museus e Fundação Cultural de Brusque/Prefeitura Municipal.

Agosto

Participação na reunião do Conselho Municipal de Cultura.

Convocação dos proponentes contemplados do Prêmio Elisabete Anderle - assinatura do contrato.

Setembro

Filmagem da Prime Filme para projeto aprovado pelo FMCB.

Participação no “Conversando sobre Museus”, na cidade de Itajaí.
Tema: Elaboração do Plano Museológico.

Novembro

Semana da Consciência Negra. Mesa redonda na Casa de Brusque, promovido pela Fundação Cultural de Brusque.

Lançamento da edição nº 65 do Anuário Notícias de Vicente Só Brusque e Região, financiado pelo Fundo Municipal de Cultura de Brusque. Local: Villa Renaux.

Projetos Contemplados durante o ano de 2017

Casa de Brusque foi contemplada com o Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura 2017, com o projeto “Elaboração do Plano Museológico do Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim SAB/Casa de Brusque”, no valor de R\$ 20.000,00.

Projeto enviado ao Fórum da Comarca de Brusque “Traços urbanos: preservação e difusão dos mapas históricos de Brusque”, onde foram higienizados e restaurados 190 mapas históricos de Brusque e região, no valor de R\$ 10.000,00.

Relatório dos assuntos tratados durante as reuniões mensais da entidade

Reunião Mensal Ordinária realizada no dia a 20 de fevereiro de 2017:

- Leitura e aprovação da Ata da reunião anterior;
- Prestação de contas;
- Portal de Transparência no site;
- Regimento Interno;
- Notícias de Vicente Só: edição 2017;
- Eleição 2017;
- Assuntos gerais.

Reunião Mensal Ordinária realizada no dia 03 de abril de 2017:

- Leitura e aprovação da Ata da reunião anterior;
- Apresentação de voluntária;
- Prestação de contas, relatório de atividades do ano de 2016 e Portal da Transparência;
- Notícias de Vicente Só: edição 2017;
- Eleição 2017;
- Regimento Interno;
- Assuntos gerais.

Assembleia Geral Ordinária realizada no dia 24 de abril de 2017:
Prestação de contas do ano de 2016;
Relatório de atividades do ano de 2016;
Eleição da diretoria para o biênio 2017/2018;
Assuntos gerais.

Reunião Mensal Ordinária realizada no dia 22 de maio de 2017:
Leitura e aprovação da Ata da reunião anterior;
Prestação de contas;
Depreciação do patrimônio;
Convênio CREAS;
Eventos junho e julho (proposta Lieza Neves, Fundema e Assevim);
Projetos;
Anuidade 2017;
Regimento Interno;
Assuntos gerais.

Reunião Mensal Ordinária realizada no dia 26 de junho de 2017:
Leitura e aprovação da Ata da reunião anterior;
Prestação de contas;
Depreciação do patrimônio;
Convênio Jornal O Município;
Projetos;
Assuntos gerais.

Reunião Mensal Ordinária realizada no dia 31 de julho de 2017:
Leitura e aprovação da Ata da reunião anterior;
Prestação de contas;
Reunião Sérgio Valle: Projetos;
Contrato de Locação;
Assuntos gerais.

Reunião Mensal Ordinária realizada no dia 28 de agosto de 2017:
Leitura e aprovação da Ata da reunião anterior;
Prestação de contas e convênio Prefeitura;
Sérgio Valle: Proposta;

Projeto Recicle;
Assuntos gerais.

Reunião Mensal Ordinária realizada no dia 25 de setembro de 2017:
Leitura e aprovação da Ata da reunião anterior;
Prestação de contas;
Site da Casa de Brusque;
Regimento Interno;
Relações públicas;
Projetos: relatório;
Assuntos gerais.

Reunião Mensal Ordinária realizada no dia 30 de outubro de 2017:
Leitura e aprovação da Ata da reunião anterior;
Projeto Brusque memória: portal virtual (apresentação de Paulo Morelli);
Prestação de contas;
Utilidade Pública Estadual;
Projeto Elétrico;
Assuntos gerais.

Reunião Mensal Ordinária realizada no dia 20 de novembro de 2017, na sede da Casa de Brusque, sita à Avenida Otto Renaux, nº 285, para deliberar sobre os seguintes assuntos:
Leitura e aprovação da Ata da reunião anterior;
Prestação de contas;
Lançamento do Anuário Notícias de Vicente Só;
Assuntos gerais.

Brusque, janeiro de 2018.



Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim - SAB/Casa de Brusque

A Sociedade Amigos de Brusque e de apoio ao Museu Histórico do Vale do Itajaí – SAB/Casa de Brusque, fundada em 4 de agosto de 1953, é uma instituição privada, mantida pelos associados e subvencionada, em parte, pelo Município de Brusque. Reconhecida de utilidade pública pelas Leis Municipal nº 73, de 9 de março de 1954 e Estadual nº 1162, de 12 de novembro de 1954.

A entidade é a mantenedora do Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim, aberto ao público em 1971 e que conserva extenso e valioso acervo documental da história de Brusque.

A Casa de Brusque conserva, também, importante acervo fotográfico da arquitetura, da paisagem urbana e rural, da vida comunitária e do povo brusquense, além de peças de valor histórico e artístico-cultural.

Além do seu importante acervo histórico, a Casa de Brusque edita semestralmente a Revista Notícias de Vicente Só, que tem se constituído num espaço de discussão, de análise crítica e de publicação de dezenas de artigos científicos, produzidos por historiadores e pesquisadores

sobre a História de Brusque e do Vale do Itajaí-Mirim.

O historiador Ayres Gevaerd e um grupo de Amigos amantes da cultura, das tradições e da história de Brusque, foram os grandes idealizadores e fundadores da SAB e do seu Museu Histórico. Graças ao persistente trabalho desse grupo pioneiro, foi possível reunir o valioso acervo, hoje à disposição da comunidade brusquense para visitas e pesquisas.

Ao longo dos seus 60 anos de existência e cumprindo uma de suas finalidades estatutárias, a Casa de Brusque tem mantido parcerias com segmentos da comunidade e disponibilizado seu espaço museal para a realização de diversas ações relacionadas à história e à cultura de Brusque. Tem participado, também, de forma ativa, dos principais eventos e movimentos de caráter histórico e cultural realizados em Brusque.

Endereço: Avenida Otto Renaux, 285. Bairro São Luiz - Brusque/SC
- Cep: 88351-301. Fone: (47) 3351-2132. Horário de funcionamento:
terça a sexta-feira das 8 às 12 horas e das 13 às 17 horas. Segundas-
-feiras, das 13 às 17 horas.

Acompanhe: www.casadebrusque.com

Facebook: Casa de Brusque



Instituto Aldo Krieger (IAK)

Criado em 5 de julho de 2002, um ano antes das comemorações do Centenário de Nascimento de Aldo Krieger, o Instituto Aldo Krieger (IAK) está estabelecido em sua sede própria, na casa do maestro brusquense. Trata-se de uma sociedade de direito privado, sem fins econômicos, que tem como objetivos: executar, promover, fomentar e apoiar atividades de manutenção, conservação e divulgação da obra e acervo do compositor, bem como promover, fomentar e apoiar atividades culturais. O IAK foi declarado de Utilidade Pública (lei 3.029, de 2007), e tem realizado atividades culturais regularmente, estando aberto à visitação com agendamento prévio desde a sua fundação.

O Museu Casa de Aldo Krieger localiza-se na rua Paes Leme, 63,

Centro, Brusque/SC, e fica aberto de segunda a sexta das 14h às 18h. Para mais informações, consulte o site: www.iak.org.br . Fone: (47) 99972-1735. Fonte: Divulgação IAK.

Quem foi Aldo Krieger

Nasceu em Brusque – SC em 5 de julho de 1903. Muito cedo se apaixonou pela música, que o acompanharia por toda a vida, como músico, compositor e regente. Aos oito anos tocando bandoneon, já acompanhava e substituíva seu professor nas músicas, que animavam o cinema mudo. Na adolescência, dominava a execução além do bandoneon, o violino, o violão, a clarineta entre outros instrumentos. Em 1929 organizou o Jazz Band América, formado por mais quatro irmãos, dois tios e três primos. Dirigiu a Banda Musical Concórdia e organizou e dirigiu vários corais religiosos e de jovens da comunidade. No Rio de Janeiro, em 1953, fez no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico um curso intensivo, onde foi aluno de Villa-Lobos. Foi professor de música e de canto orfeônico em várias instituições. Em 1956 fundou o Conservatório de Música de Brusque, onde foi diretor e professor. Em 1961 foi convidado a assumir a direção da Associação Coral de Florianópolis, permanecendo na Capital do Estado até 1972, onde veio a falecer.



Museu Arquidiocesano Dom Joaquim

O Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, também conhecido como Museu de Azambuja, teve sua origem de fato em 1933, com o recebimento de uma pequena coleção particular de propriedade do Sr. Joca Brandão em troca da gratuidade dos estudos de um de seus filhos no Seminário Menor Metropolitano Nossa Senhora de Lourdes.

A instituição foi aberta ao público em 3 de agosto de 1960, com a apresentação de um dos mais ricos acervos em exposição no Estado de Santa Catarina. Atualmente, é o maior museu de arte sacra do sul do Brasil.

O acervo também possui objetos voltados para a história natural e história da imigração de Brusque e de Santa Catarina.

Localizado no bairro Azambuja, município de Brusque, o Museu foi o primeiro em seu gênero e especificidade instalado no extremo sul do país, sendo ainda único entre as demais instituições museais.

A magnitude de sua coleção atual, estimada em quatro mil peças, associada à monumentalidade da edificação que o abriga, faz do Museu

Arquidiocesano Dom Joaquim hoje uma presença ímpar na história da preservação cultural em Brusque e Santa Catarina.

O grande elo cultural entre o museu e a sociedade está no movimento de frequentadores e estudantes, que advém ao museu para buscar o saber sobre nosso passado.

Endereço: R. Azambuja, 960 - Azambuja, Brusque - SC, 88353-460

Contato: (47) 3396-0296

Visite: <https://azambuja.org.br/museu/>